CESAR DE LACERDA

HOMENS E FERAS

DRAMA ORIGINAL

EM TRES ACTOS E UM PROLOGO

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ
NO THEATRO DE D. MARIA II, NA NOITE DE 29 D'ABRIL
DE 1874

EDITORA
LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA
DE

JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO
15, RUA DO ALMADA, 17
PORTO

A. A. DA CRUZ COUTINHO
75, RUA DE S. JOSÉ,
RIO DE JANEIRO

1874

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

—

1874

AO ILLUSTRE DRAMATURGO

O

EXCELLENTISSIMO SENHOR

MANOEL PINHEIRO CHAGAS

O. D. C.

O author.

PERSONAGENS DO PROLOGO

O MORGADO D'ALIFÃES.........	58 annos.	—	*Maggioli.*
AMELIA, sua filha............	20 »	—	*Falco.*
O CONDE D'ALBENZIL, capitão de mar e guerra..............	50 »	—	*Theodorico.*
D. JOÃO D'ALENCAR...........	25 »	—	*Santos.*
PADRE JOSÉ DA NATIVIDADE, abbade em Alifães............	45 »	—	*A. Pedro.*
DOUTOR ALFREDO DE SOUSA, delegado.....................	26 »	—	*C. de Lacerda.*
GENOVEVA, governante........	46 »	—	*E. Candida.*
ANTONIO ANTUNES, caseiro.....	38 »	—	*C. de Lima.*
FRANCISCO, trabalhador........	30 »	—	*J. Maria.*

A scena passa-se n'uma aldêa, entre Monção e Melgaço, na provincia do Minho. — Época 185....

INTERLOCUTORES DOS ACTOS

PERSONAGENS REAES	PERSONAGENS METAPHORICAS	ACTORES
O CONDE D'ALBENZIL, contra-almirante, 70 annos.............	O domador de féras.	— *Theodorico.*
AMELIA DE ALIFÃES, mulher do visconde, 40 annos..........	A leôa...........	— *Falco.*
MARGARIDA, sua irmã, 30 annos..........	A aguia..........	— *E. Adelaide.*
ADELAIDE D'ATHAYDE, irmã de D. João de Athayde, 22 annos.	A gazella.........	— *A. Vieira.*
D. JOANNA DE SOUSA, mulher de Christovão, 40 annos......	A panthera........	— *Barbara.*
D. JOÃO DE ALENCAR, filho do conde, 45 annos.............	O leão............	— *Santos.*
D. CARLOS DE ALENCAR, idem, 38 annos...............	O cavallo arabe....	— *Alvaro.*
ALFREDO DE SANDÚVAL, addido de embaixada, 46 annos..	O tigre............	— *C. de Lacerda.*

PERSONAGENS REAES	PERSONAGENS METAPHORICAS	ACTORES
PADRE JOSÉ DA NATIVIDADE, capellão do conde, 65 annos....	O crocodilo........	— *A. Pedro.*
COMMENDADOR ANTUNES, banqueiro, 58 annos.............	O urso............	— *C. de Lima.*
CHRISTOVÃO DE SOUSA, procurador, 50 annos.............	A raposa..........	— *Gil.*
BARÃO DE REGALINHOS, proprietario, 36 annos..............	O macaco..........	— *Moniz.*
JOÃO D'ATHAYDE, empregado publico, 43 annos.............	O gato............	— *Brazão.*
ROMÃO, escudeiro, 40 annos.............		— *Sousa.*
1.º OFFICIAL DE JUSTIÇA, 50 annos........		— *Dias.*
2.º DITO, 40 annos......................		— *Azevedo.*

CRIADOS DO INTERIOR, TRINTANARIOS E LACAIOS, PEDREIROS E TRABALHADORES

Em Lisboa. — Anno de 187....

PROLOGO

Sala de visitas no antigo solar d'Alifães; portas envidraçadas ao fundo, abrindo para uma varanda, que figura descer aos lados para o pateo; portas lateraes. Mobilia pesada e antiga: grande fogão com espelho; um piano de mesa: uma secretária; um grande armario. Pelo fundo, ao longe, vê-se parte do rio Minho, e os casaes e mattas da Galliza na outra margem. — Ao cahir da tarde.

SCENA I

Alfredo, depois Genoveva

ALFREDO (*entrando pelo fundo*) — Nada! é que seguramente ainda não voltaram. Pois se foram ao casal d'Almoenda, tinham tempo de... (*Passeando agitado*). Que se terá passado? Ora! o que é natural... *priminhos!* Se eu vejo afundarem-se-me de vez tantas esperanças! Se se me desmorona este formoso edificio, que na imaginação construi!... O demonio do Antunes fallaria verdade? Fallou; fallou, que aquillo é ave de mau agouro! O bem não dirá elle, mas o mal... Parece que estou sobre brazas. (*Toca phreneticamente ùma campainha*). Se a governañte me podesse informar... O diabo é que

lhe não sou muito sympathico, pelo que me conta a pequena. Em fim, vejamos.

GENOVEVA (*vestida á moda das lavradeiras do Minho*) — Ah!! *bossa* senhoria por cá, senhor *doitor* delegado! Por onde entrou?

ALFREDO — Pelo portão do pateo, é claro; estava aberto...

GENOVEVA — E que ausencias foram estas, senhor *doitor*? Ha oito dias...

ALFREDO — Fui em serviço a Valença, e por lá tive que fazer até hontem.

GENOVEVA — Alguma prisão?

ALFREDO — Pois está de vêr. Diga-me, snr.ª Genoveva...

GENOVEVA — Olhe que tambem está uma *bida* essa! Eu não sei como *bossa* senhoria não tem *arreceio* de que lhe façam alguma ahi por essas *biellas* e matagaes!

ALFREDO — Sou pouco medroso. Mas diga-me cá, snr.ª Genoveva: os senhores ainda não vieram?

GENOVEVA — *Ágora!* Sabe Deus quando *boltarão!* Foram aonde ó *Jerolimo,* ao casal d'Almoenda.

ALFREDO — A menina tambem?

GENOVEVA — Pois! Foi o senhor morgado, com a menina e a *male* os primos.

ALFREDO (*fingindo ignorancia*) — Primos! quaes primos?

GENOVEVA — Ai, pois *debéras* ainda não sabeis as *nobidades*?

ALFREDO — Que novidades? Não sei, não.

GENOVEVA — Pois *hai-as* e de truz! *Haberá* cinco dias... (*estabamos* á cêa por signal) sentimos grande tropel de *cabalgaduras* (com sua licença) e quem *habéra* de ser? Uma tropa de alguns seis ou sete *caballarias,* que, por minha saude juro, *inté*

eu cuidei que fosse cousa de soldados para *aboletamento*, como quando foi da *Maria da Fonte*. *Bai, ó dispois*, sem mais *tir-te* nem *guar-te*, trepam-me por aquellas escadas a *riba*, dous *senhoraços*... que lá bem apessoados são elles, isso são; tanto o *bélho*, como o moço, são pessoas que bem se *bê* logo muito *agraduadas* lá pelo Porto, ou Lisboa, que tambem não sei...

ALFREDO (*impaciente*) — Sim, sim, mas a final?

GENOVEVA — A final... entraram: o senhor morgado *botou-se* logo a elles, tratou-os muito bem, que *inté* tanto que cá estão hospedados, sim senhor.

ALFREDO — Parentes, hein?

GENOVEVA — Pelos modos são primos; que eu logo *bi* com aquella *prosápia!*... Olhe, o *bêlho* é conde; conde de... de... Ai! é um nome *arrebesado*, que me não chega a lingua. O *oitro* é moço, muito moço ainda, mas um *cachôpo* de feição! Só o que elle ri, aquelle *dialho!*

ALFREDO — Mas... o que vem elles cá fazer, ó snr.ª Genoveva? Sabe?

GENOVEVA — *Ágora* sei! Como *habéra* de saber?

ALFREDO — Ora adeus! Vossemecê, que tem tanta confiança com o senhor morgado, com a menina... Vossemecê, que é consultada em tudo que se faz n'esta casa...

GENOVEVA — Pelas alminhas que nada sei, senhor *doitor*. Consultada, eu?! *Boa!* Isso já foi tempo; agora... *Nanja* lá, o senhor morgado; esse sempre gosta de me *oubir;* mas a menina... (*com malicia rude, olhando-o de revez*) essa que lhe importa a ella com esta *probe belhota!*

ALFREDO (*comsigo*) — Bem te entendo! A final continúo a estar sobre brazas!

GENOVEVA (*que subiu durante o á parte, descendo a scena*) — Ahi *bem*...

ALFREDO (*voltando-se rapidamente*) — Elles!?...

GENOVEVA — *Ágora!* Inda é cedo. O senhor abbade.

SCENA II

Os mesmos e o Padre José

PADRE JOSÉ (*ao fundo*) — *Pax vobis!*

GENOVEVA (*indo beijar-lhe a palma da mão quasi de joelhos*) — Amen, snr. abbade.

PADRE JOSÉ (*descendo*) — Olá!... (*Estendendo a mão ao doutor*). Ora até que chegou o nosso parceiro do *voltarete!*

ALFREDO (*visivelmente preoccupado*) — Como está, senhor abbade?

PADRE JOSÉ — Melhor que a Deus mereço, doutor. E v. s.ª que fez por lá? Foi a Valença, creio eu?

ALFREDO — Fui; um corpo de delicto.

GENOVEVA — Algum defunto, senhor *doitor?*

ALFREDO — Sim; mataram um homem.

GENOVEVA (*benzendo-se*) — *T'arrenego!* Ellè ha gente para tudo, *loubado* seja o Senhor!

PADRE JOSÉ (*sentando-se*) — Safa! Venho derrancado! O demo da mula, com a mosca, ninguem lhe pára em cima! O' snr.ª Genoveva, haverá por cá uma gota de caldo fresco?

GENOVEVA (*comsigo*) — Começa o lambareiro! (*Alto*). O *Antoino* e *male* o *Zé Cabaça* foram-se *in'agora á trunchuda:* se não está prompto, não tarda. Eu *bou-me ás certãs,* senhor abbade, e d'uma *bêz lo* trago aqui. Com licença, senhor *doitor*. (*Baixo, passando por elle*). A menina diz que não se *bá* sem lhe fallar... Está... desesperada a moça! (*Sahe para o interior*).

SCENA III

Alfredo e o Padre José

ALFREDO (*comsigo*) — E' o que eu disse! Creio que a cousa é certa! (*Alto, sentando-se junto do padre*). Com que então, snr. padre José da Natividade, temos por cá hospedes de... do Porto, ou de Lisboa?

PADRE JOSÉ — De Lisboa doutor, de Lisboa; *alfacinhas* como nós.

ALFREDO — Parentes, hein?

PADRE JOSÉ — Parentes: o conde d'Albenzil, e o filho.

ALFREDO — O conde...?

PADRE JOSÉ — D'Albenzil; homem! o morgado bastantes vezes nos falla por ahi no seu primo conde.

ALFREDO — Ah! sim; tenho idéa. Veem passear, não?

PADRE JOSÉ (*duvidosamente*) — Hum!... passear n'este tempo... Estamos em meados de outubro... (*Tomando a sua pitada*). Aqui ha cousa!

ALFREDO — Cousa! que cousa?!

PADRE JOSÉ — Homem! eu sei lá!... mas desconfio...

ALFREDO (*vendo-o calar-se*) — O quê?...

PADRE JOSÉ — Aquillo é... a demanda.

ALFREDO — Pois não estava a decidir-se?

PADRE JOSÉ — E decidiu: os senhores do supremo tribunal acharam... não sei o que no processo e annullaram-no. Voltou tudo á primeira instancia.

ALFREDO (*contrariado*) — No fim de seis annos de litigio!...

Padre José (*rindo*) — Tem graça vossê admirar-se, sendo do officio! O que os senhores da justiça fazem, não faz o demo!

Alfredo — Então, parece-lhe que o conde...

Padre José — Homem! cartas na mesa e jogo franco! Vossê ainda não percebeu o que quer dizer esta visita... inopinada?

Alfredo — Eu não, mas suspeito.

Padre José — Pois tem razão.

Alfredo — Razão... porque?... Adivinhou-me o pensamento?

Padre José — E' facil. Repito: cartas na mesa! Vejo o seu casamento a ir-se por agua abaixo, meu querido doutor.

Alfredo (*accentuando*) — E por consequencia os meios de alcançar o seu abbadado em Braga ou no Porto?

Padre José — Porém... comprehende que eu não sou culpado?

Alfredo — Não o accuso... Mas então disse?...

Padre José — A historia creio que é simples: Os homens enfastiaram-se dos taes seis annos de demanda; viram que a dança ia começar de novo; estavam fartos de gastar dinheiro, tempo e paciencia, e creio que imaginaram compôr-se. Ora aqui está o negocio. Metade que toque a cada um, é questão de quarenta e tantos contos. Julgo que fazem bem. Não acha?

Alfredo — De certo; e, talvez, um casamento...

Padre José — Entre os primos? para mim é ponto de fé... quero dizer, hão-de tental-o.

Alfredo (*levantando-se e passeando agitado*) — Por consequencia, adeus menina Amelia, herança e...

vam dous; era mathematico. E não seriamos os primeiros...

Alfredo — O que?

Padre José — Nada, nada! Cal'-te, bocca! Esse alvitre é... é alvar; tenha paciencia.

Alfredo (*assustado*) — Espere! Parece-me que sinto bulha!...

Padre José — Serão elles? Agora veja se disfarça... Eu cá estou para o ajudar.

Genoveva (*correndo com uma grande malga de caldo*) — Aqui tem o caldo, senhor abbade; e ahi *bem* os senhores.

Padre José (*empurrando-a*) — O' santinha! tire-se-me d'aqui com essa malga! Diante dos *alfacinhas*... um conde... parece feio...

Genoveva — *Ágora* parece! *Non* que elle está que *inté* os anjos o podem comer!

Padre José — Pois coma-o vossê, creatura! Deixe-me!

Genoveva (*comsigo*) — Ai! que *mafarrico* faria mal ao senhor abbade! (*Sahe*).

SCENA IV

Os mesmos, o Morgado, o Conde, D. João e Amelia (todos em trajos de jornadear)

O Morgado (*ao fundo, na varanda, fallando para baixo*) — O' Antonio Antunes!... e tu, ó Pinote! Olhai lá que esses animaes me fiquem pensados já, e arraçoados na estrebaria pequena. Tomai cuidado com a mula branca e mais o russilho, que não fiquem ao pé do cavallo do meu primo conde! Atiravam-lhe pelo caminho como uns damnados, o demo dos burros! (*Descendo com os*

mais personagens). Vá, vá, toca a sentar. (*Movimento geral; uns sentados outros de pé*).

AMELIA (*baixo, passando rapidamente junto d'Alfredo*) — Ainda bem que chegou! Preciso fallar-lhe.

ALFREDO (*o mesmo*) — Bem sei. Hoje, ás dez horas... no jardim.

D. JOÃO (*comsigo, observando os dous*) — Olá!

MORGADO (*vendo-os*) — Ah! já por cá temos o nosso abbade... e tambem o doutor!... Bravo!... Passaremos hoje uma noite menos mal! Mas... agora reparo que o meu primeiro dever é apresental-os. Não façam caso! Isto de quem vive na aldêa... (*Para o conde*). Primo conde (*indicando o padre*) este é o senhor padre José da Natividade... (*Rindo abrutadamente*). Ah!... ah!... ah!... Nome de embirração! hein, primo?

PADRE JOSÉ (*submissamente*) — Senhor morgado!...

MORGADO — E' o nosso abbade de Alifães: bom homem; tem só um defeito; gosta pouco de jejuar! Ah!... ah!... ah!...

PADRE JOSÉ — Perdão, senhor morgado: quando a igreja manda...

MORGADO — Ora deixe-se de *lérias,* padre! (*Para o conde*). Isto é um comilão de marca maior! E olhe que o *verdascão* tambem lhe não faz cara! No fim das contas tem uma grande virtude! (*Com malicia*). A *iama* d'elle... já fez setenta *iannos*.

PADRE JOSÉ (*com modestia affectada*) — Então, senhor morgado!... Olhe a menina!...

D. JOÃO (*baixo para o padre*) — Não deixa fallar ninguem o primo!

CONDE (*o mesmo, sorrindo*) — Aspira a deputado, verás.

MORGADO (*para elles*) — Agora aqui vos apre-

sento tambem outra notabilidade da terra. (*Mostrando-lhes o doutor*). O snr. doutor Alfredo de Sousa, delegado do ministerio publico cá na comarca, e...

Alfredo (*sorrindo-se, depois de comprimentar os dous, respeitosa, mas friamente*) — Fique-se por ahi, senhor morgado, faça favor. Receio alguma qualificação... peor do que a do abbade.

Morgado — *Agora* receia! Não que eu de si não tenho a acrescentar se não que dizem por ahi, — o administrador do concelho, o boticario, o alveitar, e o medico — que o doutor tem talento lá para essas cousas de justiça. Eu cá não sei; para mim tem um grande defeito.

Alfredo (*sorrindo*) — Ora! presentia-o!

Morgado — Escute lá! não é nada ruim, no fim das contas. (*Para o conde e filho*). Não sabe caçar! Confessou-me est'outro dia, que nunca deu um tiro na sua vida! Ah!... ah!... ah!...

D. João (*comsigo*) — Como a priminha corou!

Conde (*para o morgado*) — Vejo que o primo é amador...

Morgado (*sentando-se*) — Sou damnado! e affirmo-lhe que por estas doze leguas em redondo não ha quem me *leve as lampas* ás perdizes e aos coelhos! Hein, padre abbade?

Padre José — E' eximio o senhor morgado nos exercicios venatorios.

Morgado — Com esta idade, primo conde, olhe que n'isso... e n'outras cousas mais... (*Rindo brutalmente malicioso*). Eh!... eh!... eh!... Hein? que diz, padre?

Padre José — Não sei a que outras *cousas mais* v. exc.ª se refere.

Morgado — Maganão!... não sabe!... ah!... ah!... Está bom, nem eu.

PADRE JOSÉ (*baixo para Alfredo*) — Ha muito tempo que não o vejo tão folgazão!... Será effeito d'algum convenio definitivo com os primos?

ALFREDO (*baixo*) — Tenho vontade de o morder!

MORGADO (*para a filha, que está sentada junto de uma mesa, folheando machinalmente um livro*) E tu não dizes nada, Amelia? Vamos, faze-me as honras da casa aos parentes. (*Para D. João*). E vossê, primo visconde, vá para a beira d'ella, que isto de môças só *desembucham* quando *papagueiam* com os rapazes.

D. JOÃO (*indo sentar-se junto da prima*) — Receio contrarial-a: noto que é dotada de um caracter tão melancolico!...

MORGADO — *Ágora é!* Não, que ella nunca teve *solitaria*, nem cousa que tal se parecesse.

ALFREDO (*baixo para o padre*) — Que bruto!

PADRE JOSÉ (*baixo*) — Amen! (*O morgado falla baixo com o conde; Alfredo com o padre, mas sem tirar os olhos dos outros dous personagens*).

AMELIA (*para D. João*) — Enganou-se, primo: não sou melancolica; mas, como a franqueza é-me qualidade nativa, creio eu, digo-lhe que me sinto deveras contrariada com aquelle genio do papá! O primo desculpa-o, sim?

D. JOÃO — Mas, minha prima, sympathiso até muito com aquelles modos joviaes do primo morgado, creia. Ha o que quer que seja de patriarchal n'essa alegria campezina, de que nós, rapazes das grandes cidades, nem sequer formamos idéa. E... atrever-me-hia a fazer-lhe uma pergunta?...

AMELIA (*sorrindo*) — Atrever-se?! Acho nimiamente delicado o verbo, quando acaba de fallar na franqueza campezina. Que me quer perguntar?

D. JOÃO — Aonde foi educada, minha prima?

AMELIA — Em Lisboa, até aos dezoito annos.

D. JOÃO (*machinalmente, como achando uma explicação*) — Ah!...

AMELIA (*rindo*) — Que — ah! — tão pouco agradavel para o magisterio da nossa provincia!

D. JOÃO (*rindo tambem*) — Perdoe-m'o, por ella! Em compensação foi um — ah! — muito honroso para a minha terra. As prendas, espirito e conversação de minha prima, são-lhe diplomas d'alta valia.

AMELIA — Ih! Jesus! que lisonjeiro é!

ALFREDO (*baixo para o padre*) — Estou...!

PADRE JOSÉ — Sobre brazas, bem sei. Olhe não ferva em cachão!

ALFREDO (*comsigo*) — Vai para o diabo! (*Não se podendo conter, senta-se junto de Amelia, e fallam baixo os tres*).

PADRE JOSÉ (*comsigo*) — Presagío tempestade! Convém agradar ao conde, pelo sim, pelo não. (*Vai sentar-se junto do morgado e do conde*).

MORGADO (*vendo-o, e como continuando a conversação*) — Ah! é verdade! Aqui tem o abbade, que já leu mais de uma vez as instituições d'esses vinculos.

CONDE (*sorrindo*) — E' desnecessario evocar testemunhos: conheço perfeitamente as nossas duas arvores geneologicas. Aqui era a vacillação sobre os direitos de *representações* e nada mais. Foi o que alterou a ordem toda do processo, quando no supremo tribunal o meu advogado fez notar essa circumstancia. E' por tanto claro que...

MORGADO — Homem! sabe que mais? o que lá vai, lá vai! — Tudo isto de demandas, de justiças, de... do diabo! — é tudo uma sucia de comilões, que com elles se fica um homem sem a camisa do corpo! Fizemos nós muito bem... isto é, não é cousa combinada de todo; mas...

Conde — Mas ha-de fazer-se, creio eu.

Morgado (*sorrindo maliciosamente*) — *Fará-se! Fará-se!*

Padre José (*comsigo*) — Santo nome de Deus! Que bruto!

Morgado — E depois, nós velhos!... em fim... cousas! (*De repente, olhando para a filha e para D. João*). Ó primo conde! Olhe-me para aquella parelha!

Conde (*sorrindo*) — Eu vejo alli um triumvirato.

Morgado (*não entendendo*) — Um quê? (*Para o outro*). O que é aquillo, ó padre?

Conde (*perdido de riso*) — Digo que alli, para par, sobra um.

Morgado — *Ágora* sobra. Eu fallo cá do doutorsinho!

Conde — Bem: mas dizia o morgado, que o casal da Estrella é foreiro...

Morgado — Uma bagatella! são tres quartinhos ás freiras de Monção... (*Continuam fallando baixo*).

Alfredo (*continuando a conversação*) — Ah! mas é que realmente experimenta-se uma sensação nova admirando estas formosas campinas. Assim, ao anoitecer, são deliciosas as paisagens. (*Designando o F. a D. João*). Repare: além do rio Minho estendem-se os campos da Galliza, como em parte nenhuma da provincia; mas os nossos mais ferteis, bem vê.

D. João — São esplendidos, realmente!

Amelia (*rindo*) — Sinto-me orgulhosa... por amor patrio!

D. João — Vejo agora que é bem applicado o cognome de jardim de Portugal a esta formosa provincia.

Alfredo — Inquestionavelmente.

Amelia — Quer vir á varanda, primo?

D. João — Da melhor vontade. (*Levantam-se, vão para o F., até desapparecerem por um dos lados*).

Morgado (*para o conde*) — Parece que adivinharam que desejava fallar-lhe em particular. O' abbade... (*Como despedindo-o*). Acompanhe os moços, faça favor..

Padre José — Pois não, snr. morgado. (*Comsigo*). Vai preparar a bomba!... Que effeito fará o arrebentar? (*Sahe para o F. com os mais*).

SCENA V

O Morgado e o Conde

Morgado (*levantando-se, indo certificar-se de que não o ouvem, e descendo outra vez*) — Ora, meu parente e amigo, estamos sós. E' a primeira vez que tal nos succede ha cinco dias. — Como já conhece, creio eu, sou franco, e vou abrir-me comsigo... se me permitte esse favor?

Conde — Não desejo outra cousa; aliás não teria vindo de tão longe visital-o.

Morgado — Ora pois está direito! Já que *adregou* a conhecer-nos, fidalgos de pura raça, é mister que como tal pratiquemos em proveito da casta, que não nos venha ella a ficar por ahi achatada com alguma *pebleisse* do seculo.

Conde (*sorrindo*) — Não receio: meus filhos conhecem bem a fundo a responsabilidade do seu nome.

Morgado — Historias, primo conde! Isto de rapazes... Mas, vamos á cousa, sem *linhas tortas*. O primo viu as propriedades: aquillo, dividido, per-

de metade do valor. Eu estou velho; vossê já não é criança; por tanto quem se gozará d'aquillo serão os nossos. N'uma palavra! — *conviria-lhe* o casamento dos rapazes?

CONDE — Creio que sim.

MORGADO — Crê?!... Duvída?

CONDE — E' que eu, sobre o casamento, tenho idéas um tanto ou quanto... *exoticas,* em relação ás praxes estabelecidas entre os nossos, primo. Apesar de ser marinheiro tenho a alma impressionavel pelos affectos, que nunca experimentei! Por tanto...

MORGADO (*que o escutou boquiaberto, interrompendo-o*) — O' primo! vossê parece que está lendo n'um livro! Que diabo quer dizer... (perdão, homem!) que quer dizer este modo de fallar? Deixemo-nos d'isso, que cheira a versos, que *tresanda!* Tenha paciencia com estes meus modos; mas, como se trata da felicidade dos filhos, vamos nós a fallar raso e chão, como portuguezes de lei que somos. Ponha-me de banda os affectos e todas essas *indrominas* dos livros, é vamos direitos á cousa.

CONDE (*sorrindo*) — Pois vamos.

MORGADO (*regosijado por ter achado uma palavra, que parecia procurar*) — Material!... ao material, não é como se chama?

CONDE — Pois lá vai o material. Confesso-lhe aqui á puridade, que, empenhada, e muito empenhada, a minha casa (para o que bastante concorreu a guerra civil, que terminou em 35), não me faltaram nunca recursos, felizmente, para sustentar a dignidade do meu nome e do titulo herdado; mas tambem vivi sempre muito afastado d'esses gozos inherentes á riqueza. N'uma palavra, não estou absolutamente pobre, mas muito longe de rico. Sou capitão de fragata, e em activo serviço, porque me

convém, porque necessito dos meus honorarios. Meu filho mais velho, esse que ahi está, foi a Coimbra; formou-se em medicina por gosto e vocação; tem um emprego superior n'uma das repartições do estado; espera ser brevemente eleito por um circulo importantissimo, e... em fim, vejo-o n'uma bonita carreira. O outro meu filho, muito moço ainda, tenente de cavallaria, com o seu curso quasi completo do estado maior. Em conclusão, o futuro apresenta-se-nos risonho: o presente, não. Para quem usa pintada na portinhola da sua *unica* carruagem uma corôa de conde, não nos abunda o dinheiro.

MORGADO — Mas sobra-lhe a honra, primo!

CONDE — Isso nunca sobra! — no entretanto, agradeço-lhe a idéa.

MORGADO — Pois meu querido amigo e parente; franqueza por franqueza, e é assim que eu entendo as cousas. Eu sou o avesso de si: nunca fui dado a grandezas; nunca fui á côrte mais que tres vezes; e o resultado é que, por morte de meu pai, morgado e capitão-mór d'Alifães, acheime com uma boa casa, e amontoei... amontoei, que hoje estou rico. Mas... para que, homem! Para vir por ahi um raio, um diabo, umas maleitas e eu *esticar* a perna. Não penso senão nas filhas!...

CONDE — Filhas!?

MORGADO — Sim, homem! Peccados da carne, primo! Tenho esta filha legitima, que custou a vida á mãi, coitada! — e tenho... O' primo conde!... vossê vai rir-se!... Tenho na *iama* uma pequenitita de anno e tanto... fructo prohibido!... (*Rindo*). Ah!... ah!... ah!... Eu tenho sido o diabo, primo! — Mas vamos ao caso: a Amelia, essa tem as propriedades todas, as inscripções, etc., etc. A outra, a Margaridita, que tambem lhe morreu a mãi, reconheci-a, e já lhe segurei o futuro n'uma

casa bancaria. Em chegando aos vinte annos tem para ahi os seus... trinta e cinco a quarenta contos: hein? não é mau! Agora a Amelia... a Amelia!... essa é que eu preciso tratar quanto antes de a impôr... isto é — de a casar.

CONDE — Porque... se permitte?...

MORGADO — Ora eu lhe digo. Não sou homem que *impinja* a ninguem *gato* por *lebre,* como se *acostuma* a dizer, quando trato da venda dos cevados, dos bois, e das madeiras, quanto mais quando se trata da filha! Pão-pão, queijo-queijo, em todos os negocios, é cá o meu systema. (*Vai ao F. observar se o ouvem*).

CONDE (*comsigo*) — E' quasi intoleravel! Em fim, resignação... por elle!

MORGADO (*voltando*) — O que eu lhe vou dizer, primo conde, creio que não sahirá d'ahi; e mesmo ao rapaz... seria desnecessario repetir-lh'o.

CONDE — Mas... (*Vai anoitecendo rapidamente*).

MORGADO — Ouça lá! (*Chegando-se á bocca da scena e baixando a voz*). Esta pequena, quando tinha p'ra ahi os seus dez para onze annos, começoume a padecer ataques de... de... ai! não me recordo como os medicos diziam que aquillo se chamava. Perdia os sentidos, ficava sem ciria, botava escuma pela boquita, estrabuxava que parecia esp'ritada!... Até um dia a levei a uma *benzedeira,* que se lhe não tiro a pequena das unhas matava-m'a, a grandissima bruxa!

CONDE — Eram então ataques epilepticos?

MORGADO — Nada, não: era... era... Não me recordo.

CONDE — Hysterismo, talvez? Ataques hystericos?

MORGADO — Isso mesmo! — *istetricos!* era tal qual lhe chamavam os medicos do Porto. A rapa-

3

riga... é boa *ialma,* é esmoler, é prendada; toca e canta, que nem lá na opera de Lisboa; mas a cabeça... a cabeça... aquillo não regula bem!

CONDE — Ora!... apprehensões suas: amor de pai. Acho-a, pelo contrario, tão espirituosa, tão intelligente...

MORGADO — Não, que lá isso é! Mas... creia, primo conde, a cachopa tem pancada na móla! Aquillo foi dos ataques, ou das bruxarias da excommungada curandeira! Má peste!... Tambem já morreu, que a levou a breca! Mandei dar-lhe uma sóva, que a *estafei!*

CONDE (*admirado*) — Oh!...

MORGADO (*sinceramente*) — Pois então! por cá é como se faz a justiça. Adiante. Ora eu quiz dizer-lhe isto... sim, póde ser a que a pequena, depois de casar, fique boa de todo; mas não queria que ella por lá lhe fizesse algum destempero, e que vossês contra mim se voltassem depois, e com razão.

CONDE — Pois meu primo, seja como fôr, nós estamos aqui avançando de mais. Tudo isto é hypothetico, porque se não gostarem um do outro, se não houver amor, creio que nem o primo, nem eu...

MORGADO — Amor?! *Ágora!...* O que é lá isso de amor? Tornamos aos versos? Ora adeus, parente! Isso vem depois. E como é que um mocetão d'aquelles não ha-de agradar a uma cachopa d'aquellas? E a corôa de visconde, que elle já tem? E o dote de setenta contos e *pico,* da pequena? E o futuro, quando eu morrer? Ora adeus, repito, primo! Pois havendo isto não ha-de haver isso... o tal amor, como o primo diz?

CONDE (*sorrindo*) — Nem sempre...

MORGADO — Não creio! (*Olhando para o F.*). Scio!... Elles ahi vem.

SCENA VI

Os mesmos, Amelia, Alfredo, D. João e o Padre José

D. JOÃO — E' na verdade encantadora a sua provincia, snr. morgado. Que lindas paisagens!

MORGADO (*indo a elles*) — E que montados, hein, parente? Viu o gado a recolher-se para as arribanas?

D. JOÃO (*rindo*) — Vi; tambem *me impressionou*.

ALFREDO (*baixo para o padre*) — E ainda não lhe pude dar uma palavra!

PADRE JOSÉ (*o mesmo*) — Mas... não combinou que ás dez horas...

ALFREDO — Sim: porém estou receoso de que não haja algum obstaculo. Não sei o que me adivinha o coração! (*Separam-se*).

MORGADO (*baixo para o padre*) — Parece-me que a cousa arranja-se! Trouxe a carta?

PADRE JOSÉ — Tenho-a aqui.

MORGADO — Dê-m'a cá.

PADRE JOSÉ (*passando-lhe uma carta*) — Mas... se elle sabe!...

MORGADO (*guardando-a*) — Homem! eu cá estou para o defender! Descance.

SCENA VII

Os mesmos, Genoveva e Antonio Antunes (ambos com luzes, que collocam pela scena).

GENOVEVA — Deus nos dê muitas boas noites.

*

Quando o senhor morgado quizer, a cêa está na mesa.

MORGADO — Vamos a ella! Cá os parentes hão-de estranhar a cêa tão cedo: faz bem, podeis crêl-o. Mas... a final, com a conversa, nem nos lembrámos de nos *aceiar* depois do passeio! (*Para os hospedes*). Olhai que haveis de estar necessitados de vos lavar. Eu pelo menos, tenho pó até nos olhos!

CONDE — Se nos permitte...

MORGADO — Pois não! (*Para o caseiro*). O' Antonio, alumia o senhor conde ao quarto. (*Baixo para elle*). Depois não te deites; creio que terás que fazer (*Alto*). Até já, parentes. Acompanhe-os, doutor.

CONDE — Até já. (*Sahe com o filho, com o doutor e Antonio*).

SCENA VIII

O Morgado, Amelia, Padre José e Genoveva

MORGADO (*para a criada que vai a sahir*) — O' snr.ª Genoveva, fique; tenho que lhe dizer. Feche essas portas, e venha aqui para a minha beira. (*Sentando-se*).

GENOVEVA (*comsigo, e indo fechar todas as portas*) — Bôa!...

MORGADO (*para a filha*) — Assenta-te, Amelia.

AMELIA (*admirada*) — Eu?!

MORGADO — Tenho que te dizer, filha.

AMELIA (*comsigo*) — Que será isto?... Será... (*Com um socego desnatural*). Ah! bem! e eu... mato-me.

MORGADO (*depois de silencio*) — Minha filha;

tu sabes como eu te quero cá dentro da *ialma*, e... Não é verdade, ó snr.ª Genoveva, que sou muito amigo da menina?

GENOVEVA — Credo! Pois isso *prégunta-se?*

MORGADO (*continuando*)—... Que não tenho pensado senão na tua felicidade, e no teu futuro. Este amor de pai obriga-me hoje... (*Para o padre*). O' abbade: não é verdade que o amor de pai me obriga hoje a... em fim, ao que vamos saber?

PADRE JOSÉ — De certo, senhor morgado; o amor de pai...

AMELIA (*impaciente*) — Porém... não vejo necessidade de justificar o seu affecto paternal com duas testemunhas, meu pai. Desculpe; mas está-me dando isto ares de um interrogatorio inquisitorial... (*sorrindo*) *em parodia*.

MORGADO — Em quê? O que é aquillo de *parolia*, ó abbade?

PADRE JOSÉ (*perturbado*) — E'... é... um dito espirituoso da snr.ª D. Amelia.

MORGADO (*convencido*) — Ah! bem.

AMELIA (*escarnecedora*) — Obrigada, senhor abbade.

MORGADO (*para a filha*) — Eu devia começar mostrando-te uma carta, que... casualmente, me veio parar ás mãos: uma carta...

PADRE JOSÉ (*supplicante*) — Senhor morgado!

MORGADO — Bem; no fim, se fôr necessario. Vamos direitos ao ponto. (*Com emphase*). Minha filha! (*N'um tom natural*). Ora adeus! deixemo-nos de prégações, que para ellas não tenho cabeça. O' snr.ª Genoveva, ha quanto tempo dura o namoro d'esta senhora com esse *bonifrate* do doutor?

GENOVEVA — Senhor morgado!...

AMELIA (*levantando-se indignada*) — Que rebaixamento de dignidade é este, meu pai!?

MORGADO — Mau, mau!... Não me façam *chegar a mostarda* ao nariz, que vai tudo aqui *por pé de gato!* (*Para a filha*). Sente-se.

AMELIA — Mas...

MORGADO (*mais alto*) — Sente-se, disse! (*Ella obedece*). E vossê... (*para a criada*) responda, quando não...!

GENOVEVA — Mas é que a menina fica-me depois com um odio *fidagal*, que me *exconjura!*

MORGADO — Aqui não ha odios! é tudo por bem. Responda!

GENOVEVA (*sempre com muito custo*) — O senhor *doitor* é *conversado* da menina ha... um anno, se bem me *alembro*.

AMELIA (*fingindo socego, e com muita ironia*) — Tem fraca memoria!... Fez anno e meio o mez passado.

MORGADO (*encarando-a estupidamente*) — Ah!... (*Depois de silencio, não lhe tendo comprehendido a ironia*). Ah! bem! antes quero vêl-a assim.

AMELIA — Estimo, meu pai.

PADRE JOSÉ (*comsigo*) — Isto ha-de ser bom!... (*Senta-se junto d'elles*).

MORGADO — Ha *ianno* e meio; bem: ¿E durante dezoito mezes não tem a minha filha percebido que esse moço não lhe quer bem, senão pelo seu dinheiro, pelo seu futuro, quando eu morrer?

AMELIA — Não percebi ainda isso, meu pai.

MORGADO — Não viu tambem que era um homem que de fórma alguma eu poderia aceitar para meu genro? Não lhe disse lá dentro essa *ialma* de mulher nobre, que o morgado d'Alifães, descendente de D. Sueiro Coutinho de Riba-Douro, cavalleiro do tempo do senhor rei... — Qual é, abbade?

Padre José — O snr. D. Sancho II, coevo da monarchia!

Morgado (*continuando*) — ... D. Sancho II, *cuécas* da monarchia, não póde abrir a sua porta... isto é, — não podia receber em sua casa como parente, um *João-ninguem?* um Alfredo de Sousa?

Amelia — Perdão, meu pai: ha fidalgos Sousas, e Sousas fidalgos. Outros ha que nem fidalgos, nem Sousas... d'aquelles.

Morgado (*espantado*) — Hein? Não percebo... Em fim, adiante! (*N'um tom declamatorio*). A mulher honrada, quando namora, é para matrimoniarse. Ora, como eu não quero que minha filha case com um *troca tintas* como o senhor doutor delegado, resolvi prohibir-lhe expressamente a entrada em minha casa, e á menina que continue esses amores... *asnaticos*. Tenho dito... por ora.

Amelia — E desde quando incorreu o snr. Alfredo de Sousa no seu desagrado, meu pai?

Morgado — Desde que me veio aos ouvidos esse namoro. Podia recebel-o, sental-o á mesa como visinho e authoridade da terra; mas, desde que sei que mais alguma cousa quer ser...

Amelia — E... se eu lhe tiver amor!

Morgado — Não póde ter, porque não me pediu licença para isso.

Amelia (*rindo*) — Ah! sim; tem razão. E se elle estiver verdadeiramente apaixonado por mim, a ponto de perder a cabeça, e...

Morgado (*depois de pausa*) — E... quê?

Amelia — E... fuja commigo de casa?

Morgado (*erguendo-se de um pulo*) — Estás douda, rapariga?! Mandava dar-lhe um tiro na primeira esquina! Bôa! Não me digas isso, olha que...! (*Caminhando para a porta por onde os outros sahiram*).

PADRE JOSÉ e GENOVEVA (*levantando-se e segurando-o*) — Senhor morgado!...

AMELIA (*sentada*) — Ai, deixem-no... (*accentuando*) *meus bons amigos*. Meu pai é incapaz de se esquecer, como fidalgo, dos deveres da hospitalidade.

MORGADO (*depois de silencio, vindo a ella*) — E' de razão. Mas... vamos a saber, filha: tens-lhe mesmo muita affeição?

AMELIA (*sempre com seriedade*) — Amo-o, meu pai.

MORGADO (*tornando a zangar-se*) — Mas... sem minha authorisação, rapariga?!

AMELIA (*levantando-se e passando ao outro lado*) — Outra vez... o absurdo!

MORGADO — Absurdo!! (*Baixo para o padre*). Nada! é melhor ás boas. Não tem que vêr; a moça ficou-me tonta com os malditos ataques!

PADRE JOSÉ — E' melhor por bem, é, senhor morgado.

MORGADO (*indo a ella*) — Ora vinde cá, filha; sentemo-nos. (*Fal-a sentar junto de si*). Aquelle homem não tem meios, não tem posição; é um especulador, que só te quer pelo dinheiro...

AMELIA — Será; tenho-lhe amor: que quer meu pai que eu faça?

MORGADO — Quero que... (*Outro tom*). O' snr.ª Genoveva, conte para ahi o que sabe, o que lhe tem dito esse *valdevinos*.

GENOVEVA — Ai, menina! O que o papá diz olhe que é a pura verdade! O snr. Alfredo não é o que a menina pensa. Pela minha *salbação* lhe juro...

AMELIA — Tambem vossê, Genoveva? Não a terá elle gratificado sufficientemente?

GENOVEVA (*com sinceridade involuntaria*) — Ai,

lá isso tem: mas... é que nem por isto deixarei de dizer a *berdade!* Ainda com esta ultima carta, que a menina lhe *escrebeu,* foram tantas as *gragalhadas*...

AMELIA — O que?

GENOVEVA — Sim, menina: pelas alminhas lhe juro! o moço não lhe tem affeição, como a menina cuida. Quem tem amor a qualquer não *escarnica* assim das cartas que lhe *escrebe.*

AMELIA (*ironica*) — Parece-lhe!

MORGADO (*visivelmente satisfeito*) — Ouve, ouve, filha! Ande lá para diante, snr.ª Genoveva. Conte-nos aqui tudo.

GENOVEVA — *Est'oitro* dia ainda, poz-se elle a lêr a carta que lhe eu *lebei,* e a rir-se á *sucapa*... e depois disse assim: (*imitando-o grutescamente*) «Ai, que a moça cada *bez* me *bai* sahindo mais *romantica!*»

PADRE JOSÉ — Romantica, romantica, provavelmente.

GENOVEVA — Ou isso. *O' dispois,* como eu estranhasse que elle dissesse aquillo, que logo *bi* que era cousa de *chufa,* ou mangação, pediu-me que não contasse nada, e tornou a prometter-me que, assim que casasse, do *dinheiro da pequena,* como elle diz sempre, me daria tres mil cruzados (que pelos modos bem a ser um conto e duzentos *mal* reis) para me eu estabelecer no Porto. Ora, por tudo isto bem se *bê* que o homem não pensa senão no dinheiro, e *nanja* lá, em cousas do coração.

AMELIA (*levantando-se*) — E vossê veio contar a meu pai... (*Rindo abertamente*). E' muito boa pessoa a snr.ª Genoveva! Especulava com ambos, e... Bom negocio! (*Com seriedade*). E' pena que tudo isso seja... simplesmente mentira. (*Dirige-se lentamente para o piano*).

GENOVEVA — Eu nunca minto, menina!

MORGADO (*baixo para o padre, mostrando-lhe a filha*) — Então!... já viu que modos aquelles, abbade?! (*Pondo o dedo na testa*). Ha cousa alli, ou não ha?

PADRE JOSÉ — Eu sei!... Isto de mulheres são tão dissimuladas!...

AMELIA (*que se sentou ao piano*) — O' papá; quer ouvir o *romance* que está agora fazendo *furor* no Porto? (*Preludia, e canta alguns compassos de um romance*).

MORGADO (*espantado*) — Deus me perdôe! Esta rapariga, ou está demente de todo, ou é de uma velhacaria nunca vista cá na provincia!

AMELIA (*rindo e continuando a tocar*) — Deixe-se d'isso, meu pai! Eu sei que, no fim de tudo, é muito meu amigo.

MORGADO — Lá isso sou, mas... (*Quasi colerico, vendo-a continuar*). Venha aqui já! Que maneiras são estas de responder ás cousas que seu pai lhe diz?

AMELIA (*descendo vagarosamente*) — Perdão, meu pai; julguei que já estivesse enfastiado... (*apontando para Genoveva*) d'essa... lama...

GENOVEVA — Menina...

AMELIA (*apontando para o padre*) — E d'aquelle... *D. Basilio*.

MORGADO (*não a entendendo*) — Que foi, abbade? Não faça caso... (*Para ella, tirando um papel*). Ora ouça esta carta, e veja depois o que lhe cumpre fazer. Leia lá, ó padre.

PADRE JOSÉ (*lendo*) — «Meu caro abbade!...»

MORGADO (*á filha*) — E' para elle.

PADRE JOSÉ (*continuando*) — «Ha tres dias que não vejo a pequena; dizem-me que está doente. Não sei se será cousa de cuidado, porque aquella ca-

beça não regula muito bem, e nada me escreve! Eu supponho que ella o que tem, é uma especie de *amollecimento cerebral,* que a póde levar qualquer dia. Seria o diabo para os nossos planos financeiros! Mande-me dizer o que ella tem, e quando lhe parece que devo lá ir. Alifães, 14 de setembro. Seu amigo obrigadissimo, *Sousa.*» (*Declamando*). Foi quando v. exc.ª esteve doente o mez passado, e que eu fiquei por cá algumas noites. — Ora um homem que escreve assim!...

Morgado — E' claro que...

Amelia (*que tem ficado perplexa durante a leitura da carta, e avançando lentamente para o padre*) — Essa carta será verdadeira?

Padre José — Pois julgava-me capaz!...

Amelia (*seccamente*) — De tudo. O senhor é um hypocrita. (*Arrebata-lhe a carta das mãos, afasta-se d'elles, e lê-a para si*).

Morgado (*baixo para o padre*) — Olhe que deveras vou tendo uma *asca* cá de dentro ao tal doutorzinho...! (*Ameaçador*). Ora Deus queira... Deus queira!...

Padre José (*baixo*) — Talvez que aquella carta mude a face ás cousas. Repare como ella parece commover-se!...

Amelia (*visivelmente transtornada, mas affectando serenidade, indo ao padre José e dando-lhe a carta*) — Guarde essa ignobilidade, *Tartufo!* (*Para o pai, com imperiosa locução*). Senhor morgado, depois d'ámanhã terá a condescendencia de me entregar a *legitima* de minha mãi. Quero... (*accentuando mais*) quero recolher-me ao convento de minha tia abbadessa.

Morgado — Que diz, menina?!

Amelia — Estou emancipada pela idade, meu pai; conheço a lei...

Morgado — Mas não o quero eu! N'um convento!... E esta!... Quero vêl-a viscondessa! Quero vêl-a casada com seu primo D. João!... Ora aqui está o que eu quero... para a sua felicidade, já que a menina não tem juizo para procural-a!

Amelia (*aterrada*) — Não tenho juizo... eu?!... Quem lh'o disse, meu pai?!... Ah! sim!... foi a carta de... (*Tomando-a outra vez das mãos do padre, e percorrendo-a com a vista*). E' isso, é!... Não tenho juizo, porque... (*lendo*) « supponho que ella o que tem é uma especie de amollecimento cerebral que... » (*Dando uma gargalhada terrivel*). Ah!... ah!... ah!... Que lembrança!... (*Rindo convulsiva e ironicamente*). Que idéas estas do meu excellente amante! (*Lendo mais*) «... *os nossos planos financeiros!*» (*Com um grito*). Oh! que mundo infame! que mundo ignobil! que mundo... inferno!... (*Passeando agitada*). E elle tem razão!... uma mulher... quasi douda!... uma... (*Parando de repente*). E meu pai, quer casar-me!... Eu casar! casada eu!... (*Riso cada vez mais caracteristico da allucinação*). Ah!... ah!... ah!... Casada... com outro!... (*Suffocada pelo riso nervoso, cahe desfallecida n'uma poltrona*).

Morgado (*correndo a ella*) — Ih! Jesus! acudam-lhe!

Padre José (*indo tambem a ella*) — Não ha-de ser nada. Talvez a sahida do amor, qual espirito mau, lhe produzisse aquelle effeito.

Morgado (*taciturno*) — Levem-na para o quarto, e... nem palavra a este respeito. (*Genoveva e o padre José levam-a em braços*).

SCENA IX

O Morgado, depois Antonio Antunes

MORGADO (*passeando, e depois de silencio*) — E se ella me ensandece de todo?! e se ella me morre, a minha filha!?... E tudo devido áquelle homem!... (*Depois de silencio, tocando uma campainha*). Não me tenho na conta de muito esperto, mas aquelle — *casada com outro* — entrou-me cá dentro!... Ih! Jesus! pois seria possivel que... Ora adeus! Vamos! seja o que fôr... que o leve o diabo primeiro! (*Toca outra vez a campainha phreneticamente*).

SCENA X

O Morgado, Antonio Antunes, depois Francisco

ANTONIO (*entrando*) — Quer alguma cousa, senhor morgado?

MORGADO (*sempre taciturno*) — Quero. O Francisco está ahi?

ANTONIO — Está lá em baixo, ao pé da *côrte*.

MORGADO — Chama-m'o *cá riba*.

ANTONIO (*indo á varanda e chamando para baixo* — O' Francisco! anda *cá riba* ao senhor morgado.

MORGADO (*comsigo*) — Nada! é cousa decidida! Não se vai lançar assim um inferno d'estes, em casa do morgado d'Alifães.

FRANCISCO (*entrando pelo fundo*) — *Vôas* noites dê Deus ao senhor morgado e *a male* á familia.

MORGADO — Ora venham vossês cá, rapazes.

(*Elles descem*). O' Antonio, fecha alli aquella porta. (*Designando a porta por onde os outros sahiram*).

ANTONIO (*comsigo*) — Nós temos *nobedade!* (*Fecha a porta designada*).

MORGADO — Vinde cá, moços; sois meus amigos, que bastante provas me haveis dado d'isso.

ANTONIO — Podéra não sermos! *Non,* que o snr. morgado é o pai dos *proves!*

MORGADO — *Ágora* sou! Deixemo-nos cá de tolices! Trabalhaes, pago-vos; não temos mais nada que vêr. Adiante! Por serem meus affeiçoados é que vossês ainda se não foram lá para esses *Brazis,* que com a vontade andam ha muito tempo, hein?!

ANTONIO — Lá isso é que é a *berdade* pura! O snr. morgado paga-nos *vem;* mas a gente, *com'o oitro* que diz, sempre *debe* olhar *p'ro* diante, e...

MORGADO — Sim, sim; ora pois... escutai cá. (*Os dous chegam-se-lhe mais*). ¿Vossês lembram-se do que por aqui aconteceu ha seis annos, por via das eleições?

ANTONIO (*coçando na cabeça*) — Pois não *habéra* de lembrar-nos!...

MORGADO — O fidalgo da Torre era meu parente e amigo, e queria ir para as côrtes; o outro tambem, e depois...

ANTONIO — *Non tebe dubida!* Foi o snr. fidalgo, que o *oitro*...

FRANCISCO (*rindo parvoamente*) — Ah!... ah!... Foi-se com Deus!... O demo das armas de caça!...

MORGADO — Vossês soffreram algum incommodo?

ANTONIO — *Ágora! Non,* que cá na quinta do snr. morgado *non* entra a justiça.

MORGADO — Lembraes-vos quanto vos dei por isso?

ANTONIO — Se *alembro!* Foram cincoenta moedas *p'ros dois,* que cá na minha *bida* nunca *bi* tanto dinheiro!

FRANCISCO — Nem eu. (*Rindo*). Mas o *dialho* parece que *escorregaba* das mãos d'um *home!*

MORGADO — Quando foi das cacetadas na bruxa, padecestes alguma cousa?

ANTONIO (*rindo*) — *Ágora!* quem é que fez lá caso d'aquillo?...

MORGADO — Pois bem!... (*Indo á secretária e tirando um sacco com dinheiro*). Está aqui n'este sacco um milheiro de *cruzados novos;* isto é: cem moedas para vossês, se... se me livrarem d'um homem!

ANTONIO (*coçando a cabeça*) — *Dialho!*... Com o snr. *doitor* delegado que por cá está agora...

MORGADO (*com intenção*) — O que mandou teu tio para a cadêa, por via das pauladas no Zé da Atafona, hein?

ANTONIO — Má peste mate o tal *doitor,* que por uma cousa de nada...

MORGADO — E lá está a *comer os pés com as mãos* o pobre velho ha tres mezes, não é assim?

ANTONIO — Tal qual, snr. morgado.

MORGADO — Pois meu rapazola, cincoenta moedas para este (*Francisco*), cincoenta para vós; vosso tio na rua, e carta minha de recommendação para o Porto ao meu primo juiz da Relação que vos embarcará para o Brazil, e... (*baixando mais a voz*) e dous tiros no snr. doutor delegado...

ANTONIO (*como que sorrindo-lhe a idéa*) — Ai, o *excommunicado* que m'as *bai* pagar!...

FRANCISCO (*coçando a cabeça*) — N'uma authoridade, ó snr. morgado?...

MORGADO — *Quaes* authoridade, nem *quaes* carapuça! (*Com o sacco na mão*). E' pegar, ou lar-

gar! E olhai que sois onze servos em minha casa, e ainda cá me ficam nove para vos *tosarem* muito bem, se recalcitraes!

ANTONIO (*sorrindo*) — *Vôa!* Está dito, snr. morgado.

MORGADO — Elle está cá; assim que sahir!... lá em baixo, á beira do rio, que é o caminho d'elle... (*Vai ao armario e tira duas armas: um bacamarte de bocca de sino, e uma espingarda de dous canos*). O *trabuco* está carregado a *zagalotes*, a *iarma*... duas balas de adarme 16... Toma, Antonio (*entrega-lhe o dinheiro*): pega tu, Francisco... (*Dando-lhe as armas*). Ide-vos com Deus!

ANTONIO — Elle *bai a caballo,* snr. morgado?

MORGADO — Veio no *russo* do mestre ferrador.

ANTONIO — Melhor!... O Francisco ao *caballo,* e eu... eu ao *home. Vôas* noites, snr. morgado. (*Sahem ambos pelo F.*).

SCENA XI

O Morgado, o Conde e D. João (veem ambos vestidos de preto)

D. JOÃO (*vendo ainda sahir os dous armados*) — O que é aquillo, primo? Estamos em estado de sitio?

MORGADO (*um pouco perturbado*) — O que? os dous criados?... E' o costume: de noite, cá por estes desertos... Mas agora reparo! Fostes vestir-vos de preto!? (*Meio aterrado*). Que significa isso?

CONDE (*com certa solemnidade*) — Só agora nos lembrou, meu filho e eu, de que é hoje um tristissimo anniversario para a familia. Temos por costume, n'este dia enlutarmo-nos, e toda a nossa casa, orando por... por uma santa.

MORGADO (*comsigo*) — Parece que adivinharam!... Que cousa lugubre! (*Alto*). E' então o anniversario de...

D. JOÃO — Faz hoje dezoito annos que morreu... minha mãi.

MORGADO (*apprehensivo*) — Ah!... (*Outro tom*). Onde está o doutor?

D. JOÃO — Sahiu para o pateo ha um quarto de hora. E a priminha? Já se recolheu?

MORGADO — Talvez; sentiu-se um pouco incommodada, creio... (*Afasta-se até ao F. visivelmente preoccupado*).

D. JOÃO (*baixo para o pai*) — Estranho o primo; parece-me que tem o que quer que seja, que lhe dá muito cuidado.

CONDE — E' excentrico, este homem!

SCENA XII

Os mesmos, Padre José e Genoveva

MORGADO (*indo a elles e baixo*) — E então? como está ella?

GENOVEVA (*baixo*) — Quasi boa, snr. morgado; ainda tão... Mas que petulancia! Sabe quem lá *estaba* no gabinete da menina?

MORGADO — Elle?!

PADRE JOSÉ — Justamente.

GENOVEVA — Podéra! Os quartos são ao *libel* do jardim!... E desconfio que não é a primeira *bêz* que elle lá *ientra*, o *mafarrico*.

MORGADO (*aterrado*) — Que diz vossê, mulher?!...

GENOVEVA — *Digo-le* isto, snr. morgado. Assim que entrámos, fugiu pela janella; mas eu bem n'o *bi*, olé!...

MORGADO (*como comsigo*) — Isto é uma grande desgraça, senhores!!

CONDE (*indo a elle*) — Que tem, primo, está incommodado?

MORGADO (*disfarçando a custo*) — Não é nada, parente, é que... (*Outro tom affectando jovialidade*). Vamos nós á cêa?

PADRE JOSÉ (*tambem com serenidade affectada*) Vamos a ella!

MORGADO — Se eu podesse ainda impedir!... Ora!... Em todo o caso, ou mato-a, ou vêl-a-hei com uma corôa de viscondessa! (*Dous tiros dentro, um em seguida do outro, e ao longe*).

MORGADO (*comsigo, aterrado*) — Ih! Jesus! é o meu bacamarte! conheço-o!

CONDE — O que será aquillo, primo? dous tiros!...

MORGADO — Não sei; talvez... sim, talvez algum ratoneiro das *ramadas*...

D. JOÃO — Oh! assim se atira a um homem!

MORGADO — Seja o que fôr. Vamos cêar, primos!

SCENA XIII

Os mesmos, e Amelia

(*Quarteto em surdina na orchestra: continuação do romance que ella começou ao piano*).

AMELIA (*pallida, transtornada, correndo ao pai, e agarrando-lhe nas mãos febrilmente*) — Que tiros foram estes meu pai?! Mandou... que o assassinassem, não é verdade?!

MORGADO (*perturbadissimo*) — E se assim fosse?

AMELIA (*com um grito, largando-o*) — Ai, meu pai, que mandou matar... a nossa honra!!

MORGADO — Que dizes, filha?! (*Comprehendendo-a*). Oh! infamada!... Maldita!!... (*Corre ao armario e arma-se com uma espada de jogo para ferir a filha*).

CONDE, PADRE JOSÉ, e GENOVEVA (*correndo para elle e segurando-o*) — Snr. morgado!...—Primo!...

AMELIA (*fugindo aterrada do pai, lançando-se aos pés de D. João e abraçando-lhe os joelhos*) — Oh! por piedade!... por alma de sua mãi! salve-me a vida e a honra, meu primo!!...

D. JOÃO (*profundamente commovido*) — Por alma de minha mãi!... e no dia de hoje!... (*Depois de erguer os olhos para o céo*). Ouviu-a... a santa! (*Ergue-a, e aperta-a ao peito. Ella, debulhada em lagrimas, esconde-lhe a cabeça no seio. O morgado cahe quasi desfallecido n'uma cadeira. Forte na orchestra*).

FIM DO PROLOGO

ACTO I

Vinte annos depois. Na estação dos banhos, n'uma praia proximo á foz do Tejo. Sala ao rez do chão, em casa dos condes d'Albenzil. A porta do F. abre para um pequeno jardim engradado, com portão ; para além das grades, caminho praticavel, ao longe o oceano. Mobilia rica e elegante. Fogão, espelho, piano, vasos com plantas exoticas, quadros campestres, marinhas, cortinas, reposteiros, etc., etc. — E' dia.

SCENA I

(*Ao subir o pano a scena está deserta. Tocam uma sineta ao F.; momentos depois entra Romão por um dos lados e dirige-se á porta*).

ROMÃO — Quem teremos? Visitas a esta hora!... (*Abre a porta e apparecem*):

D. Joanna, Adelaide de Athayde
e Christovão de Sousa

D. JOANNA (*para o criado*) — Bons dias, snr. Romão. Madrugámos, não é assim? Estamos tão impacientes por saber da snr.ª viscondessa!... Está melhor, não é verdade?

ROMÃO — Creio que sim, minha senhora, o medico disse que não era cousa de cuidado.

D. JOANNA (*descendo*) — Ainda bem! Ora uma cousa assim... no mar!...

CHRISTOVÃO (*com ar muito compungido*) — Que desgraça, meu Deus! Mas, na verdade, quem tem ataques d'aquelles, devia ser mais cauteloso ao entrar no banho.

D. JOANNA (*para Romão*) — Não está visivel ainda a snr.ª viscondessa?

ROMÃO — Creio que não, minha senhora, mas se v. exc.ª quer que eu diga á snr.ª D. Margarida...?

D. JOANNA — Faz favor... Desejo que saibam que somos os primeiros a... Creio que ainda não veio mais ninguem?

ROMÃO — Ainda não, alguns cartões de visita...

D. JOANNA — Bem, então faz favor...

ROMÃO — Sim, minha senhora. (*Inclina-se e sahe*).

SCENA II

D. Joanna, Adelaide e Christovão de Sousa

D. JOANNA (*sentando-se*) — Nem eu vi como aquillo foi, felizmente! Tão nervosa, era capaz de me dar tambem alguma cousa!

ADELAIDE — Mas... realmente foi deveras perigoso o caso?

CHRISTOVÃO — Se foi!... Ora imagine v. exc.ª que a viscondessa sabe nadar...

ADELAIDE — Ah! então...

CHRISTOVÃO — Mas é que...

D. JOANNA (*interrompendo-o*) — Ora!... sabe nadar!... que importa isso, quando está um mar

assim? (*Para Adelaide*). Todos nós somos muito amigos da viscondessa e por tanto podemos dizer a verdade. E' boa senhora, sympathica, excellente coração, mas... francamente! Aquella leviandade... (*emendando*) isto é, leviandade não digo bem; aquella...

CHRISTOVÃO (*acabando*) — Educação ingleza...

D. JOANNA (*desabrida*) — Qual ingleza! Foi educada em Lisboa.

ADELAIDE — Quer a snr.ª D. Joanna dizer, que aquella temeridade...

D. JOANNA — Justo, justo: temeridade... varonil. (*Rindo*). Realmente a viscondessa parece que nasceu para homem! Pois o caso foi que, vendo o mar como estava, observando que havia por alli muitas senhoras que duvidavam metter-se á agua, apesar das opiniões dos banheiros, quiz mostrar-se mais afouta do que nós todas, e... (é d'uma imprudencia!) entrou na agua sósinha, menina! E' incrivel! Uma senhora que padece d'aquelles ataques... dizem!...

CHRISTOVÃO — E foi justamente por lhe começar um, que ella esteve quasi...

D. JOANNA — Este meu marido quer saber tudo! Não foi por isso, não; disse-o para desculpar a *estroinice* de entrar assim no mar. As grandes vagas é que iam carregando com ella.

SCENA III

Os mesmos e Margarida

MARGARIDA (*correndo para Adelaide e beijando-a*) — Querida Adelaide!... (*Comprimentando os dous*). Snr.ª D. Joanna... Snr. Sousa... (*Tomam logares*). Agradecendo-lhes a sua visita, deploro que

seja por motivo de tão assustadora recordação para nós; mas nem por isto deixamos de nos considerar muito gratos. (*Para Adelaide, pouco caso fazendo dos outros personagens*). E a minha querida Adelaide tão cedo por cá! Que felicidade! Passas o dia comnosco, sim?

ADELAIDE (*beijando-a*) — Com o maior prazer! Meu irmão não me acompanhou porque sahiu cedo para Lisboa; mas, como bom visinho de ao pé da porta, encarregou-me dos seus comprimentos. Quando cheguei, encontrei-me com estes senhores... (*Designando os dous*).

MARGARIDA (*para elles com certa sequidão dissimulada*) — E' muita bondade!... Minha irmã sente não poder receber a vv. exc.as... mas o seu esdo nervoso...

D. JOANNA — Ah! de certo, depois d'um susto d'aquelles...!

CHRISTOVÃO — Nem nós pretendiamos... Mas é que a snr.a D. Joanna é tão amiga... isto é — não tem essa honra em absoluto; mas é de tal maneira affeiçoada á snr.a viscondessa, que quasi que nem dormiu toda a noite!

MARGARIDA (*com finissima ironia*) — E' de familia, vejo. O snr. Christovão de Sousa tambem é amicissimo de meus cunhados, creio eu?

D. JOANNA — Ah! é louco por elles! Nunca vi! E' quasi uma cegueira!

CHRISTOVÃO (*com grande commoção*) — Se eu lhe sou tão grato!... Principalmente ao snr. visconde... isto é — tanto quanto ao snr. conde de Albenzil! Pai e filho são uma joia!...

MARGARIDA (*sorrindo*) — Duas, quer dizer?

CHRISTOVÃO — Tres, porque o snr. D. Carlos tambem...

MARGARIDA (*rindo*) — E eu, e minha irmã...

Em fim, a sua bondade e sympathia transformou-nos a casa n'uma loja de ourives. (*Baixo para Adelaide*). São d'uma hypocrisia... parva!...

ADELAIDE (*admirada*) — Dizes-lhe cousas!...

MARGARIDA — Aquelle é como os cãesinhos; quanto mais se lhes bate, mais se chegam.

D. JOANNA (*baixo para o marido, com quem tem estado a segredar*) — Mas eu já lhe tenho dito mais d'uma vez, que é necessario muito cuidado com esta... litterata!...

CHRISTOVÃO — O' senhora! Quando o coração falla...

D. JOANNA — Ora deixe-se de phrases! Isso não é para nós.

MARGARIDA (*para Adelaide como respondendo-lhe*) — Realisou-se a caçada, sim: (*rindo*) isto é, foram todos para a caça. Não queriam ir depois da fatalidade que esteve prestes a acontecer a minha irmã; porém ella propria instou...

ADELAIDE — Por isso os não vi hoje na praia!

MARGARIDA — Foi meu primo D. Carlos, os Figueirôas, e... (ri-te, que o caso é para isso!) o barão e o commendador!

D. JOANNA — O barão de Regalinhos em trajos de caçador havia de ser delicioso!

MARGARIDA (*rindo*) — Se era! E o commendador Antunes?!... Ai, minha Adelaide! Vi-os... espreitei-os!... Eram... *unicos!* Não fazes idéa!

ADELAIDE — O Alfredo de Sandúval tambem ia com elles?

MARGARIDA — Quem é esse Alfredo de Sandúval?

ADELAIDE — Pois não o viste ha dias? Foi meu irmão que me pediu que t'o apresentasse, em quanto não obtinha permissão de o trazer aqui.

MARGARIDA — Ah! sim, um addido de embaixada, ou...

ADELAIDE — Justamente: addido da legação brazileira no Mexico.

MARGARIDA — E' isso. Não foi, não; pelo menos não o vi no grupo. (*Tornando á sua idéa*). Mas não imaginas que *excellente* ia o nosso barão! Faze idéa: meu primo emprestou-lhe o *Tigre*, sabes? O cavallo mais *brincador* que possue!

CHRISTOVÃO — Pobre barão! Cahiu por lá, com toda a certeza.

MARGARIDA (*rindo sempre*) — O commendador, com a sua imponente obesidade, foi no *Macbeth!*... (*Rindo muito*). Quasi um *poney* de senhora!... Imagina!

CHRISTOVÃO — Aquelle snr. D. Carlos é um maganão! Zombou deveras com os pobres homens, hein?...

D. JOANNA — Pois elles são para isso, na verdade! Principalmente o commendador, com aquelles seus modos e phrases minhôtas...

CHRISTOVÃO (*sorrindo*) — Oh! mais caridade, snr.ª D. Joanna! Mais caridade!

D. JOANNA (*sem lhe dar importancia*) — E' verdade que o barão... *barão de Regalinhos!* Olhem que titulo!

CHRISTOVÃO — Esse é que parece mesmo uma zombaria do governo!

D. JOANNA — A mania que aquelle homem tem de imitar tudo quanto vê, e que lhe parece elegante!... Já reparou, snr.ª D. Margarida, que no trajo, no andar, na dança, tudo, em fim; diligenceia constantemente imitar... seus cunhados?

MARGARIDA — Reparei!

ADELAIDE (*baixo para ella*) — E ouvi dizer que pretendia fazer-te a côrte?

MARGARIDA (*rindo*) — O que queres? Sou constantemente victima d'esses ridiculos.

SCENA IV

Os mesmos, D. João e o Padre José

D. JOÃO (*comprimentando-os*) — Minhas senhoras... Snr. Sousa... (*Depois de se apertarem as mãos*). Minha mulher roga-lhes o favor de entrar. Pede desculpa de não vir recebel-os, mas sente-se ainda um tanto incommodada. Se querem ter a bondade... (*Apertando affectuosamente a mão de Adelaide*). E a minha linda visinha como está? (*Fallam baixo*).

D. JOANNA (*que se levantou, a meia voz para o marido*) — Ha pouco não nos recebia, agora chama-nos! Sempre assim aquella cabeça!

CHRISTOVÃO — O' senhora! Olhe se a ouvem! (*Indo ao padre*). Como vai, snr. padre José?

PADRE JOSÉ — Como velho, snr. Christovão de Sousa! Como... velhissimo!

D. JOÃO (*conduzindo-os*) — Vão, vão, minhas senhoras, que muito gosto lhe darão com a sua visita. O snr. Sousa faz favor de ficar aqui; tenho que lhe dizer.

MARGARIDA (*para as senhoras*) — Vamos? (*Deixa-as passar adiante e segue-as, depois de ter puxado pelo lenço, que o padre José tem na mão, e que cahe no tapete*).

PADRE JOSÉ (*sorrindo*) — Ande lá, minha másinha, que bem sabe como isto por cá vai de rheumatismo! (*Apanha o lenço fingindo grande difficuldade*).

SCENA V

D. João, Padre José e Christovão

D. João (*puxando cadeiras*) — Sentemo-nos.

Christovão (*com muita humildade*) — Depois de v. exc.ª (*Sentam-se*).

D. João — Ora, snr. Sousa: ha creio que vinte e tantos annos, que é procurador de nossa casa?...

Christovão — Ha trinta, snr. visconde: era eu bem moço ainda, quando o pai de v. exc.ª, o snr. conde d'Albenzil, me constituiu seu procurador durante as longas viagens que fez. Creio que até hoje ainda nem uma unica vez foi necessario recordar-me...

D. João — Homem! que maldito sestro o senhor tem de me interromper quando, raras vezes! — lhe fallo de cousas da casa! Ouça.

Christovão (*inclinando-se*) — Ás ordens de v. exc.ª

D. João — A corveta está a chegar, e meu pai tambem.

Padre José (*elevando os olhos*) — Se Deus quizer!

D. João (*meio risonho, meio zangado*) — Temos o outro! Pois está de vêr que é se Deus quizer! *Amen*, padre José da Natividade.

Christovão (*rindo*) — O snr. visconde tem ditos...

D. João — Tenho, tenho, mas ouçam. E' meu dever, capricho, ou como queiram chamar-lhe, que meu pai não venha achar alteração n'estas cousas de recepções de rendas, cobranças de fóros, etc.

Ora, devemos convir que me tenho... *que nos temos* descuidado um poucochinho de algumas.

CHRISTOVÃO — Perdão: v. exc.ª é que, com as *choradeiras* dos devedores, me ordenou que nada fizesse; que os deixasse em paz, até vêr se elles...

PADRE JOSÉ (*commovido*) — Coração de anjo!

D. JOÃO (*depois de o encarar e encolher os hombros*) — Pois bem; fosse o que fosse, quero tudo liquidado até ao fim do mez.

CHRISTOVÃO — Essa agora!... (*Coçando na cabeça*). Tão longe!...

D. JOÃO — Longe? Pois com caminhos de ferro tambem ha longes? Por lá, pelo Minho, andei eu ha vinte annos, e não me queixei de distancias.

CHRISTOVÃO — Em conclusão, que me ordena v. exc.ª?

D. JOÃO — Que vá ao Minho vêr o estado d'essas cousas. Muna-se dos competentes documentos e cobre o que podér. Ha alguns foreiros que pretendem *imcapar* os fóros, sob o pretexto do mal nas vinhas, nos olivaes, (*sorrindo*) e creio até que nas batatas! Veja por lá isso, e faça o que entender, de fórma que, quando o snr. conde chegar, esteja tudo deslindado e a direito.

CHRISTOVÃO — E v. exc.ª quer que eu sáia...

D. JOÃO — A'manhã. O padre José acompanha-o.

CHRISTOVÃO (*desconfiado*) — O snr. padre José acompanha-me?

D. JOÃO — Por utilidade sua: é pratico d'aquellas cousas: foi abbade em Alifães...

PADRE JOSÉ (*com um suspiro saudoso*) — Quatorze annos! Que saudade vou ter!... Que de recordações!... (*Limpando uma lagrima*). Ainda me lembro bem do defunto senhor morgado!

D. JOÃO (*sem lhe dar attenção, continuando pa-*

ra Christovão) — Conhece todas as propriedades, o seu valor antigo, o actual... em fim, é um excellente *cicerone* para o snr. Sousa, e de maior facilidade lhe será entrar com elle em toda a parte. Aquella gente por alli não é para grandes confianças no jornadear.

CHRISTOVÃO (*meio assustado*) — Assim ouvi dizer!

D. JOÃO — Tem medo?

CHRISTOVÃO — Não, meu senhor; mas...

PADRE JOSÉ — E vai commigo... Não ha que recear, snr. Sousa. (*Commovido*). Eu... revêr aquelles lugares!... (*Limpando outra lagrima*). Que saudades!...

D. JOÃO (*zangado*) — Homem! guarde esse prelibar saudades para entreter o snr. Sousa pelo caminho! Que sécca de *jerimiada!*

PADRE JOSÉ (*contendo-se*) — E' que ha certas recordações...

D. JOÃO (*desabrido*) — Que me não são muito agradaveis; sabe-o! (*Levanta-se e sobe ao F.*).

CHRISTOVÃO (*baixo*) — Que recordações são, ó padre?

PADRE JOSÉ (*sorrindo com certa malicia*) — Cousas!... cousas!...

D. JOÃO (*voltando*) — Com que... fica combinado?

CHRISTOVÃO — V. exc.ª manda.

PADRE JOSÉ (*erguendo-se*) — Vou preparar-me...

D. JOÃO (*baixo*) — Peça dinheiro ao mordomo, se necessitar.

PADRE JOSÉ — Pouco; qualquer cousa: èm lá chegando... (*com o seu tom lamurioso*) aquella boa gente, que me ha-de reconhecer logo... (*Com um suspiro*). Ai!...

D. JOÃO (*voltando-lhe as costas; para Christo-*

vão) — O senhor, se tem alguns preparativos a fazer...

CHRISTOVÃO — Hei-de ir a Lisboa, ao cartorio, buscar certos documentos...

D. JOÃO — Pois vá hoje; mande pôr a *americana*; póde servir-se d'ella.

CHRISTOVÃO — E' que... minha mulher está cá...

D. JOÃO (*sorrindo*) — Terei a honra de a acompanhar a casa. Vá quanto antes: bem sabe que eu gosto das cousas...

CHRISTOVÃO — Ditas e feitas, bem sei. Mas, se me permitte que me despeça...?

D. JOÃO — Pois não! Entre. (*Indica-lhe a porta*).

CHRISTOVÃO (*comsigo passando*) — A mulher meio *maluca*, a cunhada litterata, o irmão estroina, e elle... *napoleonico!* Muito custa a ganhar a vida! (*Sahe*).

SCENA VI

D. João e o Padre José

D. JOÃO — Não se esqueça da incumbencia da senhora.

PADRE JOSÉ — Com certeza não me esqueço. Mas... se não houver por lá nenhum photographo?

D. JOÃO — Mande-o ir de Vianna do Castello, ou mesmo do Porto, custe o que custar.

PADRE JOSÉ — Mas... perdôe v. exc.ª: não receia que, n'aquelle estado de constante irritabilidade nervosa, a snr.ª viscondessa soffra mais com as recordações... *palpaveis*, deixe-me assim dizer, d'esses sitios?

D. JOÃO — Que se lhe ha-de fazer?... Ella quer!

PADRE JOSÉ — Deus permitta que lhe não produza o effeito contrario!

D. JOÃO (*com certa tristeza*) — Sabe muito bem que ha bastantes annos cumpro a ordem terminantissima dos medicos de não a contrariar absolutamente em nada.

PADRE JOSÉ (*commovido*) — V. exc.ª é um santo!

D. JOÃO (*sorrindo*) — Falta-me a canonisação... em vida. Agora ouça; vou fazer-lhe uma confidencia.

PADRE JOSÉ — Oh! é uma honra!

D. JOÃO — Não é tal; é uma conveniencia... reciproca. (*Depois de pequena pausa*). Ha vinte annos que nos conhecemos. Sabe todos os segredos da minha familia e... sobre tudo, os que directamente me dizem respeito. Tenho confiança no senhor, mas não me acontece o mesmo com esse homem que d'aqui sahiu.

PADRE JOSÉ — O Christovão de Sousa?! Oh! é um homem de bem!

D. JOÃO (*fitando-o*) — Acredita n'isso seriamente?

PADRE JOSÉ (*com quasi imperceptivel perturbação*) — Acredito: isto é... sim, até hoje nada vi que... Ha trinta annos procurador de vv. exc.ªs...

D. JOÃO — Pois é por isso mesmo. Sabe que me anda na indole, e na educação, esta obediencia passiva, sem replica, sem excepções — a tudo quanto meu pai faz, ou quer fazer. A um caracter de verdadeiro fidalgo, junta elle a franqueza, sinceridade, e por vezes, parvulez caracteristica no homem do mar. Incapaz de a ninguem enganar, é de uma deploravel facilidade em se deixar illu-

dir... por todos. Sabe-o tão bem como eu. Lembre-se da historia... funebre do meu casamento.

PADRE JOSÉ — Effectivamente o snr. conde nunca soube?

D. JOÃO — Soube... ao cabo de dous annos, que lhe contei eu tudo.

PADRE JOSÉ — E elle...?

D. JOÃO — Abraçou-me com as lagrimas nos olhos, e disse-me: « Praticaste uma boa acção. »

PADRE JOSÉ (*limpando um olho*) — Que santo!... E... da menina?... tambem sabe?

D. JOÃO — Não... absolutamente; sabel-o-ha em breve, talvez. (*Depois de pausa*). Mas... não nos afastemos da questão. Meu pai, ha trinta annos, como eu dizia, tem procuração n'este homem. Aceitei-o, aceito-o porque nunca contrariei meu pai, e Deus me defenda de o fazer! No entretanto... (segredo, padre José) desconfio d'elle.

PADRE JOSÉ (*admiradissimo*) — Oh!!...

D. JOÃO (*fitando-o mais em frente*) — Admira-se?!...

PADRE JOSÉ — De certo! admiro-me... espanto-me d'essa asserção! O Christovão de Sousa!... Ora!... ora!...

D. JOÃO (*olhando-o fixamente*) — O' padre! não receia que essa pertinacia em deplorar o homem, influenceie, desagradavelmente para si, n'um espirito que, como o meu, está... obcecado, talvez, por uma idéa fixa?

PADRE JOSÉ — Não receio, não, snr. visconde; porque a consciencia...

D. JOÃO — E sabe perfeitamente... isto é, será a sua consciencia que o impelle a... preconisar esse homem diante de mim?

PADRE JOSÉ — Que duvida?

D. JOÃO (*sorrindo*) — Resta-me saber se o senhor comprehende bem o que é a consciencia.

PADRE JOSÉ (*escandalisado, mas sempre com muita humildade*) — Oh! um sacerdote! Que demonio impellirá hoje v. exc.ª a dizer taes desagradabilidades ao maior amigo... (*com intenção muito disfarçada*) ao mais *discreto confidente* de sua casa?!

D. JOÃO (*como pesando-lhe as palavras*) — Ao *mais discreto confidente*... (*Depois de pausa fixando-o bem*). E sêl-o-ha vossê, padre José?

PADRE JOSÉ (*levemente perturbado*) — Duvidal-o é...

D. JOÃO (*insistindo, com os olhos cravados n'elle*) — E sêl-o-ha, senhor... (*accentuando*) abbade de Alifães?

PADRE JOSÉ (*mais perturbado*) — Snr. D. João... eu...

D. JOÃO (*sorrindo com ironia*) — Oh! mas que perturbação é essa? (*Comsigo, subindo como para vêr se alguem os ouve*). Decididamente ha alguma cousa de verdade no conluio.

PADRE JOSÉ (*comsigo, limpando o suor*) — Uf! Que insupportavel creatura! Saberá elle!...

D. JOÃO (*descendo*) — Em conclusão, quero... peço-lhe que vigie aquelle homem. As apprehensões, justas ou injustas, que elle me suscita ha tempo, serão desvanecidas, ou confirmadas pelo senhor... se é que se quer prestar a informar-me...

PADRE JOSÉ (*mais senhor de si*) — Mas... se v. exc.ª se dignasse dizer-me explicitamente as suas suspeitas...?

D. JOÃO — Em primeiro lugar desconfio que elle... rouba-nos, simplesmente. O verbo é baixo, mas muito expressivo da idéa; não ha outro em portuguez.

PADRE JOSÉ (*commovido*) — Coitado, o pobre Christovão de Sousa! Ora!... Ora!...

D. JOÃO — Em segundo lugar... (*Sorrindo*). Olhe não lhe vá dar por ahi alguma apoplexia, padre José!

PADRE JOSÉ — T'arrenego! Santo nome de Jesus!

D. JOÃO — Em segundo lugar, parece-me que... (*sorrindo mais*) (coragem, abbade!) ha o que quer que seja de combinação... mysteriosa, para mim, entre o nosso procurador e o nosso... capellão!

PADRE JOSÉ (*aterrado*) — Eu!... (*Benzendo-se*). Santissimo nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo!

D. JOÃO — Amen! Amen!

PADRE JOSÉ (*tremulo*) Mas... que combinação?

D. JOÃO — Ora... eu sei cá! se a soubesse...! Desconfio apenas.

PADRE JOSÉ (*socegando a custo*) — Olhe, snr. D. João; se hoje fosse dia de entrudo, pensava que v. exc.ª me estava jogando uma pulha; se fosse dia de S. Bartholomeu, acreditaria que o diabo, ás soltas, lhe estava assoprando aos ouvidos... essas cousas; mas no dia de S. Timotheo martyr!...

D. JOÃO — Deixe-me lá o calendario, que, até certo ponto, creio que é profanação evocar nomes de santos, quando se trata de... de *velhacadas*... (*a um olhar espantado do padre*) *in mente*, padre José, *in mente*.

PADRE JOSÉ (*com affectada resignação*) — Ora que vesperas de jornada, snr. visconde! Credo! é de agouro funesto! S. Barnabé!...

D. JOÃO — E a dar-lhe com os santos! (*N'um tom mais serio*). Ora diga-me cá: Que historia é esta de minha cunhada Margarida recolher-se a um convento, ou entrar para as Irmãs da Carida-

de, ou ir para França freira professa, ou... Sabe alguma cousa d'isto?

PADRE JOSÉ (*custando-lhe muito a affectada serenidade*) — Eu?! nada sei, snr. visconde.

D. JOÃO — Não sabe?!

PADRE JOSÉ — Absolutamente nada!

D. JOÃO (*comsigo, passando ao extremo da scena*) — Será invenção d'aquella pobre cabeça? (*Alto, vindo a elle*). Outra cousa, differente talvez, mas que eu julgo ligada. O padre José da Natividade, *ex-abbade de Alifães,* sabe a quanto monta hoje o dote de D. Margarida?

PADRE JOSÉ — Sei... por alto. A snr.ª D. Margarida herdou por morte do senhor morgado, uns dezoito ou vinte contos dè reis, que tinha n'uma casa bancaria, averbados em nome d'ella.

D. JOÃO — Ha vinte annos; nunca se tocou em tal dinheiro, por tanto...

PADRE JOSÉ (*depois de pausa*) — Por tanto...?

D. JOÃO — E' hoje rica.

PADRE JOSÉ — Muito rica.

D. JOÃO — E que... que idéas serão aquellas de conventos com que ella, consta-me, anda ha tres ou quatro mezes?

PADRE JOSÉ — Repito que não sei, senhor visconde: mas com um bocado de racionabilidade, que Deus me deu, acredito, que, se tem essas idéas, será v. exc.ª o culpado.

D. JOÃO — Eu?!

PADRE JOSÉ — V. exc.ª! Aquelle anjo possue um coração!... E' tão susceptivel de affectos!... Imaginação ardente!... V. exc.ª, que é verdadeiramente o chefe da familia, dissimula tão pouco o seu odio!...

D. JOÃO — Odio?!

PADRE JOSÉ (*choroso*) — Odio... figadal, pobre

menina! Desculpe, snr. D. João! Mas olhe que quasi que a vi nascer!

D. João (*taciturno*) — Bem sei.

Padre José (*choroso, e muito disfarçadamente ironico*) — E... *baptisei-a,* senhor visconde! *baptisei-a na capella de Nossa Senhora de Alifães,* ha vinte annos!

D. João (*comsigo, depois de pausa, e de o fixar*) — E' perigosissimo este homem! (*Alto, depois de silencio*). Persuade-se então, de que essa menina, irmã de minha mulher, está convencida de que a odeio?...

Padre José (*limpando os olhos*) — Pois isso é tão visivel!...

D. João (*desafogando um pouco*) — Ah! padre! padre!... parece-me que o senhor quer ter alguma scena mais séria commigo!

Padre José — Mas...

D. João (*desabrido*) — Tome cuidado! conhece-me!...

Padre José (*humildemente e sempre choroso*) — Ouso lembrar a v. exc.ª o meu estado!

D. João (*passeando agitado*) — E ouso lembrar a *vossa hypocrita reverendissima* que o tempo dos *Malagridas* e *Loyolas* já lá vai! (*Sobe ao fundo*).

Padre José (*comsigo*) — Decididamente a parva contou tudo á outra! (*Alto*). Ignorando, e não querendo profundar a idéa de v. exc.ª, rogar-lhe-hei humildemente que me diga qual a prova que exige da minha... (*choroso*) gratissima dedicação e amizade para com sua excellentissima casa... e que...

D. João (*mais sereno*) — Aceito o pedido; vou dizer-lhe a prova. Creio piamente na maldade, na hypocrisia, na... deshonestidade do seu amigo Christovão de Sousa; exijo que vá com elle, que

o estude, que veja o que por lá faz, e... e que me diga tudo, sem refolhos, sem reticencias. Percebeu?

PADRE JOSÉ — Perfeitamente: espiar...

D. JOÃO — Ou *espionar*, como quizer.

PADRE JOSÉ — Bem; mas acredite v. exc.ª que, se eu alguma cousa visse, ou tivesse visto, em desharmonia com os interesses d'esta casa, reagiria contra a minha indole, por dever caritativa, e accusaria energicamente os culpados! (*Toque de sineta dentro*).

D. JOÃO (*subindo*) — E' meu irmão, padre José!... O dito, dito, e... cuidado!

PADRE JOSÉ (*comsigo*) — Toma tu cuidado comtigo, que o passado... é negro, meu *leão indomavel!*

SCENA VII

Os mesmos, D. Carlos, o Barão e o commendador Antunes. (O Barão essencialmente affectado no trajar de caçador: o commendador ridiculo e pesadamente vestido; D. Carlos elegantissimo).

D. CARLOS (*muito alegre, para o irmão*) — Alviçaras, João! alviçaras! O barão matou duas perdizes!

BARÃO — E se mais apparecessem...

D. CARLOS (*rindo*) — Matava-as... eu.

D. JOÃO — E o nosso commendador?

ANTUNES — Ai, eu não admira; estou acostumado a caça grossa. No Brazil, para o norte, não ha perdizes; mas em compensação ha onças. (N. B. *Este personagem, que é o caseiro Antonio Antunes do prologo, conserva ainda alguma cousa da inflexão, e por vezes a pronuncia do Alto Minho, com espe-*

cialidade nas terminações em — ão: — engordou desmesuradamente: usa chinó e a barba visivelmente pintada).

D. CARLOS — São bravas, commendador?

ANTUNES — Pois! onças mansas...

D. CARLOS (*convencido*) — Ah!

ANTUNES — A não ser as de ouro, lá para o sul. (*Rindo*). Ah!... ah!... ah!... Tem graça o *calemburgo*; hein?

BARÃO — E' boa, é!

D. CARLOS (*para o irmão*) — E a mana? como está?

D. JOÃO — Excellente.

D. CARLOS — Saiba que estes amigos jantam comnosco.

D. JOÃO — Muito lhes agradeço, meus senhores.

D. CARLOS — Apesar de que o barão pouco appetite deve ter. Que fatalidade! Acredita que sahiu pelas orelhas do cavallo, com a facilidade de um campino do Riba-Tejo? Só com a differença de que foi involuntariamente, e ficou estendido!... até julguei que se havia despedaçado.

D. JOÃO (*sorrindo*) — Cahiu?

BARÃO — Podéra não! Um cavallo d'aquelles! O snr. D. Carlos não me preveniu... (*Palpando uma perna*). E' levado da breca o tal cavallinho!

D. CARLOS — O' mano João! o *Tigre* levado da breca!... Um cavallo docilissimo e de tão bom commodo!

BARÃO — Será, não duvido; mas em vendo correr os outros... eil-o, ahi vai!

D. CARLOS — Não diga isso, barão! confesse que a sua mania de montar á ingleza, o traz indisposto com a fina raça d'Alter, que é patriota, e que nem no trote largo admitte importações es-

trangeiras. O *Tigre* não lhe sentia as pernas, imaginou experimentar n'um *upa* o que lhe ia lá no lombo.

ANTUNES (*rindo*) — De fórma que, depois da peça, ainda *bem* a surriada!

BARÃO (*rindo*) — Olhem quem ha-de fallar! o nosso commendador, que eu vi em risco de...

ANTUNES — De quê?

BARÃO — De *trocar os lugares,* attendendo ás dimensões microscopicas do tal cavallinho em que montava.

ANTUNES (*não percebendo*) — E' *balente* o demo do bicho! Para poder assim com este *cadabel...!*

D. CARLOS (*rindo muito*) — Ah!... ah... ah!... Foi no *Macbeth,* mano João!...

D. JOÃO (*sorrindo*) — E' para ter dó!...

ANTUNES — Do bruto?

D. JOÃO — De ambos.

D. CARLOS (*rindo ás gargalhadas*) — Ah!... ah!... ah!...

ANTUNES (*sinceramente*) — Ai! de mim não; fui ás *marabilhas.* N'esta idade, e pesado como estou, só me póde *combir serbiço de caballo* de senhora.

D. CARLOS (*rindo sempre*) — E' pyramidal! Ó commendador! cale-se, pelo amor de Deus!

BARÃO (*rindo tambem*) — Apoiado! apoiado!

ANTUNES — *Agora* calo! O riso é alegria! Se não *houbessem* d'estas pilherias, como se *passaba a bida?*

D. JOÃO (*baixo para o irmão*) — Espanta-me a paciencia que tens para supportar tanta imbecilidade!

D. CARLOS (*baixo*) — Não ouviu a theoria? (*Imitando o commendador*). Se não *houbesse* isto, como se *passaba a bida!*

SCENA VIII

Os mesmos, Margarida, Adelaide, D. Joanna e Christovão

MARGARIDA — Grande alegria vai por cá! Annuncio de boa caçada, não?

D. CARLOS — Excellente... em parte. (*Todos se comprimentam, apertam-se as mãos, etc.*)

BARÃO — A senhora viscondessa?

MARGARIDA — Vai levantar-se; não tarda aqui: está perfeitamente boa. (*Tomam todos assento em grupos distinctos: o padre José, D. Joanna e Christovão a um lado, separados dos outros: Margarida, Adelaide, Antunes e o Barão do outro lado: D. João e D. Carlos passeiam ao fundo*).

MARGARIDA (*para Adelaide pegando n'um jornal de modas, que está sobre a jardineira*) — Olha; aqui temos justamente o figurino das capas de que fallámos. Has-de convir que são elegantissimas.

ADELAIDE (*observando os desenhos*) São; mas só devem ficar bem a senhoras altas.

BARÃO (*mettendo o nariz no jornal*) — Dá-me licença?

MARGARIDA (*levemente escarnecedora*) — Pois não! (*Para Adelaide*). E' preciso que saibas que o senhor barão, em assumptos de modas, é de um gosto, de uma competencia, de uma perspicacia!... Tal qual o primo D. Carlos.

BARÃO (*lisonjeado*) — Oh! minha senhora!... favores de *vocencia!* (*Depois de observar a estampa*). Ah! effectivamente é magnifica! é *chic!*

MARGARIDA (*para Antunes*) — Que diz, commendador?

ANTUNES — Eu d'isso pouco entendo, franca-

mente; com tudo... (*Pondo a luneta, e tirando-lhe o folheto brutalmente*). Com licença!

MARGARIDA (*magoada por elle n'um dedo*) — Ai!...

ANTUNES — Oh! perdão, minha senhora!... *Machuquei-a?*

MARGARIDA (*sorrindo*) — Não senhor; arranhou-me!

ANTUNES (*penalisado*) — O demo das unhas grandes!... Bou botal-as abaixo! (*Olhando em redor de si*). Umas tesouras?...

MARGARIDA — Oh! por quem é, senhor commendador! Guarde essa operação...

BARÃO (*como que offendido*) — Para casa!... Diante de senhoras...

ADELAIDE (*baixo para Margarida*) — São tolos!

MARGARIDA — Ultra! ultra!... (*Continuam fallando baixo*).

PADRE JOSÉ (*baixo para os dous personagens com quem tem estado em conversação*) — Toda a cautela é pouca, acreditem!... Do D. Carlos nada ha que recear; a final não passa de um estouvado! O visconde é outra cousa! Fino e irascivel, receio d'elle.

D. JOANNA — Faz-nos muita falta o João de Athayde! Logo assim havia de ser! Foi para Lisboa e não sei quando volta.

CHRISTOVÃO — Pois a irmã não disse ha pouco...

D. JOANNA — Que lhe parecia que voltava ámanhã; mas... (*Continuam segredando*).

CARLOS (*passeando ao fundo; baixo para o irmão*) — Não posso tomar isso a serio; tenha paciencia. Acho o Christovão... velhaco, talvez; mas perfeitamente inoffensivo.

D. JOÃO — O futuro nol-o provará. *Unha com carne* elle e o padre, acredito que tramam seja o

que fôr. Sabes que apesar d'aquella jovialidade... (affectada, creio piamente) da Margarida, ha um certo respeito, quasi temor, pelo padre José. Foi-lhe mestre até aos onze annos... Insinuou-se-lhe por tal fórma no espirito, que, mesmo inconscientemente, obedece-lhe em tudo.

D. CARLOS — Consequencias d'aquelle excellente caracter... Mas n'isso não vejo perigo...

D. JOÃO (*parando*) — Meu Carlos; ha mysterios na familia, que tu ignoras, mas que vaes brevemente saber com a chegada do pai. Diante d'elle... isto é, pela sua bocca, saberás... o que eu desejava esquecer.

D. CARLOS (*sorrindo*) — Não é a primeira vez que me diz isso; e, não sendo eu na verdade muito curioso, estou anciosissimo por descobrir que grandes mysterios serão esses.

D. JOÃO — Oxalá que o saibas cedo! Signal é de que abraçamos o nosso bom pai! (*Mostrando-lhe o grupo do padre, e os dous*). Mas... Olha-me para aquelle conluio!...

D. CARLOS — Porém se desconfia de alguma cousa desagradavel, porque os não põe na rua?

D. JOÃO — Não posso... infelizmente! (*Continuam conversando*).

MARGARIDA (*seguindo a conversação*) — Uma lenda arabe lindissima, e que bem profundada...

BARÃO — Se *vocencia* nol-a narrasse!... Eu morro por lendas e contos!

MARGARIDA (*zombeteira*) — Prova evidente da ingenuidade da sua alma, senhor barão. Mas... (*De repente*). Faz favor, primo D. Carlos...

D. CARLOS (*descendo*) — Minha prima?

MARGARIDA — Esqueceu-se do meu livro?

D. CARLOS — Que cabeça esta! Perdôe! Esqueci... e não esqueci. (*Indo a um movel buscar um*

livro). Eil-o; trouxe-o hontem de Lisboa, e não me lembrei mais d'elle.

MARGARIDA (*aceitando-lh'o seccamente*) — Muito obrigada!

D. CARLOS (*penalisado*) — Perdôa-me o esquecimento... ingrato?

MARGARIDA (*sorrindo e quasi commovida*) — Ingrato?... Não! não é!... (*Estende-lhe a mão*).

D. CARLOS (*beijando-lh'a*) — Obrigado! Não posso vêl-a zangada commigo!

D. JOANNA (*baixo para os dous*) — Então? Ainda se poderá duvidar? O que quer dizer aquelle involuntario tremor, ao contacto dos labios do primo?

CHRISTOVÃO (*sentenciosamente*) — Ha cousa, ha!

PADRE JOSÉ — Fica por minha conta... Tenho remedio efficassissimo para aquelles amores... se é que existem.

D. JOANNA — Cuidado! O visconde não arreda os olhos de nós!

ADELAIDE — E' então uma lenda arabe?

MARGARIDA — E'!

ADELAIDE — Que tem relação com esse livro?

MARGARIDA — Sim... ou antes este compendio, que o é, nasceu de alguma fórma da minha lenda.

BARÃO (*chegando-se mais*) — Estou morto de curiosidade.

ANTUNES — Tambem eu! Uma historia contada pela snr.ª D. Margarida *debe* ser... *debe* ser... (*Depois de procurar o termo e não o achando*). Em fim, *debe* ser... de fazer rir.

MARGARIDA — Agradeço o diploma... de *jogral!* (*Todos riem á socapa*). Mas em fim, vejamos se v. exc.ª a entende.

ANTUNES — *Bamos* a *ber*.

BARÃO — Silencio, commendador!

MARGARIDA (*no centro; todos se lhe aproximam, excepto os tres do grupo da extrema. Com emphase de narrador. Harmonia na orchestra*). Ha muitos seculos (creio até que no principio do mundo) os homens, chegaram-se ao seu propheta Mahometh, e disseram-lhe: — « O grande Allah formou os homens, e os outros animaes. Deu-lhes mais ou menos força, astucia, maldade, precisões, sentidos e liberdades. O leão, rei das selvas, generoso, nobre e valente, tem fome; arroja-se sobre a victima frente a frente; despedaça-a, devora-a, e volta a deitar-se socegado na sua lura. Não lhe é crime o matar? Não ha inferno para elle?» O propheta sorriu de compaixão!... Os homens continuaram: «O tigre, mais fraco do que o leão, mas com afiadas garras como elle; mais ardiloso, porque tem a consciencia da sua fraqueza em relação a outros animaes poderosos, esconde-se nos troncos das arvores seculares, depois de farejar a presa; espreita!... occulta nas ramadas o faiscar dos olhos ávidos pela fome, e pelos instinctos de ferocidade! Passa o homem descuidoso, inerme, e eis o tigre de um salto traiçoeiro precipitado sobre a presa! E não ha inferno para elle, ó grande propheta!... Vêde o crocodilo, senhor! Lá o tendes!... O homem foge d'elle, e elle não póde seguil-o porque é pesado, e informe. O homem foge, porque a vista da fera é repugnante, asquerosa, assustadora! E o crocodilo chora!... Esconde-se e chora!... chora!... chora, até que o homem, attrahido pelo traiçoeiro pranto, julgando ir valer a um irmão, vai achar a morte n'aquellas hediondas maxillas, e n'aquellas recurvadas garras! Semelhante traição não tem o castigo do inferno, e nós, homens, intelligentes, sabios, feitos como a mais primorosa creação do mundo, somos victimas d'es-

sas traições; e, se as praticamos, como nol-o pedem os nossos instinctos, somos castigados sem piedade! Justiça! justiça!» Que quereis em fim? — perguntou outra vez o propheta — «Iguaes direitos aos dos outros animaes! — replicaram os homens: — Acabe-se o inferno! Liberdade de acção em conformidade com os diversos instinctos!» O grande propheta ajoelhou; recolheu-se alguns instantes: com os olhos fitos no céo, n'um extasis de verdadeiro inspirado, parecia escutar um ente invisivel e grande! Ergueu-se em fim!... Profundo silencio immergiu o vozear da turba!... Reboou melancolica e severa a voz do propheta!... «Ouvide! — disse — Escutou-vos a supplica o grande Allah! Concede-vos o pedido. Ficaes livres para seguir os instinctos de feras, ou de predestinados para o bem; escolhei. Mas a fim de melhor viverdes, o grande Allah quer apurar-vos de seculo para seculo a intelligencia de homens. Sereis sabios nas letras, nas sciencias, na agricultura, mas continuareis com os instinctos das feras que tanto invejaes!» E o inferno? — interrogou a multidão radiante. — «Não o tereis mais na morte, insensatos! — bradou o propheta: — Tel-o-heis... *na vida!*» Disse, e desappareceu n'uma nuvem de fogo e de sangue, symbolica prophecia do futuro dos homens! (*Acaba a harmonia. Depois de silencio, no seu tom natural e sorrindo*). Acabou-se! Não é bem bonita a minha lenda?

D. CARLOS — Linda! Excellente... lição!

ANTUNES — Eu peço desculpa, mas não comprehendi bem. (*Todos se riem*).

BARÃO — Eu tambem, para dizer a verdade!...

MARGARIDA (*para os outros*) — E' incrivel! Provas incontrastaveis da veracidade da lenda, e não a entendem!

BARÃO (*parvamente*) — Quer *vocencia* dizer...?

MARGARIDA — Que ha muitos seculos os homens tratam de justificar a predicção do propheta arabe. Outros houve que escreveram livros como este...

BARÃO — Que se chama...?

MARGARIDA — Que ha muitos seculos os homens tratam de justificar a predicção do propheta arabe. Outros houve que escreveram livros como este...

BARÃO — Que se chama?...

MARGARIDA (*lendo*) — *L'Arte de connaitre les hommes par les physionomies*...

ANTUNES — Se v. exc.ª *tibesse* a bondade... em portuguez, que eu, a respeito de inglez...

MARGARIDA (*depois de riso geral*) — *Arte de conhecer os homens pelas physionomias, de Gaspar Lavater, edição de 1820*. (*Folheando*). *Commentarios de Porta, de Charles Lebrun e de Camper*. E' delicioso o estudo d'este livro! Verdadeiramente phrenologico, e justificação plena da lenda, ensina a conhecer os homens, e a comparal-os com os outros animaes. Seguindo-lhe as theorias, raras vezes se engana o observador.

D. CARLOS (*rindo*) — Vamos exemplificar, com os que estamos aqui, qualquer theoria... ao acaso? Vejamos. (*Péga no livro, abre-o e lê*). O urso! (*Larga uma gargalhada, e machinalmente encara com Antunes; todos lhe seguem o olhar e riem*).

ANTUNES (*meio desconfiado*) — *Ágora!* Pois *elle* ha lá *homes*, que se pareçam com ursos?

MARGARIDA (*rindo muito*) — Se ha, commendador!...

ANTUNES (*diligenciando fazer-se patusco*) — *Bamos, bamos* lá, que eu creio que a chufa é commigo!...

D. Carlos (*imitando-lhe a inflexão*) — *Agora é!*

Margarida — Vejamos seriamente se ha, ou não, entre os homens, alguns com as propriedades d'este *quadrumano*. Ás senhoras é que podem auxiliar a investigação... Quer ajudar-me, D. Joanna?

D. Joanna — Ai, minha senhora! Eu, sobre questões de sciencia faço sempre uma triste figura. Educada á portugueza, sou de uma ignorancia...

Margarida — Modestia, minha senhora!... Vejamos, Adelaide: Quantas vezes nos bailes, nos concertos, nas grandes reuniões, nos surge um homem... alto, robusto, corado; a fronte ornada de cabellos hirsutos, que lhe não pertencem. Se nos convida para dançar, rasga-nos o vestido na primeira volta da walsa; se nos apanha o lenço cahido, dá-nos uma cabeçada ao erguer-se; se nos aperta a mão, quebra-nos um annel e torce-nos um dedo; se nos offerece uma chavena de chá, entorna-o por sobre os vestidos; se falla, diz semsaborias exoticas; se não falla, abre a bocca, e faz-nos bocejar, a nós, pelo proverbial contagio; em fim, sem geito para nada, antipathico em tudo, pesado, mal geitoso, e ridiculo, não será este o urso com uma casaca vestida? E, se lhe observarmos a indole, lá vamos achar o que diz o author do livro: (*Lendo*). *Atraiçoado, brutal, invejoso, feroz,* e *gulotão!*

Antunes (*machinalmente*) — Não! lá *lambareiro...* gulotão é que eu não sou! (*Risadas geraes*).

D. Carlos — O' commendador! Pelo amor de Deus!... Isto podia lá ser-lhe applicado!...

Antunes (*rindo*) — Ai! não me escandaliso! A snr.ª D. Margarida *habia* de *bingar-se* da unhada. As senhoras!... As senhoras!... *Bejam* em que deu uma unha!

BARÃO (*rindo e com pretenções a esperto*) — O que deu... uma *garra* n'este caso.

ANTUNES — Ai, sim? O' snr. D. *Caurlos, beja* se acha por ahi no *libro* um *bixo* para arrumar cá ao nosso barãosinho.

BARÃO (*sorrindo*) — Oh! elle que venha!

D. CARLOS — Que lembrança! Aqui creio que só vem os classificados por *Buffon*, e *Couvier*. (*Riso nos intelligentes*).

SCENA IX

Os mesmos e Amelia

(*Amelia elegantemente vestida em trajos de manhã; o cabello, quasi todo branco, penteado ligeiramente: conserva a physionomia juvenil, embora um tanto pallida. Todos se levantam e vão ao encontro d'ella, fazendo-se á sua entrada um silencio caracteristico de certo respeito e quasi receio*).

AMELIA (*depois de silencio e de chegar ao meio da scena*) — Boas tardes, meus... amigos; creio que todos o são. (*Reparando em quem está*). O commendador, o snr. barão... (*Depois de lhes apertar as mãos, para os outros personagens*). Já tive o prazer de lhes fallar... (*Vendo D. Carlos*). Ah! o mano... Como está?...

D. CARLOS (*beijando-lhe a mão*) — Excellente. V. exc.ª, segundo vejo, boa de todo?

AMELIA — E em optimas disposições... para tudo! De que fallavam? Creio que os senti rir?... (*Todos tomam de novo lugar, outros de pé, á vontade do ensaiador*).

ANTUNES — Ditos e cousas da exc.ᵐᵃ snr.ª D.

Margarida, que cada *bêz* está mais espirituosa na *berdade!*

AMELIA (*batendo ligeiramente com a ponta do pé, com certo phrenesi*) — Ai, commendador, commendador!... Que me não larga esse horripilante *b!*... Faz mal aos nervos!

ANTUNES — *Bicio* patrio; que se lhe ha-de fazer?

AMELIA — Corrigil-o! Eu tambem sou patricia, e desquitei-me d'elle ha mais de trinta annos.

ANTUNES — *Bossa* exc.ª *beio* para Lisboa a educar ainda criança...

AMELIA — Como soube?

ANTUNES (*perturbado*) — Supponho-o: creio que *oubi* dizer...

AMELIA (*simplesmente*) — Ah! (*Para os outros*). Mas... de que fallavam?

MARGARIDA — Da affinidade entre a especie humana, e certos animaes. O primo D. Carlos fez favor de me trazer o livro que deixei em Lisboa, e continuo com os meus estudos.

AMELIA (*com ternura, passando-lhe a mão pela face*) — Maldosa!... Saibam, meus senhores, que minha irmã é perigosissima com a súa monomania zoologica. Encontra, diz ella, exemplares a cada passo, e não poupa ninguem!

PADRE JOSÉ (*com ironia muito subtil*) — De fórma que é mister a maior dissimulação na indole, para evitar a comparação?

MARGARIDA (*seccamente, mas diligenciando sorrir*) — A propria dissimulação é caracteristico de certos animaes... ferozes. Ha nada mais dissimulado do que o *crocodilo?* Diz a lenda que chora... chora, até conseguir os seus fins.

AMELIA — Comparações tetricas!... Não gosto d'ellas. Vejamos as alegres, as risiveis.

MARGARIDA — Vejamos: Imagine-se... (*Emendando*). Não; descreva-se o typo seguinte: Um homem, moço ainda, mas o que se chama absolutamente feio. Exagera todas as modas, no vestuario, nos palacios, nos cavallos, nas carruagens, em tudo, finalmente. Como na elegancia não tem cabedal seu, que lh'o negou a natureza, trata de copiar o que melhor e mais notavel lhe parece nos outros. Senta-se n'um sophá, ou n'uma poltrona, com o *abandono* natural de quem nasceu para alli se sentar nas salas; mas, como esse *abandono*, esse *que quer que seja* de elegancia e *bom tom* lhe não é nativo; como imita, não só isto, mas tambem a dança, o jogo, o comprimentar, etc., resulta d'ahi que tudo lhe sahe mal, constrangido e sem natureza propria. Manequim de salão, creio que este sujeito é a verdadeira parodia do homem nos bosques, isto é, o macaco... humano. (*Todos se riem; alguns olham para o barão, que se mexe no seu lugar, rindo affectadamente*).

ANTUNES (*baixo para D. Carlos*) — Apanha, barãosinho! Estou *sastifeito*.

MARGARIDA (*baixo para Amelia*) — E' assim que hei-de conseguir afastal-os. (*Vai descahindo a tarde*).

D. JOÃO — Pois meus senhores, proselyto acirrado das theorias de Lavater e Gall, vou tambem descrever alguns entes alli não compendiados. Imagine-se uma mulher, joven, com a consciencia da sua formosura e da sua independencia... social. Imaginação exaltada; pensando descriminar perfeitamente o bom do mau. Sem amor a ninguem, por orgulho, que não por indole. Arrebatadissimamente paradoxal nas idéas sobre os direitos do seu sexo, e entendendo que está no plenissimo gozo e direito de maltratar a quem lh'o não mere-

ce, e a quem cumpre a obrigação de se conservar dentro das conveniencias da boa educação natural ao homem de bem. Esta mulher, com os exaltadissimos vôos de imaginação, com o seu orgulho de intelligencia, com a sua mordacidade acerba, não representará no mundo da sciencia a altiva *aguia*, com os seus arrojados vôos, com o seu fino e orgulhoso olhar, e até com as suas enormes e despedaçadoras garras, que ferem quem a pretende acariciar?

BARÃO — Excellente comparação!

AMELIA — Não acho. A mulher póde ter todas as qualidades da *aguia*, nos vôos de imaginação, no penetrante do olhar, no orgulho inherente á consciencia do seu valor intellectual; mas, o que ella não tem com certeza, é... *as garras despedaçadoras;* ou, se com ellas nasce, são-lhe cortadas pela entidade mais sagrada no mundo: (*accentuando, para D. João*) o amor da familia! (*Dá um beijo em Margarida, que lh'o retribue*).

D. CARLOS — Mesmo porque não ha ente, creio eu, que não sinta esse amor.

MARGARIDA (*rapidamente, e como pirraça ao cunhado*) — Oh! se ha!... Temos, por exemplo, o *leão!*... ente bravio! — E' o rei das selvas! orgulhoso, indomavel no seu estado anormal. Invencivel! Vive isolado, quasi sempre; a companheira é-lhe unicamente para crear os filhos; com ella mesmo é por vezes feroz. Taciturno, só ama a sua grandeza, e a sua força, conscio de que ella lhe dá o predominio sobre os outros. Irascivel a proposito de tudo, nunca se sabe se medita a morte dos seus semelhantes, se projecta acções de generosidade. Na physionomia impassiva, reflexiva e minaz, não se lhe lê mais do que — *poder, colera, e*

força! — Estou que este irracional não póde ter amor de familia!

AMELIA (*baixo para ella*) — Cala-te!

MARGARIDA (*o mesmo e puerilmente satisfeita*) — Ah! vinguei-me! Desculpe-me. (*D. João sorri-se, encolhe os hombros e afasta-se*).

SCENA X

Os mesmos e Romão

ROMÃO — A *america*, que o snr. Christovão de Sousa mandou apparelhar, está prompta. (*Para D. João*). Peço a v. exc.ª que me diga se quer que toque para o jantar.

D. JOÃO — Toque. Mande pôr mais dous talheres; para o senhor barão, e para o senhor commendador. (*Romão inclina-se e sahe*).

D. JOÃO (*para Christovão e padre José*) — Quando quizerem... O carro está ás suas ordens.

PADRE JOSÉ (*erguendo-se*) — V. exc.ª não determina mais nada?

D. JOÃO — Não: *guie* o snr. Christovão de Sousa, e... nada mais.

CHRISTOVÃO (*que tambem se levantou*) — Em quatro, ou cinco dias, conto que estarei de volta.

AMELIA — Decididamente vão ao Minho?

CHRISTOVÃO — Sim, minha senhora; partimos ámanhã no comboyo da madrugada.

AMELIA — Boa jornada. Não se esqueça da minha encommenda, padre José.

PADRE JOSÉ — Oh! com certeza não me esqueço, senhora viscondessa. (*Um toque de sineta dentro*).

D. JOANNA (*que tambem se levantou*) — Permitta v. exc.ª que me retire. (*Sorrindo*). Como boa es-

posa devo acompanhar o snr. Christovão ao *bota-fóra.*

AMELIA — Pois não, minha senhora; e se durante a sua temporaria viuvez achar consolo e lenitivo ás saudades na nossa companhia, muito nos obsequiará visitando-nos.

D. JOANNA — V. exc.ª é encantadora de amabilidade. (*Movimento geral: comprimentam-se, e sahem pelo fundo padre José, Christovão e D. Joanna; as outras tres senhoras acompanham*).

D. JOÃO (*para os dous*) — Vamos jantar, meus senhores.

BARÃO (*para Amelia, offerecendo-lhe o braço*) — A senhora viscondessa quer fazer-me a honra...

AMELIA — Não janto: tomei ha pouco uma aza de frangão e um caldo. Desculpem-me.

ANTUNES (*para Margarida*) — *Bocencia...*

MARGARIDA (*recusando-lhe o braço*) — Não quero, com a minha presença, perturbar-lhes as suas conversações... venatorias, provavelmente. Ficarei acompanhando minha irmã.

D. CARLOS (*sorrindo contrafeito*) — De fórma que estas senhoras hoje, em vez de nos galardoarem pelas nossas façanhas na caça, obrigam-nos a um jantar de rapazes.

AMELIA — Tomaremos todos café: aqui os esperamos.

D. CARLOS — N'esse caso... se começassemos pelo café...

MARGARIDA (*rindo*) — Não; isso é que não! Noto que o senhor commendador não approva a idéa.

ANTUNES — Sim... lá para fallar a *berdade,* depois d'aquella galopada no *poney...*

D. JOÃO (*sorrindo*) — Vamos, vamos, meus senhores. (*Sahem*).

SCENA XI

Amelia, Margarida e Adelaide

MARGARIDA (*para Adelaide*) — Viste?... quero dizer — ouviste?

ADELAIDE — O que?

MARGARIDA — Aquella ironica e quasi insultante comparação da *aguia*? E', ou não, bem fundamentada a minha convicção no odio que o senhor visconde se digna consagrar-me?

ADELAIDE — Exageras!...

AMELIA (*tristemente*) — Quantas vezes te disse já, Margarida, que me affliges com essa convicção? que é injustificada? que é falsa?

MARGARIDA — Bem parece defendel-o; é seu marido, minha mana; mas debalde o tenta. Não sei porque, o visconde odeia-me!

ADELAIDE (*sorrindo*) — Se pelas suas maneiras e palavras achas a prova d'isso, então a todos odeia, porque ainda lhe não vi affabilidades para ninguem.

AMELIA — Pois se é aquelle o seu caracter! Acredita, Margarida; dás-me um verdadeiro supplicio com essas desconfianças continuadas, absurdas, e...

MARGARIDA (*de mau humor*) — Cedo deixarei de os affligir! O meu proposito vai-se-me tornando cada vez mais inabalavel! (*Para Adelaide, passando um braço pelo collo da irmã*). Se não fosse esta, acredita que ha bastante tempo estaria entre as quatro paredes de um convento!

ADELAIDE (*sorrindo*) — E' mania!

MARGARIDA — Não: é sorte!

AMELIA (*acariciando-a*) — Não digas isso! Não é sorte, não; é... orgulho!

MARGARIDA — Orgulho?... pois sêl-o-ha! é verdade, sim! Sou orgulhosa! Repugna-me viver n'uma casa, aonde de anno para anno, conheço-o, sou apenas... supportada, é o termo!

AMELIA (*commovida, e pegando-lhe na mão*) — E dizes isso diante de mim!...

MARGARIDA — Digo, porque é verdade. De si, recebo carinhos, afagos, ternuras mais de que de irmã; dos outros...

AMELIA (*impaciente*) — E que culpa tenho eu...

MARGARIDA — Nenhuma, sei-o; mas...

AMELIA — Cala-te; ouve: E' preciso que te cases, minha querida Margarida. Totalmente independente, verás como essas preoccupações se desvanecem; como meu marido te ha-de estimar, querer, e...

MARGARIDA — Casar, eu?!... com quem?

ADELAIDE — Mas... tens tantos pretendentes!

MARGARIDA (*ironica*) — Muitos, é verdade! Sabes que tenho de dote, meus, só meus, quarenta contos de reis?

ADELAIDE — Que scepticismo!...

MARGARIDA — Que verdade, dize! E senão, vejamos os meus pretendentes: O barão de Regalinhos, não? O commendador Antunes?

ADELAIDE — Ainda tens terceiro; o snr. Alfredo de Sandúval.

AMELIA — Quem é?

ADELAIDE — Um diplomata brazileiro, que tambem aqui está a banhos, e que pediu a meu irmão para o apresentar a vv. exc.as Tem-me fallado com tal enthusiasmo de ti, que supponho...

MARGARIDA — Que está apaixonado, não?

ADELAIDE — Creio que sim!

MARGARIDA — Já lhe constaria quanto represento... em metal sonante. Minhas queridas, acreditem; o amor verdadeiro, o desinteressado, o de fazer a completa felicidade de dous entes, morreu com Paulo e Virginia.

SCENA XII

As mesmas e Romão

ROMÃO (*ao fundo, com um bilhete de visita n'uma salva*) — Perguntam se a senhora viscondessa póde receber.

AMELIA (*lendo o bilhete*) — « Alfredo de Sandúval, addido á legação brazileira no Mexico. »

ADELAIDE — O tal diplomata!...

MARGARIDA (*rindo*) — Caçador de dotes, naturalmente. E' uma das feições mais caracteristicas dos diplomatas... em disponibilidade.

AMELIA — Recebemol-o?

MARGARIDA — Em quanto aquelles senhores jantam... Quem sabe se vou achar algum *specimen* do meu querido Lavater!

AMELIA (*para o escudeiro*) — Mande entrar. (*Romão inclina-se e sahe*).

ADELAIDE — Estou que n'este, maldosa — nada acharás que t'o classifique... *bicho*.

MARGARIDA — Verêmos!

SCENA XIII

As mesmas e Alfredo de Sandúval

(*Alfredo apparece á porta do fundo: barba toda crescida, muito grisalha, quasi branca; fronte um tanto calva, e cabellos tambem grisalhos; todavia airosissimo e elegante nos trajos*. N. B. *Este personagem é o doutor Alfredo de Sousa do prologo. Musica na orchestra*).

ALFREDO (*ao fundo: bate-lhe de chapa na fronte um raio de sol no occaso*) — A honra concedida, minhas senhoras, assegura-me o perdão da inconveniencia.

AMELIA (*que ficou como fulminada ao som da voz d'elle, avança ao fundo, e solta um grito de surpreza e de horror*) — Ah!!!

MARGARIDA e ADELAIDE — O que é isto?

AMELIA (*recuando, e com os olhos pregados n'elle*) — Quem é o senhor?!

ALFREDO (*descendo, e curvando-se respeitosamente* — Alfredo de Sandúval, addido á legação brazileira no Mexico.

AMELIA (*depois de silencio, e da estupefacção dos outros personagens, diligenciando socegar, e como se fallasse comsigo*) — Que loucura!... Desculpe!... uma extraordinaria semelhança...! (*Fitando-o de novo*). E' incrivel... impossivel!... (*Temerosa, mas dissimulando*). Queira sentar-se, senhor...

ALFREDO — Deploro que a minha presença, senhora viscondessa, podesse incommodal-a n'esta

para mim tão grata honra de me receber. (*Sentam-se, excepto Margarida, que fica de pé observando a perturbação da irmã com crescente curiosidade. Termina a orchestra*).

AMELIA (*não podendo conter-se e tremula*) — Poderei saber a que devo a honra...

ALFREDO — Devia ter a felicidade de ser aqui apresentado pelo meu amigo, o snr. João d'Athayde, irmão d'esta formosa menina; porém, como foi para Lisboa hontem, e como o gravissimo caso que ia hoje victimando a senhora viscondessa me parecesse sufficiente para prescindir de formalidades, atrevi-me a, sem o meu amigo, por mim proprio felicitar a v. exc.ª, e averiguar do seu estado de saude.

AMELIA (*que tem continuado a olhal-o espantada, e como duvidosa*) — Agradeço, senhor, mas... (*Juntando as mãos com certo desespero*). Oh! é para enlouquecer!!

MARGARIDA (*quasi afflicta*) — Porém... Expliquemo-nos, minha querida irmã! Vejo-a n'um estado!... Conhece este senhor?

AMELIA — Não sei; creio que...

ALFREDO (*sorrindo, e sempre com a maior delicadeza*) — Cumpre-me explicar o assombro, a surpreza... (*Para as duas*). Não vão vv. exc.ªs imaginar que sou algum malfeitor. (*Depois de curto silencio*). A senhora viscondessa, provavelmente, tomou-me por... por um phantasma, uma sombra, uma larva, um ente d'além-campa.

MARGARIDA (*carregando o sobr'olho*) — Senhor!

ALFREDO — Vou justificar o dito... se vv. exc.ªs m'o permittem?

AMELIA — (*comsigo*) Que irá elle dizer, meu Deus!?

ALFREDO — O assombro da senhora viscondes-

sa é, na verdade, o melhor traço da minha historia... *romantico-dramatico*. (*Para ella*). Sou effectivamente quem v. exc.ª suppõe.

Amelia (*querendo levantar-se e não podendo*) — Sendo assim, senhor...

Alfredo — Peço perdão, e beneplacito para narrar o caso: receio o mau conceito que estas senhoras de mim possam fazer. (*Para ellas*). Ha vinte annos, minhas senhoras, conheci a senhora viscondessa, filha do senhor morgado d'Alifães; creio até que algumas vezes tive a honra de ir a sua casa. Não, minha senhora?

Amelia (*tremula*) — Sem duvida.

Alfredo — Lembro-me perfeitamente do senhor morgado d'Alifães... (*accentuando ligeiramente*) meu *bondoso protector*.

Amelia (*não se contendo*) — Senhor!...

Alfredo (*sempre com a maior delicadeza*) — E' justo; pouparei a modestia filial de v. exc.ª, deixando de nomenclaturar as evidentissimas provas d'estima com que o senhor morgado se dignou accumular-me.—Vivi algum tempo n'aquella tediosa terra d'Alifães, pequena aldêa, que a presença da senhora viscondessa, e a bizarria de seu excellentissimo pai, tornava um ridente paraiso. Alli vivia satisfeito, embora o meu mediocre emprego não fosse dos mais proprios a captar sympathias: era delegado do ministerio publico; cargo enfadonho, e perigoso, perigosissimo; tanto que por uma bella tarde do mez de outubro, sahindo eu... (*a um gesto involuntario e afflictivo de Amelia*) *de casa*, minhas senhoras, dous malvados e cobardes assassinos, não sei se por motu-proprio, se por alguem assalariados, me dispararam á queima-roupa dous valentissimos tiros. Na beira do rio Minho foi commettido o crime: o meu cavallo, ferido creio que mortalmente,

lançou-se desesperado no rio, nadando commigo alguns segundos; até que sem alento, soltei-me d'elle, tambem muito ferido, e achei-me do outro lado nos campos da Galliza. Exhausto de forças, perdi os sentidos, e quando os recobrei estava n'uma cabana de pescadores, que de mim trataram até quasi restabelecer-me. Receoso da atroz vingança premeditada, e de novas tentativas dos meus inimigos, quando pude transportei-me para Tuy, d'ahi para Vigo; apresentei-me ao consul portuguez, e no primeiro navio sahi para o Brazil, aonde exerci por cinco annos a minha profissão de advogado. Naturalisei-me brazileiro, e segui a carreira diplomatica... com alguma felicidade. Saudades patrias, e a minha saude um tanto alterada, (nada menos (*sorrindo*) do que uma lesão no coração) me proporcionou a honra de estar agora aqui. Ora eis, minhas senhoras, os motivos por que a senhora viscondessa pareceu commover-se tanto com a minha presença. Realmente, um resuscitado!...

AMELIA (*nervosissima*) — Na verdade... o seu cavallo, consta-me, apparecendo na praia... alguns objectos de vestuario... chapéo, uma capa...

ALFREDO — Naturalissimo que me julgassem morto: quanto mais que o rio Minho alli, embora estreito, é profundo; e, entre outras bellezas, possue umas celebres plantas sub-marinas, a que chamam *labaças*, que, enroscando-se como serpentes ao corpo do nadador, lhe impossibilitam os movimentos. Repito; era natural que me julgassem na eternidade.

AMELIA (*levantando-se com um esforço supremo, tremula e quasi iradamente*) — Mas... em fim!... o que vem aqui fazer?! o que me quer?

MARGARIDA (*admiradissima e tomando-lhe a mão*)— Que significa isto, Amelia?

ALFREDO (*levantando-se cortez e submissamente*) — Vejo que a senhora viscondessa soffreu dolorosa impressão com a minha presença... de phantasma: deploro-o profundamente, e peço licença para me retirar.

AMELIA — Não: fique! (*Para as duas, convulsa e titubeante*). Minhas amigas... desculpem! — peço-lhes que... que se retirem!... Deixem-me só com este homem!... Se me demorar... voltem aqui.

ADELAIDE (*baixo*) — Mas... perdão; não julgo conveniente... V. exc.ª está n'um tal estado nervoso...

AMELIA — Passa; não é nada; vão.

MARGARIDA (*que tem estado com os olhos cravados n'elle, baixo, para a irmã*) — Não sei se deva satisfazer-lhe a vontade! A sós com elle... Nada comprehendo, mas vejo que ha um mysterio que... que lhe é muito penivel, Amelia!

AMELIA (*affectadamente socegada*) — Criança! O que ha-de haver? Negocios de casa de meu pai... Oh! peço-lhes que me deixem!

MARGARIDA (*baixo*) — Cuidado, minha irmã! Este homem tem na physionomia o que quer que seja... *de tigre!* (*Sahe com Adelaide: passando por diante d'elle comprimenta-o seccamente, e sempre olhando-o com certa sobranceria e desconfiança. Alfredo curva-se com a mais profunda delicadeza e respeito*).

SCENA XIV

Amelia e Alfredo

AMELIA (*depois de silencio, corre a elle, agarra-lhe febrilmente nas mãos, e obriga-o quasi a curvar-se, fulminando-o com um olhar desvairado e colerico*)—Mas... que me quer?! para que veio aqui?! Quer perder-me pela segunda vez!?

ALFREDO (*desembaraçando-se-lhe delicadamente das mãos*) — Ouso lembrar a v. exc.ª que podem ouvir as suas exclamações... *inexplicaveis*, peço perdão.

AMELIA — Inexplicaveis!? Que affectadissimo tom é esse, senhor? Que me quer, repito?! Se meu marido o vê...!

ALFREDO — Não creio que me reconheça com a mesma facilidade com que v. exc.ª se dignou demonstrar-me...

AMELIA — Mas qual foi a sua idéa, procurando-me?

ALFREDO — Cumprir um dever... scismado ha vinte annos: entregar-lhe objectos e papeis, que não devem estar em meu poder. Tel-o-hia feito se os bandidos assalariados pelo excellentissimo pai de v. exc.ª...

AMELIA — Vem insultar-me?!

ALFREDO — Oh! não, minha senhora; a prova... eil-a. (*Tira do bolso um pacote pequeno de cartas, um retrato, e um annel*). São objectos pertencentes a certo romance, que tinha como protagonistas, — a formosa Amelia de Alifães, e o jo-

ven Alfredo de Sousa, hoje defunto... para todos. Eis o retrato... (*Dando-lh'o: ella aceita-o machinalmente*). Um annel de alliança, que *só a morte despedaçaria!...* e assim foi, desgraçadamente! Estas cartas, um tanto compromettedoras... (*Amelia vai para tomal-as; elle recúa um pouco*). Perdão, snr.ª viscondessa; para esta entrega atrevo-me a propôr uma pequena condição.

AMELIA (*altiva*) — Condições?! Fui eu, por ventura, que lhe exigi a entrega!? Condições!... Guarde-as! meu marido sabe a minha historia toda. Meu marido... santo! — nobilitou-me, regenerou-me, e... adora-me!

ALFREDO — Sei, minha senhora; ama-a: arraigada a idéa de que não existo: se souber, porém, que ainda pertenço a este mundo...

AMELIA — Embora! Nunca o enganei; conhece todo o meu passado, repito!

ALFREDO — Mas não o conhece o mundo, tenho eu a honra de observar a v. exc.ª

AMELIA (*fitando-o bem de frente*) — Aonde pretende chegar?

ALFREDO — A' conclusão de que v. exc.ª necessita d'estas cartas em seu poder...

AMELIA — Dê-m'as pois!

ALFREDO — Permitta que insista em condições para o fazer.

AMELIA (*depois de silencio, e de o fulminar com um olhar de indignação*) — Vejamos essas condições. Presinto que serão inherentes e de accordo com o caracter do homem, que ha vinte annos adivinhava na amante um *amollecimento cerebral,* e lhe contava, talvez, dia por dia, a existencia pelas cifras dos seus haveres!

ALFREDO (*sempre com a maior delicadeza*) — Que prodigiosa memoria! Vejo, com o maior pra-

zer, que eram infundadas as minhas suspeitas sobre a enfermidade de v. exc.ª (*N'outro tom*). Se a snr.ª viscondessa optasse pela idéa de nos sentarmos?...

AMELIA (*sentando-se machinalmente*) — Vejamos; seja breve e consiso.

ALFREDO (*sentando-se*) — Pois não, minha senhora! nunca tive o sestro das periphrases na minha dialectica rasa e chã. V. exc.ª conhece-a perfeitamente.

AMELIA (*depois de silencio, que lhe exprime ainda o espanto, e fitando-o*) — Sabe que o acho com uns modos totalmente novos para mim?! Transformou-se! Ha o que quer que seja de cynismo n'essa maneira de expressar-se!... Desconheço-o!...

ALFREDO — Oh! minha senhora! Vinte annos!... é para desconhecer, certamente! V. exc.ª mesmo... peço perdão, mas estamos velhos, snr.ª viscondessa! muito velhos! Cabellos brancos...! V. exc.ª nervosissima; eu... eu impertinente... Tudo faz a idade, os desgostos, e... *e os tiros!* Mas, vejamos: quer que recapitulemos um tanto ou quanto do passado?

AMELIA (*sentando-se novamente*) — Não! Abreviemos. Qual é a condição para a entrega d'esses miseraveis papeis?

ALFREDO — Já chegamos: permittir-me-ha v. exc.ª que primeiro a interrogue sobre um ponto, para mim ainda escuro?

AMELIA — Resignar-me-hei a responder.

ALFREDO — Seu excellentissimo esposo soube... do meu crime?...

AMELIA — Tudo, já lh'o repeti! Conheceu que de nada fui culpada, além da leviandade em recebel-o a sós no meu gabinete. Comprehendeu que

uma mulher doente, com deliquios de horas, cahindo prostrada, póde erguer-se... *victima,* e não *criminosa!*

Alfredo — Resolveu-se, por tanto, a reparar a honra da victima?

Amelia — Com a abnegação que só as grandes almas comprehendem! De mais, via-me orphã. Meu pai, impressionado pela certeza da deshonra, sobreveio-lhe um ataque apopletico, e oito dias depois expirou-me nos braços! (*Chorosa e com um grande impeto para elle*). Oh! como eu o odeio!! Como o odiei logo!... como amaldiçoei a sua memoria!

Alfredo (*depois de curto silencio*) — Razoabilissima maldição! justificadissimo odio, minha senhora! Creia que o mais sincero arrependimento...

Amelia (*com altivez*) — Nem lh'o exigo, nem lh'o aceito! Vejamos o que de mim quer para a entrega...

Alfredo — ... De cartas em que tudo se relata, excepto a circumstancia dos seus... deliquios, como v. exc.ª lhe chamou. Vou dizer-lhe o que peço; e desde já imploro a commiseração de v. exc.ª para uma das *anomalias* vulgares no espirito humano, e que hoje sinto acabrunhar-me... talvez com o peso do ridiculo, a seus olhos. V. exc.ª vê estes cabellos quasi brancos, este ar doentio, esta velhice... extemporanea? Pois, minha senhora, coberto de pejo o confesso! De moço se me tornou de novo o coração! Qual *Phenix renascida,* brota hoje das suas proprias cinzas, apesar de enfermo, e ama com toda a força dos seus primeiros annos!

Amelia (*com uma gargalhada nervosa, e do maior desprezo*) — Ah!... ah!... ah!... Delicioso!

Vem então pedir, como troca d'esses papeis, uma faisca do passado amor, não?!... E' infame! mais — é torpe! é ignobil!...

ALFREDO (*hypocritissimamente escandalisado*) — O seu amor!?... Oh! minha senhora!... Se o amor não soube respeitar os meus cabellos brancos, o cavalheirismo de homem educado, obrigar-me-hia de certo a venerar os seus!

AMELIA (*estupefacta*) — Não o comprehendo!...

ALFREDO — Creio; mas vai comprehender-me. Amo perdida, apaixonadamente! N'estas idades, semelhantes molestias são quasi sempre mortaes! Venho supplicar a v. exc.ª o remedio prompto e unico para a minha salvação.

AMELIA — A mim?! (*Erguendo-se repentinamente, e como sobresaltada por uma idéa terrivel*). Que quer de mim?!... Quem é essa que diz que ama, senhor?!...

ALFREDO (*levantando-se e com a maior serenidade*) — Amo, adoro estremecidamente sua excellentissima irmã.

AMELIA (*com um grito*) — Margarida!!... (*Encostando-se a um movel para não cahir*). Ai!!... (*Curto silencio, e suffocadamente*). Sáia, senhor!... pelo amor de Deus lhe peço!... Sáia da minha presença!... (*Como se fallasse comsigo, e quasi desfallecida*). Oh! meu pai!... meu pai!... como sinto o peso da tua maldição!

ALFREDO (*n'um tom mais positivo*) — A recusa de coadjuvação importa a não entrega das suas cartas; a não entrega póde acarretar a immediata publicação do interessante romance — *Amelia e Alfredo*.

AMELIA (*no auge do desespero e caminhando*

para elle de punhos cerrados) — Mas o que me pede é impossivel, senhor!! E' o cumulo da...

ALFREDO (*rapidamente*) — Vem alguem!...

SCENA XV

Os mesmos, D. João, e Margarida

AMELIA (*presentindo-os e mudando rapidamente para um tom amabilissimo e mesureiro, como despedindo-se*) — Justamente; depois de ámanhã vamos para Lisboa: recebemos ás terças-feiras, quando não ha theatro lyrico. Muito prazer nos dará com as suas visitas. (*Tremulo na orchestra, sustentado até ao fim do acto*).

ALFREDO (*curvando-se*) — Minha senhora; agradeço e aproveitar-me-hei da honra. (*Comprimenta-a respeitosamente, e vai para sahir: D. João, de braços cruzados, colloca-se-lhe na frente, obrigando-o assim a comprimental-o tambem profundamente. — Sahe. Margarida ficou ao fundo, e seguiu-o com attento olhar*).

D. JOÃO (*depois de silencio, sombrio, visivelmente desconfiado com a transição da mulher, desce a ella, segura-lhe as mãos, e crava-lhe um olhar escrutinador*) — Amelia!... Quem é aquelle homem?!...

AMELIA (*encara-o como que estupidamente; não podendo resistir ao olhar d'elle, solta um grito de horror*) — Ah!!... Aquelle homem!... é o remorso!... é a infamia!!... (*Cahe no sophá*).

D. JOÃO (*largando-a*) — A infamia... matase!!... (*Corre para o F.*).

MARGARIDA (*interpondo-se e commovidissima*) — Snr. visconde! Não sei que voz occulta me ordena que lhe supplique, em nome de Deus, a vida d'aquelle homem! (*Cahe-lhe aos pés e abraça-lhe os joelhos. D. João, assombrado, pára. Forte na orchestra. Cahe o pano*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Em Lisboa. Gabinete no palacio do conde de Albenzil. Janellas ao F., portas aos lados. Fogão com espelho, mobilia rica e elegante; quadros, jardineiras, sophás, albuns com lentes encaixilhadas proprias para vêr retratos; cortinados, reposteiros, etc., etc. E' dia.

SCENA I

Padre José, Christovão e D. Joanna (sentados a um lado, como conversando, ao levantar o pano). Romão, introduzindo João d'Athayde e Adelaide.

ROMÃO (*para os dous*) — Queiram vv. exc.as sentar-se; já aqui estão estes senhores á espera de ss. exc.as, que não tardam. (*Sahe*).

CHRISTOVÃO (*erguendo-se*) — Ora, chegue-se para cá esse lindo par de visinhos!

D. JOANNA (*sentada*) — Como está a minha Adelaidesinha? (*Os tres apertam-se as mãos*).

ADELAIDE (*apertando-lh'as tambem*) — Boa, snr.a D. Joanna. V. exc.a sempre viçosa e elegante!

D. JOANNA — Credo!... que lisonjeira!

JOÃO D'ATHAYDE — Então estes astros por cá ainda não se dignaram aquecer as suas aristo-

craticas e humidas paredes? Faz aqui um frio de rachar!

D. JOANNA — Esperamos ha meia hora!...

CHRISTOVÃO — Tambem como verdadeiramente a visita não é para elles... A snr.ª D. Joanna é que quiz...

D. JOANNA — Era dever. Sabem que chegou o pai?

JOÃO D'ATHAYDE — O velho?

D. JOANNA — Sim.

JOÃO D'ATHAYDE — Bravo! (*Para elles*). E saberão já que os senhores voltaram do Minho?

PADRE JOSÉ — Ainda não: deve ser-lhe duplicáda a alegria na surpreza... isto é, não por nós; mas pelo bom estado das cousas.

JOÃO D'ATHAYDE — Ah! por isso o escudeiro nos disse, que o visconde e o irmão haviam sahido quasi de madrugada.

PADRE JOSÉ — Foram esperar o pai; a corveta, pelos modos, avistou-se hontem ao pôr do sol; mas dizem que se fez ao largo pelo muito mar na costa.

JOÃO D'ATHAYDE (*chegando a cadeira*) — De fórma que... vão-se *apertando as correias* e... nada decidido!

PADRE JOSÉ — Dêmos tempo ao tempo, meu cavalheiro! As pressas, muitas vezes, botam por terra os planos mais bem edificados.

JOÃO D'ATHAYDE (*fitando-o*) — Dar tempo ao tempo?... Ha que tempos que o dou!... Sabe que mais, snr. padre José? Esta... *conspiraçãosinha* vai-me dando ares de... de burla! (*A um gesto d'elle*). Ella, cousa de decidir-se... nada! Vossê, cousa de apertar, menos!...

PADRE JOSÉ — Eu?!... Aperte-a o senhor! Não incumbiu sua mana de...

João d'Athayde — Quem? esta? (*Sorrindo com ironia*). Nem palavra lhe disse ainda!... Nem dirá, ha-de vêl-o.

Adelaide (*com gravidade*) — E não digo, não: repugna-me.

João d'Athayde — Ouve-a? (*Ergue-se com mau modo e passeia*).

Padre José — Mas... vejamos, menina, vejamos: tem ou não tem amizade verdadeira á snr.ª D. Margarida?

Adelaide (*com fogo*) — Se tenho!...

Padre José — Ser-lhe-hia de grande regosijo vêl-a entre as quatro paredes d'um convento?

Adelaide — Não, de certo! Mas, aquella idéa fixa...

Padre José — Ora adeus! Idéas fixas em raparigas de vinte annos!... Tem a fixidade das arêas da praia; andam á mercê das marés e das luas.

João d'Athayde — Apoiadissimo!

Padre José (*continuando para ella*) — Que lhe custava, com a influencia que sempre leva comsigo a amizade, que lhe custava preparar o terreno, aventurar duas palavras...

João d'Athayde — Quantas vezes lhe tenho dito isso!

D. Joanna — E depois, se dissessemos que era para mau fim...

Adelaide (*perturbada*) — Que querem? Não posso! Quando vou abrir a bocca, pronunciar alguma palavra para o fim desejado, acanho-me, e... mais ainda: desculpem! Parece que vou commetter uma traição!

D. Joanna — Uma traição?!...

João d'Athayde (*passeando*) — E' isto que vêem...

ADELAIDE — Perdôa, João; não é só por ti que fallo, é por todos nós. Pensemos maduramente no caso, pois que estamos aqui reunidos, cousa que não nos acontece desde o mez passado. Que exigem de mim?

D. JOANNA — O' meu anjo! Pois não se lembra já do que se combinou?

ADELAIDE — Parece-me que lembro, e foi por isso que disse: traição. Vejamos: querem os senhores, que, por *interesses reciprocos*, eu faça acreditar a D. Margarida que meu irmão... ama-a apaixonadamente!

JOÃO D'ATHAYDE — *Que a faça acreditar*, não: *fazer acreditar*, envolve o que quer que seja de falsidade: que lhe proteste, que lhe jure, que lhe evidenceie o verdadeiro affecto que por ella sinto. (*Afasta-se. Padre José toca com o pé em Christovão, que lhe pisca um olho, sorrindo. Tomam ambos a sua pitada*).

ADELAIDE — Assim será... (*a um olhar do irmão*) é; e farão favor de me explicar esses *interesses reciprocos* que sempre acompanham este assumpto?

PADRE JOSÉ — Ora vou eu explical-os á minha menina, para que deixe de vez a tal palavra traição, que mal cabida é, e peor sôa aos ouvidos, quando no plano se acha envolvido um sacerdote. (*Tirando papeis do bolso*). Vê estes papeis?

ADELAIDE — Vejo.

PADRE JOSÉ (*passando-lhe um*) — Leia este.

ADELAIDE (*depois de lêr para si*) — Pouco entendo d'isto; mas creio que é a licença d'uma authoridade ecclesiastica franceza, para que a portadora possa ser recebida n'um convento...

PADRE JOSÉ — Como freira professa, perdoado o intersticio do noviciado, ou immediata admissão no hospicio das Irmãs de Caridade.

ADELAIDE (*com certo terror, largando-lhe o papel*) — Guarde isto!... E' lugubre! Parece que me queimou as mãos!

PADRE JOSÉ — Louquinha! Sabe que foi ella que me pediu este serviço?

ADELAIDE — Sei, contou-m'o; como sei tambem que o snr. padre José, com as suas continuadas reticencias, quando ella o interroga sobre esse visivel odio do cunhado, mais lhe arreigou a idéa de expatriar-se, em vez de a dissuadir. Porque lhe não diz o motivo d'esse odio? Deve havel-o, realmente! e o snr. padre José sabe-o com certeza.

PADRE JOSÉ — Não lh'o digo, porque seria essa a maneira d'ella mais depressa se sepultar n'um claustro; e Deus não quer lá ninguem por vingança, ou contra vontade.

ADELAIDE — Prefere, por tanto, com lagrimas e reticencias, desvanecel-a do proposito; não?

PADRE JOSÉ (*commovido*) — Lagrimas!... Oh! sim, que as tenho chorado de sangue!... Pobre menina, que não tem culpa de... (*Limpando os olhos*).

JOÃO D'ATHAYDE (*baixo para Christovão*) — Em todo o caso, eu creio que o *padreca* nos anda aqui a... a empulhar! Já tem as licenças!...

CHRISTOVÃO (*baixo*) — *Bico!* Fallaremos depois.

PADRE JOSÉ — Já vê a minha querida menina, que devemos fazer todo o possivel para desvial-a de...

ADELAIDE — Oh! mas era isso justamente que eu queria que v. rev.^ma^ fizesse!

PADRE JOSÉ (*erguendo-se espantado*) — Eu?!... eu, sacerdote em Christo?! E a consciencia, menina? E o remorso? Eu, votado á igreja! Eu, que só devo occupar-me da sua gloria, que é a de

Deus! Eu, que me cumpre arrebanhar as ovelhas perdidas, hei-de ir enxotar a que voluntariamente se vai abrigar no aprisco do Senhor!?

D. JOANNA (*extasiado*) — Muito bem! Parece que está prégando!

PADRE JOSÉ (*naturalmente, e tomando a pitada*) — Obrigado, snr.ª D. Joanna.

ADELAIDE — Mas... custa-me a comprehender essa *mystica* repugnancia, quando parece desejar que os outros evitem o facto! Em conclusão, meus senhores; desculpem-me alguma cousa menos agradavel, que possam ouvir-me; mas é que na verdade necessito ha muito tempo desabafar! Repito: vejo em tudo isto uma traição, e tanto mais repugnante quanto tende ella ao vergonhoso fim do dinheiro!

JOÃO D'ATHAYDE (*desabrido*) — Advirto-a de que sou seu irmão mais velho, menina, e de que, se ha-de dizer semsaborias, e desagradabilidades, convidal-a-hei a calar-se!

ADELAIDE (*com certa docilidade e tristeza*) — Não: hei-de fallar, para descargo da minha consciencia, que até me parece, ha tempos, quando entro n'esta casa, e me recebem como irmã, que commetto um crime! Sim! senhores; é tudo isto uma traição; aggravada pela qualidade mais feia, mais negra, mais cobarde, que coração humano possa abrigar — a ingratidão.

JOÃO D'ATHAYDE — Adelaide!

ADELAIDE — Hei-de concluir; tenha paciencia! Sim; ingratidão! e, senão, vejamos: quem eramos nós, João, antes de encontrarmos D. Margarida? Sábel-o muito bem, e todos estes senhores sabem. Havia pouco tempo que morrera nosso pobre pai, honrado empregado publico, que, em quanto pôde, nos educou superiormente ás suas posses; mas que depois de reducções nos seus honorarios, me tirou,

por não poder mais, do collegio aonde eu estava a educar, e aonde tive a felicidade de contar no numero das minhas companheiras, e mais intimas amigas a menina Margarida d'Alifães. Tu, João... desculpa! — com o teu genio... excentrico, nunca aproveitaste a boa vontade do pai para a tua educação...

JOÃO D'ATHAYDE — E' falso! Sabe muito bem que as minhas aspirações eram — ir para Coimbra: o pai...

ADELAIDE — E o pai, coitado! — não tinha meios para isso... Finalmente, morreu, nós ficamos orphãos p'ra alli desamparados, e sabe Deus as privações que durante mezes soffremos!...

JOÃO D'ATHAYDE — D'accordo; mas creio que isso não é para aqui!

ADELAIDE — Ah! lá isso é, porque quero fundamentar bem as minhas asserções. (*Continuando*). Depois de nos desfazermos de quantos objectos de algum valor possuiamos, depois de reduzidos... quasi á miseria, sem vergonha o confesso, meu irmão escrevendo no cartorio de um tabellião, eu fazendo flôres de cêra, lembrei-me da D. Margarida. Procurei-a, recebeu-me nos braços, e... d'ahi a um mez, João, por diligencia e protecção d'esta nobre familia, estavas empregado n'um excellente lugar publico.

JOÃO D'ATHAYDE — Fizeram-me o que se faz a muitos. Justissima retribuição dos serviços de meu pai.

ADELAIDE — E até alli quem d'elles havia feito caso, João?

JOÃO D'ATHAYDE — Pois bem; que quer dizer com isso? que sou obrigado a esta gente? Não o nego.

ADELAIDE — Quero mais; quero que reconhe-

ças a tua ingratidão, e que não procures, por meio de mysteriosos conluios, cobrir-te de ridiculo, aspirando á posse de uma senhora d'aquellas.

JOÃO D'ATHAYDE — Olhem a grande cousa! Uma bastarda, a final!

D. JOANNA — Sim; estas prosapias...! são realmente notaveis! Justamente; uma bastarda da casa d'Alifães, a final das contas.

ADELAIDE — Quanto ao snr. padre José, perguntarei: não será ingratidão pretender sepultar aquelle coração de anjo nas grades de um convento?

PADRE JOSÉ — Meniná! nem pela sua idade, nem pelo seu sexo, nem pela sua posição, a julgo authorisada a dirigir-me a mais pequena reprehensão.

ADELAIDE (*sempre com docilidade*) — E que tenho eu com o que v. rev.ma julga a meu respeito? Pergunto: Será razoavel tirar a esta familia a nuvem côr de rosa que tem no seu horisonte constantemente carregado? Não é a Margarida a unica alegria da casa? Sepultal-a n'um claustro não seria matar de melancolia esta familia toda? A pobre viscondessa, doentissima, avelhentada que a ama estremecidamente!... Oh!... é cruel!...

PADRE JOSÉ — Menina; a ignorancia, creia, é a mais atrevida conselheira que podemos ter n'este mundo. Se soubesse d'esses mysterios de que ha pouco fallou... (e talvez um dia os saiba) veria que da minha parte não ha senão a melhor bôa fé, a mais acrisolada dedicação e o convencimento de que para essa menina, e para a sua familia, não ha, não póde haver outra felicidade no mundo, além da paz e quietação da casa de Deus! (*Commovidissimo e limpando os olhos*). Se soubesse...! Pobre anjo!

João d'Athayde (*parando em frente d'elle*) — A minha irmã tolero tudo, snr. padre José; é uma criança a final; mas ao senhor...! ao senhor, é que não posso por mais tempo supportar que nos esteja p'ra aqui a... *chuchar*, com esses seus modos e palavras... de jesuita!

Padre José — Bom! isto hoje está bonito! Então *vobecê* agora achincalha-me?!

João d'Athayde (*tirando duas cartas*) — Já vamos vêr quem tem razão, e quem teem sido os *achincalhados*. (*Para Christovão e D. Joanna*). Saberão que durante a sua ida ao Minho, o snr. padre José incumbiu-me de lhe receber a correspondencia. Saberão mais, que vieram estas duas cartas, uma de Paris, outra da posta interna...

Padre José — O senhor abriu as minhas cartas?!

João d'Athayde — Visto a confiança que todos nos deviamos reciprocamente...

Padre José — Mas isso é uma...

João d'Athayde — Seja o que fôr: o mal está feito, e ainda bem, porque o desmascarei por uma vez!

Padre José (*erguendo os olhos com sentimentalismo*) — Meu Deus! que de cousas ruins se praticam hoje! Até o segredo das cartas já não é sagrado! Onde iremos parar, santo Deus!?...

João d'Athayde — Ao inferno, padre, talvez! mas ouça estes dous bonitos documentos da sua boa fé. (*Lendo*): «Paris. *Monsieur le superieur me com*«*mande*... (*Interrompendo-se*). Ah...! eu leio em por«tuguez, snr. Sousa. (*Lendo*): «O superior me orde«na que lhe participe que tudo se acha prompto para «a entrada da sua protegida; que bastante penalisa«do está por vêr da parte de v. rev.ma uma tal ou «qual hesitação nas suas cartas. Que se é por cau-

sa da quantia estipulada para a obra meritoria em que v. rev.^ma^ se empenha, póde do dote da neophyta tirar-se mais alguns milhares de *francos*, pois que tanto vale servir a Deus na França, como em Portugal. Que não põe duvida mesmo em ceder a bem das pias intenções de v. rev.^ma^ até á terça parte do dito dote, mas que lhe é mister uma deliberação immediata e terminante, visto como as ordens e licenças já lhe foram enviadas, e que a confraria espera anciosamente mais essa brilhante estrella para o esplendor e engrandecimento do templo de Deus! Sou etc. etc.» (*Depois de os encarar em silencio*). Então? Que nos diz a isto, snr. Sousa?

CHRISTOVÃO — Eu digo que... sim, a fallar a verdade...!

JOÃO D'ATHAYDE — Isto não se faz, snr. padre José! Isto é que é uma verdadeira traição!

PADRE JOSÉ (*juntando as mãos*) — Traição o serviço de Deus, filho?!

JOÃO D'ATHAYDE — Qual serviço de Deus!... Serviço... da sua algibeira, padre.

ADELAIDE (*sem se poder conter*) — E' ignobil! (*Vai sentar-se longe d'elle, como enojada*).

JOÃO D'ATHAYDE — Silencio, menina! faça favor! (*Para elles*). Agora esta ainda é mais caracteristica das boas qualidades do snr. padre José. (*Para elle*). Vejamos se tambem será para o serviço de Deus. (*Lendo*): «Meu caro abbade... A pequena cada *bez*... (*Interrompendo-se*). Eu leio tal qual aqui está, já podem perceber de quem seja. (*Lendo*): «A pequena cada *bez* se mostra mais escarnecedora e mais *arisca* commigo. *Bossê* sabe que eu não sou *home* para estas cousas de namoricos, nem me está bem; por tanto melhor será que *bossê* quanto antes lhe falle, consoante ao que me

prometteu; e se a cousa pegar, conte com os seus seis contos para a igreja d'Alifães. Eu estou com os tornozellos inchados, e não posso por lá apparecer. Faça-lhe *ber* que sou um *home* rico; que tenho hoje uma casa superior a duzentos contos, e que um *pão com um bocado, ajuda é.* Sem mais, por *bia* dos tornozellos, etc. etc. Assignado, *Antunes.*»

D. JOANNA — O commendador!?

JOÃO D'ATHAYDE — Justamente... Que me dizem a isto? Quantos bicos tem o pau com que este amigo joga, hein?

D. JOANNA (*meneando a cabeça, como deplorando*) — Ora, snr. padre José!... snr. padre José!...

CHRISTOVÃO — Realmente... essa agora!... E prometteu-lhe...

JOÃO D'ATHAYDE (*lendo*) — «Consoante ao que me prometteu...» (*Forte*). Já viram nada mais... mais...

PADRE JOSÉ — Mas, meus senhores, é necessario que entendam por uma vez, que o que quero é concertada a igreja d'aquella milagrosa Senhora! Venha de aonde vier o dinheiro.

JOÃO D'ATHAYDE — O senhor é... um traidor á amizade! é o que o senhor é!

D. JOANNA — Fazia outro conceito do snr. padre José da Natividade, realmente!

CHRISTOVÃO (*animado pelo tom da mulher*) — Apoiado, snr.ª D. Joanna! E' um refinadissimo embusteiro!

PADRE JOSÉ (*levantando-se*) — Snr. Sousa!...

CHRISTOVÃO (*levantando-se tambem*) — Digo-lhe isto! Mas juro-lhe que me hei-de vingar do senhor! Ajustes com todos, e eu então!... Hei-de vingar-me, creia!

PADRE JOSÉ — Sabem que mais? Se não fosse o meu caracter, e profissão, mandava-os... para o

diabo!! (*Benzendo-se*). Credo! Perdoai-me, Senhor Deus Omnipotente! (*Batendo no peito*). *Mea culpa! mea culpa!...*

João d'Athayde — E eu, se não fosse estarmos aqui e o senhor ser um velho, bem sei como me desaffrontava!

Padre José — *Vobecê* ameaça-me?!

João d'Athayde — E realisaria a ameaça, que se costuma fazer... aos tratantes!

Padre José (*gritando*) — Tratante!? e *vobecê* o que é?

João d'Athayde (*avançando para elle*) — Snr. padre José!... Snr. padre José!...

SCENA II

Os mesmos e Margarida

Margarida (*pallida, mas socegada, e com um constante sorriso durante toda a scena*) — O que é isto, meus senhores? Estão altercando, creio eu!... (*Descendo ao centro*). Quebrou-se a cadêa da tão santa amizade que os unia? O que foi?

João d'Athayde (*perturbado*) — Nada, minha senhora; questões politicas... (*Estendendo-lhe a mão machinalmente*). Como está v. exc.ª?

Margarida (*olhando-lhe para a mão estendida*) — O que? quer que lhe aperte a mão? Nada, não; tenho medo de me ferir nas unhas. Olhe (*estendendo-lhe a mão um pouco por cima da cabeça, na frente*) dê antes uma... *marradinha!...* Vamos! *marradinha!...*

João d'Athayde (*desorientado*) — Que quer v. exc.ª dizer?

Margarida (*sempre com a mão estendida*) —

Uma *marradinha*... é o comprimento que melhor quadra á sua indole de... de *gato maltez*.

PADRE JOSÉ (*comsigo*) — Bonito! Ouviu tudo!... Eu me *desentalarei* com elles.

MARGARIDA — V. exc.ª, snr.ª D. Joanna, desculpe de não me chegar muito para lá; não vejo aqui á mão uma jaula, e as *pantheras*, mesma através das grades, são perigosas com as garras, quanto mais soltas.

D. JOANNA (*abespinhada*) — Minha senhora! para insultos d'esses, melhor fôra que dissesse logo que não nos queria receber!

MARGARIDA (*Margarida sem lhe responder e dirigindo-se a Christovão*) — Saiba que os *ovos d'ouro* já foram tirados da capoeira; creio que nada fará a *raposa* em lá ir, mesmo porque póde cahir na armadilha.

CHRISTOVÃO (*submissamente*) — V. exc.ª chama-me *raposa!*... minha senhora?

MARGARIDA (*para o padre José*) — Em quanto ao senhor, como é da familia, tenho que dar-lhe uma incumbencia.

PADRE JOSÉ (*resignadamente, como quem já espera verrina*) — A's suas ordens, minha senhora!

MARGARIDA — Veja se vai com algum dos criados á loja do Margotau, ou do Gardé, e se descobre um pedaço de tapete igual a este. O senhor tem estado ahi ha uma hora a chorar; e, segundo consta, as lagrimas sanguineas do *crocodilo* põem nodoa.

PADRE JOSÉ — Seja pelo amor de Deus! O que aqui vai! o que aqui vai... por uma cousa de nada!

D. JOANNA (*muito sacudida*) — Não é possivel continuar por mais tempo uma situação como esta! A minha qualidade de senhora, inhibe-me de

responder a taes provocações, resta-me só a consolação de não me serem dirigidas pelos verdadeiros donos da casa! (*Tomando convulsamente o braço do marido*). Vamos, snr. Sousa!

CHRISTOVÃO (*titubeante*) — Eu, menina... sim, eu tenho que esperar por ss. exc.as... para as contas...

MARGARIDA (*agarrou-se a Adelaide, que está muito contristada; e ri-se á sub-capa*).

D. JOANNA — Pois bem; se ainda tem forças e coragem para ficar n'esta casa, fique; eu... saio!

MARGARIDA — Não vá, senhor Sousa, não vá; olhe que a *raposa*, embora damninha, é um animal pequenino, e facilmente póde ser devorado pelo grande.

D. JOANNA — Respeito a casa aonde estou, minha senhora, aliás... Faz favor de me acompanhar, snr. João d'Athayde!

JOÃO D'ATHAYDE (*desesperado*) — Estou ás suas ordens.

D. JOANNA (*tomando-lhe o braço e sahindo*) — Quem nos diria isto! Tão bem tratados sempre pelos donos da casa, e enxovalhados assim por... pela bastarda! (*Sahem*).

MARGARIDA (*levantando a voz e subindo um pouco*) — As escadas foram hontem enceradas de novo; peço-lhes o favor de encolherem as garras.

SCENA III

Margarida, Adelaide, Christovão e o Padre José

CHRISTOVÃO (*chegando-se-lhe a medo*) — Eu peço a v. exc.a que... sim, v. exc.a sabe...? eu não

sou, nem quero ser solidario das acções, ditos, ou pensamentos d'aquella senhora!

MARGARIDA (*voltando-lhe as costas*) — O senhor é... é um tolo, e mau com todos. (*Conduz Adelaide para o sophá, e senta-se com ella*).

CHRISTOVÃO — Antes quero ouvir-lhe isso!... Mas raposa!... eu, raposa!... (*Vai sentar-se a um canto*).

PADRE JOSÉ (*chegando-se com muita humildade*) — Com que então tambem fui envolvido n'esse cataclysmo de ironias, qualificações aviltantes, e...

MARGARIDA (*com seriedade*) — Olhe, padre José; de si tenho pena, na verdade! Por muito que faça, não posso applicar-lhe do coração essa ironia com que me vingo dos outros. Deploro mais esta desillusão da minha vida!

PADRE JOSÉ — Mas qual desillusão?

MARGARIDA — Vêl-o mettido em intrigas mesquinhas, e em conluios ridiculos!

PADRE JOSÉ — Valha-nos Santa Maria, Mãi dos homens! Pois não percebeu que se n'elles me envolvi, foi só com o fim de a salvar de qualquer perigo?! Pois não comprehendeu que se fingia... (Deus me perdôe!) se fingia ligar-me aos seus exploradores, era só com a idéa de lhes descobrir os planos, de lh'os frustrar, de...

MARGARIDA (*encarando-o*) — N'esse caso, trahia-os a elles?... Não o acredito! Quando a confiança foge uma vez da minha alma, não sou mulher que novamente lhe dê entrada; sabe-o. O snr. é... é um hypocrita!

CHRISTOVÃO (*comsigo*) — Apanha! Deixa estar, que eu te arranjarei um bom premio á tua fidelidade.

PADRE JOSÉ (*que limpou os olhos*) — Perdôo-lhe essa... irascibilidade, porque sou christão, menina; mas o insulto ha-de gerar-lhe remorsos; vêl-o-ha.

MARGARIDA (*para Adelaide*) — E tenho pena, repito! Imagina que o padre José viu-me nascer, quasi; educou-me até aos onze annos: aprendi a temel-o, depois a amal-o, depois... a respeital-o! Confiei-lhe inteiramente a minha alma, os meus pezares, os meus pequenos segredos de criança, e até... os meus affectos mais serios! Sem pai, sem mãi; depois de minha irmã, era n'esta casa a pessoa que mais intimamente me conhecia; e venho encontral-o n'um conluio degradante, indigno de todo o homem serio, quanto mais de um ministro do altar!

PADRE JOSÉ (*commovidissimo*) — Santissima Virgem das Dôres! Que negra ingratidão anda sempre apegada á pobre humanidade! Como se julgam as intenções dos homens de bem! como se interpretam as benemerencias dos verdadeiros amigos!...

MARGARIDA (*erguendo-se altivamente*) — Peço-lhes que saiam d'aqui! Necessito ficar só com a minha amiga... Façam favor de ir esperar ss. exc.[as] para outra sala.

PADRE JOSÉ — Assim me despede?!...

MARGARIDA — Não despeço ninguem!... (*Impaciente*). Quero ficar só! Deixem-me!

PADRE JOSÉ (*para Christovão*) — Vamos, vamos, snr. Christovão de Sousa...

CHRISTOVÃO — Rogar-lhe-hei... não! — prohibo-lhe expressamente de trocar commigo uma só syllaba!... (*Comprimenta-as e dirige-se para a porta*).

PADRE JOSÉ (*seguindo-o*) — Pois sim, sim; mas ouça lá, homem: deve o meu amigo saber...

CHRISTOVÃO (*voltando-se*) — Nem uma syllaba, senhor! (*Sahem: Padre José querendo fallar-lhe, e elle encolhendo os hombros com impaciencia*).

SCENA IV

Margarida e Adelaide

MARGARIDA (*como respirando mais livremente*) — Uf! Que atmosphera de ridiculo e de villania innundava isto aqui! E tu, minha pobre e innocente *gazella*, respirando-a ha meia hora! (*Abraçando-a e beijando-a*). Como és nobre, minha Adelaide! como és boa!... como és grata! como és minha amiga.

ADELAIDE (*acanhada*) — Ah! ouviste?...

MARGARIDA — Tudo! Que instinctos te pôz Deus n'esse coração de mulher!

ADELAIDE — Estás a envergonhar-me!

MARGARIDA — Sabes que vai haver uma grande mudança na minha posição?

ADELAIDE — Que queres dizer? Casas-te?

MARGARIDA — Com meu primo D. Carlos?... Oh!... Esse... esse... Os malditos quarenta contos do meu dote, supponho que lhe pesam no animo como enorme humiliação para a sua meia duzia de moedas dos soldos. Se assim é, vê tu, Adelaide, como a riqueza, em vez de felicidade, nos dá muitas vezes a desventura!

ADELAIDE — Pois bem: mas eu não sei que presentimento me segreda, que todas essas vacil-

lações hão-de acabar, e que cedo dançarei no baile das tuas nupcias!

MARGARIDA (*com um suspiro*) — Ai!... talvez; mas não sendo elle o noivo.

ADELAIDE — O que?!... pois outro...

MARGARIDA. — Lembras-te da desusada e surprehendente visita, que tivemos ha cinco dias?

ADELAIDE — O snr. Alfredo de Sandúval?

MARGARIDA — Sim. Lembras-te da singular historia que nos contou? Lembras-te da inexplicavel perturbação de minha irmã? Pois bem... cousa extraordinaria!... Que senti eu por aquelle homem?... Que impressão foi esta?!... Desde então, ha cinco dias, nota — não penso senão... n'elle!... Sonho com elle!... Vejo-o por toda a parte!

ADELAIDE — Meu Deus! amal-o-has?

MARGARIDA — Não sei!... (*Tirando um papel*). Lê esta carta.

ADELAIDE — Uma carta!... de quem?

MARGARIDA — Lê.

ADELAIDE (*lendo a assignatura*) — «Alfredo de Sandúval!...» Ah!

MARGARIDA — Lê, e pasma.

ADELAIDE (*lendo*) — «Minha snr.ª: Não me se« ria possivel, nos estreitos limites de uma carta, « patentear-lhe o meu caracter: o que d'elle póde « alcançar por este papel, é — ser a franqueza qua« lidade predominante da minha alma. Amo-a, não « com esse fogo ephemero da juventude, mas com « a prudencia, adoração, e inextinguibilidade pro« pria da razão e do perfeito raciocinio. Tomo por « tanto a liberdade de lhe pedir a sua mão, na cer« teza de que a minha ventura será tão grande, « que se tornará a maior garantia da completa fe« licidade de v. exc.ª Todo seu — *Alfredo de San« dúval.*» (*Declamando*). Não me admiro. Conver-

sando com meu irmão, que, casualmente travou relações com elle nos banhos, ouvi-o fazer-te os maiores elogios.

MARGARIDA (*guardando a carta*) — Imagina o effeito d'esta carta, recebida hontem á noite, em seguida á alluvião de interrogações, que mentalmente a mim propria me dirigi, sobre os meus sentimentos a respeito d'esse homem!

ADELAIDE — E respondeste-lhe?

MARGARIDA — Respondi, depois de mostrar a carta a minha irmã e ao visconde, a quem fui immediatamente consultar.

ADELAIDE — E elles?...

MARGARIDA — Continuaram as singularidades, e as reticencias. Depois de lêr a carta, minha irmã desatou a chorar. Pretendi consolal-a, dizendolhe que effectivamente havia chegado á idade propria de me casar, como todas as mulheres se casam; que renegava a idéa de convento, e que se, depois de estudar o caracter do meu pretendente, o conhecesse digno da familia, me casaria com elle. Não me respondeu senão... com lagrimas! Sahi do quarto, confesso que contrariada: o visconde seguiu-me, e disse-me com um indescriptivel sorriso de ironia e de dôr: «Escreva a esse homem, e convide-o para ámanhã, que chega meu pai, o verdadeiro chefe da familia, convide-o para vir formular o seu pedido em fórma.» Perguntei-lhe o que lhe parecia este casamento; encarou-me, mediu-me d'alto a baixo com um certo olhar de compaixão, soltou uma gargalhada nervosa, e desappareceu!

ADELAIDE — Para mim é ponto de fé que não casarás com elle, mas sim com teu primo D. Carlos.

MARGARIDA — Não sei: o que me cumpre é definitivamente tomar uma posição livre, indepen-

dente, embora o coração padeça! Supportar por mais tempo esta vida de mysterios, de vacillações, de anomalias, isso é que não! E se minha irmã me faltasse, que seria de mim sob o dominio de um homem, que decididamente não me póde vêr?! Oh!... antes morrer tambem. (*Sente-se dentro uma girandola de foguetes, e os sinos da capella do palacio tangendo alegremente.*)

ADELAIDE (*levantando-se*) — O que será aquillo?

MARGARIDA (*correndo a uma das janellas*) — Ah! é a chegada do conde! Este sim, que sempre foi meu verdadeiro amigo! E ha quatro annos que não o vejo!... (*Para ella, que se lhe approximou*). Repara!... vê como é um bonito homem!

ADELAIDE — Oh! mas parece estar muito mais velho!

MARGARIDA — Tem setenta annos. Ah! mas aquillo é que é um coração... de santo! Vaes vêl-o! (*Vão ambas ao encontro dos personagens*).

SCENA V

As mesmas, o Conde, D. João, e D. Carlos

(*O conde traz o seu uniforme de contra-almirante, ornado de varias condecorações: está encanecido de barba, calvo, mas rijo e elevadissimo no aspecto. D. Carlos traz o seu uniforme de capitão d'estado maior. D. João de casaca*).

CONDE (*ainda agarrado com os filhos, visivelmente commovido, mas diligenciando occultar as lagrimas de alegria*) Bem, bem! *dêmos fundo* aqui, que aquelles malditos atordoaram-me os ouvidos com as suas festanças!

MARGARIDA (*avançando para elle*) — O snr. conde permitte...

CONDE (*agarrando-a nos braços e elevando-a á altura dos labios*) — A minha querida Margarida!!... (*Dá-lhe um beijo na testa, e senta-se n'uma cadeira, como não podendo mais com a commoção*).

MARGARIDA — Lembrava-se de mim?

CONDE — De todos, filha!... de todos! (*Limpando os olhos*). Que vergonha!... e choro!...

MARGARIDA (*beijando-o commovida*) — Santas lagrimas!

CONDE (*suffocadamente*) — Se soubesse, tinha-me vestido á paisana! (*Com expansão, mas sempre muita dignidade*). Ora adeus! Que tenha paciencia o uniforme mais symbolico da energia, e da força de vontade! Envergonhem-se embora as condecorações do marinheiro audaz! Estas lagrimas, se não me sahem do coração, arrebentam-m'o! (*Em lagrimas*). Ah! estou em minha casa! Filhos!... venham cá, meus queridos filhos!!... (*Sentado, puxa-os para si violentamente: passa um braço em derredor da cintura de João, puxa o outro filho para cima de um joelho; Margarida, prostrando-se-lhe aos pés, beija-lhe a mão: n'aquelle grupo misturam as lagrimas d'alegria, sem poderem fallar*).

CONDE (*depois de largo silencio, erguendo a cabeça*) — Ha quatro annos que tenho estas lagrimas atravessadas na alma! De vez em quando, lá por esses mares, vinha uma ás palpebras, como que para me avisar de que as outras cá estavam de reserva!... Pois... ahi as teem todas, filhos.

MARGARIDA (*de joelhos, limpando-lhe os olhos com o seu lenço bordado*) — Deixe-me colher estas perolas da corôa de Deus, meu amigo! Que até sacrilegio seria que ellas tocassem o chão!

CONDE (*tornando a beijal-a*) — Sempre poetica e meiga! (*Voltando-se para o filho*). Estás um bonito rapaz, Carlos! (*Encarando-o bem*). E com muito prazer observo que conservas estampada no rosto essa aureola dos *sem cuidados*, caracteristica da paz da consciencia.

D. CARLOS (*beijando-o na fronte*) — Sou seu filho, meu pai!

CONDE (*para os outros*) — Tu, João, é que estás mais avelhentado!... Tua mulher, como disseste, sempre doente; não?

D. JOÃO (*cada vez mais taciturno*) — Sempre, meu pai; é incuravel aquelle mal.

CONDE — Vida mofina levas, pobre filho!

D. JOÃO — E' um supplicio, porque cada vez mais a amo!

CONDE (*vendo Adelaide*) — Aquella formosa menina é...

MARGARIDA — A minha extremosa amiga.

CONDE (*concluindo e estendendo-lhe a mão*) — D. Adelaide d'Athayde, irmã do snr. João d'Athayde. A memoria não se me enfraqueceu com os annos, graças a Deus!...

SCENA VI

Os mesmos, Amelia, Padre José, e Christovão

AMELIA (*visivelmente doente, caminhando devagar*) — Desculpe ser a ultima, meu pai; mas o meu estado de saude... (*Ajoelhando-lhe aos pés*). Abençôe-me, que bem necessitada estou da bençâo de um justo! (*Beija-lhe a mão commovida*).

CONDE (*erguendo-a nos braços com carinho, e certo respeito*) — Minha filha!... não é de joelhos

que se recebem as caricias dos nossos verdadeiros amigos! (*Beijando-a nas duas faces*). Mas o que é isto? abatida!... triste!... Vamos! desejo vêl-a alegre com a chegada do velho!

AMELIA (*sorrindo tristemente*) — Sim! quero alegrar-me, quero! Vê? parece que os seus beijos deram-me saude! (*Passando ao marido*). Dou-te os parabens, João! (*Beijando-o*). E' uma grande felicidade!

D. JOÃO (*comsigo*) — Ou uma grande desgraça!

CONDE (*vendo os dous*) — Oh! o nosso activissimo procurador!... O nosso santo capellão! (*Os dous chegam-se e apertam-lhe as mãos com respeito*). Estão ambos velhissimos!... (*Rindo*). Decididamente só eu remocei!

PADRE JOSÉ — E é verdade! Com effeito o snr. conde está parece que mais novo... dez annos.

CONDE (*sorrindo*) — Sem um cabello preto, não? Ora vamos! vejo que ainda não perdeu o sestro de nunca fallar verdade.

PADRE JOSÉ (*sorrindo tambem*) — E v. exc.ª o de implicar sempre com este seu humilde servo.

CONDE (*para Christovão*) — E os nossos negocios, snr. Christovão de Sousa? tudo bem; não?

CHRISTOVÃO — Cheguei hoje mesmo do Minho, e posso affirmar a v. exc.ª que tudo está correntissimo.

CONDE — Excellente! Tu, João, continuas com a tua repugnancia aos negocios concernentes á casa?

D. JOÃO (*sorrindo*) — E' feitio meu: não me entendo com estas cousas.

CONDE (*rindo*) — Ficas desgraçado, quando eu

morrer! (*Para Amelia*). Minha filha, por minha causa... Vejo que está doente, e rogar-lhe-hei o favor de...

AMELIA — Não, meu pai; sinto-me melhor: creio que a sua chegada influenciou muito no meu estado. Eu e meu marido temos cousas muito sérias a communicar-lhe, e, como verá, de pouco tempo dispomos... Espera-se aqui uma visita... (*tremula*) que muito o surprehenderá de certo... Necessitamos combinar...

D. JOÃO — E quanto antes! Peço desculpa de, apenas chegado, lhe roubarmos o tempo melhor empregado sem duvida nas expansões d'esta grande alegria: porém, effectivamente o tempo urge... Em primeiro lugar, (*designando o padre José e Christovão*) desejo que estes senhores lhe prestem quanto antes contas da sua missão: em segundo lugar, necessitamos tratar de assumptos muito intimos e de summa gravidade. Se meu pai fizesse o favor de nos acompanhar ao gabinete...

CONDE — Deploro que seja tal a urgencia; mas o tom em que me fallam... (*Encarando com os dous; marido e mulher, que estão profundamente commovidos*). Vamos! vamos, e quanto antes.

MARGARIDA (*baixo para Adelaide*) — Presagío tempestade! Que mysterios serão estes, meu Deus?

ADELAIDE — Tratar-se-ha do teu casamento?

MARGARIDA — Assim o creio.

CONDE — Até logo. (*Aperta a mão de D. Carlos, de Margarida, e de Adelaide: dá o braço a Amelia, e sahe seguido por D. João, Christovão e padre José*).

PADRE JOSÉ (*baixo para Christovão sahindo*) — O' snr. Sousa, que urgencias serão estas?...

CHRISTOVÃO (*voltando-se*) — Já lhe disse que

nem uma syllaba, snr. padre José da Natividade! (*Sahem*).

SCENA VII

D. Carlos, Margarida e Adelaide

MARGARIDA (*para o primo*) — Não assiste á conferencia?

D. CARLOS — De que Deus me defenda! Não ha para mim melhor narcotico do que uma conversação sobre negocios.

MARGARIDA — Mas creio que não se tratará unicamente de negocios... de casa: supponho que tambem alguma cousa se dirá... a meu respeito.

D. CARLOS — A seu respeito?... (*Com fingida indifferença*). Ah! sim, o mano João creio que nos fallou pelo caminho de... de um pedido de casamento. Dou-lhe os parabens. Já era tempo.

MARGARIDA — Tempo... de que?...

D. CARLOS — De se casar.

MARGARIDA — Oh! pois tão velha estou!...

D. CARLOS — Não de certo; pelo contrario; mas, como creio que andava com idéas de se recolher a um convento, o que evidentemente nos provou que não se dava bem n'esta casa, com a nossa familia...

MARGARIDA (*muito séria*) — Não diga isso, que me atormenta, creia! Se soubesse que de ingratidão encerra essa idéa...!

D. CARLOS — Perdão, mas não vejo... isto é — não via outros motivos á sua clausura... tão fóra de moda.

MARGARIDA — Não via, não, porque o primo não repara em nada do que se passa na sua casa,

D. Carlos — Quer dizer que sou idiota, ou estouvado?

Margarida — Não!... Meu Deus! está hoje de uma susceptibilidade!... O que tem? (*Com meiga ironia*). Estará doente algum dos seus cavallos?

D. Carlos (*sempre um poucochinho desabrido*) — Nenhum; gozam todos perfeita saude.

Margadida — Então porque são esses modos... tão *sacudidos*?

D. Carlos — A prima é que, creio que depois da certeza de que vai casar, parece que adoptou uns certos ares de reprehensão!... — Não tenho nada, minha prima. Estou hoje aborrecidissimo! (*Sobe ao fundo*).

Margarida (*baixo para Adelaide*) — Já viste homem mais singular? E não é capaz de me reprovar o tal casamento... em *perspectiva,* verás!

Adelaide (*alto para elle*) — Naturalmente o snr D. Carlos está n'essa disposição porque... sim, custa separarmo-nos das pessoas com quem temos vivido desde a infancia. O teu casamento.

D. Carlos (*sentando-se*) — De certo! Creio que a ninguem é agradavel vêr ir pela porta fóra uma pessoa a quem se estime.

Margarida (*com alegria*) — Ah!

D. Carlos — E de mais a mais pelo braço de um homem que... que não se sabe quem é!... (*Com ironia raivosa*). Um diplomata!... um... *quidam,* eu sei!...

Margarida — Sim; mas se eu lhe tiver amor...

D. Carlos — Amor!... (*Rindo*). Ah!... ah!... ah!... A prima sabe lá o que é amor!

Margarida — Não sei o que é?! (*Com um suspiro galantemente intencional para elle*). Ai, primo! primo! Oxalá que eu não soubesse!...

D. CARLOS — Cuida saber, mas não sabe, creia. O amor, minha querida Margarida, é um mytho! Todas as senhoras e alguns homens... parvos! — definem o amor como um encanto d'alma, um sonhar acordado, um extasis divino, contemplações quasi mysticas, delicias phantasticas, etc. (*Rindo*). A final tudo isto é um pretexto... para fazer versos, nada mais! O amor, no nosso seculo, é fazenda que se vende a retalho, como outra qualquer: quanto mais ouro na concha da balança, mais amor do outro lado. Apostava a vida em como é enorme o amor do seu pretendente! — Quarenta contos em metal sonante devem ter bom peso!

MARGARIDA — Que materialista me está sahindo o meu querido primo D. Carlos! Então, independente d'essa eterna e asquerosa questão do dinheiro, não é possivel que duas almas se aproximem pela immaterialidade do sentimento? Não é verosimil que dous corações bem formados, cheios de iguaes inspirações de virtude...

D. CARLOS (*sorrindo*) — Sim, sim: Vôa! vôa, *aguia altiva!* Vôa até ás alturas arrojadas da tua indole! Mas toma cuidado, não vás além da atmosphera terraquêa; olha que pódes asphyxiar-te com os ardores do sol da tua esplendida imaginação!

MARGARIDA (*batendo ligeiramente com o pé*) — Isso! isso! — Arrebita a orelinha, *cavallinho arabe!* Olha não haja alguma desgraçada que pretenda ser tua dona, e que te faça lançar para o monte dos trastes inuteis esse soberbo scepticismo, com que tão altivamente te atavias!

D. CARLOS (*rindo*) — E' a minha grande vantagem: eu, *cavallo arabe,* ando pela terra; não me arrisco a cahir: a priminha, *aguia* arrojada, está

sempre em perigo de grande queda!... queda mortal!... dizem que as desillusões tambem matam. Vêremos se tal acontece com o seu noivo. (*N'outro tom*). E' verdade; a proposito: — Sabe que meu pai deu-me um lindo presente?

MARGARIDA (*com mau modo*) — Não sei, não.

D. CARLOS — Pois deu: trouxe-me d'Africa um cavallo negro como o ebano! Raça pura arabe! (*Com enthusiasmo*). E' um lindissimo *bicho!*

MARGARIDA (*quasi afflita para Adelaide*) — Vês?! Um lindissimo *bicho,* a proposito da nossa conversação! E' incrivelmente desapegado de tudo quanto seja... affectos!

D. CARLOS — Eu!? Pois ter amizade aos meus animaes, não é já um grande affecto?

ADELAIDE — Comtudo, snr. D. Carlos, creio que v. exc.ª, se bem me recordo, outr'ora pensou tambem n'outras affeições. Era voz geral a sua grande paixão pela Emilia Azurára...

D. CARLOS — A filha do conselheiro? Não o nego; tivemos... um *namorico;* parece-me que é como aquillo se devia chamar.

MARGARIDA (*com certo despeito*) — Mais do que isso, creio eu: lembro-me perfeitamente que até se fallou em casamento.

D. CARLOS — Não duvido; é um vocabulo muito vulgar na bocca das senhoras. O que lhes digo é que, apesar da grande paixão com que mutuamente nos obsequiavamos, succedeu o seguinte: — Ella, apenas soube que eu era filho segundo e que nada mais tinha além do meu soldo e da mezada, voltou-se para um *hyppopótamo* muito rico, chamado Barata, (que pelo odôr não perca) e casou-se com elle. Eu... larguei-lhe uma estrondosa gargalhada no dia seguinte debaixo das suas janellas...

MARGARIDA — Por vingança?

D. CARLOS — Não: porque em verdade tive vontade de rir. (*Machinalmente*). D'ahi a vinte dias, no baile do club, pretendeu namorar-me... (*Contendo-se*). Oh! perdão! perdão, minhas senhoras!... O marido é que me quiz namorar: não tirava os olhos de mim!... Sahiu desesperado, creio que por eu lhe não dar attenção. (*Rindo*). Ah!... ah!... ah!... Que poetico casamento aquelle!

ADELAIDE — E nunca mais...

D. CARLOS — Tornei a apaixonar-me? Nunca mais.

ADELAIDE — Custa a crêr!

D. CARLOS — Não, não custa... depois d'aquella lição. E, francamente! — desculpem-me vv. exc.as, e mesmo permittam que as exceptue previamente. — Não ha mulher que mereça uma paixão; até porque, partindo do principio que não sejam utopias elegantissimas, as opiniões de minha prima sobre o amor: admittindo que haja no mundo esse prelibar de delicias celestes, ainda assim não ha mulher que não tenha um defeito refractario á sublimidade, á poesia, ao ideal que minha prima formulou.

MARGARIDA — Pena tenho eu de que começasse por nos exceptuar; aliás, perguntar-lhe-hia quaes eram os nossos defeitos, de nós duas, (*accentuando*) *refractarios* á felicidade do verdadeiro amor.

D. CARLOS — Quer que lh'os diga?

MARGARIDA — Desejo-o ardentemente.

D. CARLOS — Pois ouça. A respeito d'esta senhora... a intimidade authorisa-me a fallar sem o mais pequeno rebuço?...

ADELAIDE — Nem eu quero outra cousa.

D. CARLOS — Pois bem; v. exc.a é formosa, é joven; uma educação esmerada, excellente cora-

ção, timida como uma *gazella,* innocente como uma pomba; mas é... desculpa?... — é pobre. — Quantas paixões tem inspirado? Quantos lhe pediram a sua mão? Nenhum, ninguem. Suppunhamos que sim; que um elegante rapaz ama-a e desposa-a. Se é rico, lá lhe está dentro d'essa alminha o orgulho feminino a bradar: « *E eu nada tenho!... e tudo quanto possuo devo-o a elle!... E elle ha-de comprehender isto! e tenho acanhamento de lhe pedir vestidos, e velludos, e diamantes!...* » Em fim, o scismar constante na idéa de que tudo é d'elle, ha-de ser um pequenino inferno em que luta... o amor, sim, mas tambem o orgulho inherente á pobre humanidade. O reverso da medalha. — Um marido pobre, ambos pobres. Vem as privações, vem o crescer da familia com o tempo, e o augmento tambem das necessidades. Um dia apparece mentalmente a phrase: *Ah! que se eu soubesse!...* Depois segue-se o pensamento: *E eu podia talvez ter casado rica!...* Ai, meu Deus! no dia em que estas phrases passam do cerebro aos labios... adeus felicidade! adeus poesia!... adeus amor! Poesia com vestidos de chita, e as botas rotas, só no tempo de Bocage.

MARGARIDA — Que absurdos, Deus meu! que paradoxos! que disparates!

D. CARLOS (*rindo*) — Sel-o-hão; mas as provas exuberantissimas estamos a vêl-as a cada canto. Estas theorias...

MARGARIDA (*interrompendo-o*) — Isso é lá ter theorias, senhor! Isso é ser... *petroleiro* do sentimento!

ADELAIDE — Segundo o seu modo de pensar, nós, as raparigas pobres, deviamos todas ficar para tias?

D. CARLOS — Era uma fortuna... para o descrescimento da humanidade!... (*Arrependendo-se*).

Oh! desculpem, minhas senhoras, esta phrase de rapaz... Deixem, deixem casar os ricos; os pobres... que se livrem de cahir em tal precipicio.

MARGARIDA — Bem; agora eu: a meu respeito o que diz?

D. CARLOS — Que é a antithese d'esta senhora; e peor, por tanto, para as minhas idéas. Minha prima, é rica... Quarenta contos de reis!... (*Accentuando bombasticamente*). *Quarenta contos!...* Se casa rica, vai escravisar-se sem necessidade, passando o seu dinheiro a mãos estranhas; se casa pobre... oh! horror! — vem o ridiculo...

MARGARIDA — O ridiculo?!...

D. CARLOS — Sim; o ridiculo... para o marido. E' uma especie de compra que v. exc.ª faz.

MARGARIDA — Ora, meu primo!...

D. CARLOS — Perdão; deixe-me justificar o dito: — Casando com um homem pobre, é porque o ama... (o tal sentimento que a faz subir tão alto!) por tanto, compra a sua felicidade... ephemera, porque se o esposo é digno do seu amor, segue-se que tem sentimentos de pundonor, de honra, de probidade. E qual será o homem, que possua n'alma estas tres entidades, e que não córe um dia perante a riqueza de sua mulher? E quanto mais amor sentir, não haverá tambem da parte d'esse homem mais reconhecimento? mais gratidão? E, francamente! a gratidão é um peso alguma cousa incommodativo para o homem que se preza de intelligente e honrado!

MARGARIDA (*para Adelaide*) — Decididamente tem idéas unicas... só d'elle! E' o inverso de toda a gente! Ia apostar que tem o coração do lado direito!

D. CARLOS (*rindo*) — E sempre o coração! Olhe,

minha prima, quer que lhe falle ainda com mais franqueza? Se eu casasse com uma menina pobre, e que, por um d'estes acasos da vida, uma herança, um thesouro descoberto... minha mulher viesse a ficar rica, ou me divorciava immediatamente, ou dava um tiro na cabeça.

MARGARIDA — E' o orgulho no ultimo grau!

D. CARLOS — Ou o pundonor levado á essencia.

ADELAIDE — Mas v. exc.ª, relativamente, é rico.

D. CARLOS — Eu! (*Rindo*). Sessenta mil reis de mezada, e o meu soldo!...

ADELAIDE — Independente, em todo o caso: se encontrasse uma menina...

D. CARLOS — Pobre, pobrissima, e que gostasse de mim; com quem eu sympathisasse, seria possivel... (*Rindo e caminhando para ella*). Vamos nós a casar-nos, D. Adelaide?

ADELAIDE (*atemorisada e fugindo d'elle*) — Credo! Que diz senhor?!

D. CARLOS — Por *pirraça* a minha prima, não era mal feito! Vamos! vamos a *construir* aqui mais um casamento!

MARGARIDA (*chegando-se-lhe e com certa seriedade*) — Mas... basta de loucuras, primo. Olhe que assusta aquella timida *gazella!* Fallemos seriamente. Conhecemo-nos desde crianças; somos dous verdadeiros amigos, creio eu...

D. CARLOS — Tambem eu o creio piamente e... sinto-o.

MARGARIDA — Pois bem: fallemos como tal. Esses seus modos de hoje não lhe são peculiares. Aprendi ha muitos annos a conhecel-o, meu primo! Ha ironia, e muita, em todas essas palavras. Fran-

camente diga: Desgosta-se com o meu casamento... em *embryão,* advirtamos?

D. Carlos — Quer franqueza?

Margarida — Supplico-lh'a.

D. Carlos — *Desgostar-me* não é o termo proprio; *exasperar-me,* talvez seja!

Margarida (*com certa anciedade*) — Mas... porque?

D. Carlos (*um pouco perturbado*) — Porque... porque não posso acostumar-me á idéa de a vêr sahir d'esta casa.

Margarida — Mas... visita-me.

D. Carlos (*rapido*) — Se seu marido consentir; note bem, começa a escravidão. E olhe que quando se possue uma esposa com os seus dotes, os maridos não costumam sympathisar muito com os priminhos.

Margarida (*seccamente*) — Cahimos outra vez na phraseologia e idéas... *burlescas?*

D. Carlos — Não: com toda a seriedade lhe affirmo, que muito e muito me custa o seu casamento.

Margarida (*anciosamente*) — Mas porque? porque?

D. Carlos — Porque... (*Depois de silencio e perturbado*). Olhe... veja se consegue atirar pela janella fóra com os seus quarenta contos e darlhe-hei resposta mais cabal.

Margarida (*com alegria e commovida*) — Comprehendo-o!... Se não fosse o dote... seria meu marido; não é assim?

D. Carlos (*agarrando-lhe nas mãos commovido, e com um lampejo de ternura*) — Oh! que suprema felicidade a minha!!... (*Mudando rapidamente, e largando-lhe as mãos quasi d'arremesso*) Mas... pobre!

MARGARIDA (*afastando-se*) — Maldito dinheiro! maldito caracter d'homem!

SCENA VIII

Os mesmos, e Amelia

AMELIA (*preoccupadissima e abanando-se violentamente com o lenço*) — Ai, não posso! Parece que me asphyxio n'aquelle gabinete! Não! não posso!... não quero ouvir mais!... (*Passeia agitada ao fundo*).

MARGARIDA (*indo a ella*) — Que tem Amelia? Está mais incommodada?

AMELIA — Ah! estavas ahi!... Não; estou boa... Apenas a cabeça... a cabeça!... (*Leva as mãos á fronte com certa afflicção*). Elle ha-de vir... Tornarei a vêl-o... o infame!... Vem cá!... chega-te para aqui, para o pé de mim! (*Obriga-a a sentar-se-lhe ao lado*). Olha; se eu morrer, ou enlouquecer?...

MARGARIDA (*beijando-a*) — Oh! quer matar-me, com taes idéas!...

AMELIA (*impaciente*) — Ouve: é possivel... Sim, tu comprehendes, Margarida, que... que é possivel eu morrer... que é provavel enlouquecer... Esta cabeça!... Escuta, minha querida Margarida! (*Com as mãos d'ella agarradas*). Quero... desejo que te cases com teu primo!

MARGARIDA — Mas... elle não me ama!

AMELIA — Oh! é impossivel!... (*Levantando-se repentinamente*). Escuta!... Sinto passos!... Será elle?!... (*Olhando para dentro*). Não; é o padre José. (*Vai sentar-se no sophá*).

SCENA IX

Os mesmos, Padre José e Christovão

PADRE JOSÉ (*para Christovão*) — Mas diga-me cá, snr. Christovão de Sousa; as folhas do livro tem-n'as o senhor junto com a outra papelada, não?

CHRISTOVÃO (*ferozmente*) — Nem uma syllaba, snr. padre José! (*Para os mais, despedindo-se*). Meus senhores, dêem-me as suas ordens. (*Comprimenta e vai para sahir*).

PADRE JOSÉ (*seguindo-o*) — Mas eu é que preciso saber se as folhas estão em seu poder! E esta!

CHRISTOVÃO (*voltando-se*) — Estão, sim senhor... (*com certo ar ameaçador*), felizmente! Scio! Nem uma syllaba! (*Sahe com grandes comprimentos ás outras personagens*).

AMELIA (*depois de silencio*) — Snr. padre José, esqueceu-se da minha incumbencia?

PADRE JOSÉ (*descendo*) — Não, minha senhora: mas no estado nervoso em que v. exc.ª se acha, não será imprudente, não lhe fará mal esta vista, estas recordações?...

AMELIA (*impaciente*) — Não faz, não! Ao contrario: as lembranças da infancia são sempre balsamo salutar para quem padece!

PADRE JOSÉ — Bem; n'esse caso creio que v. exc.ª ficará satisfeita. Mandei photographar tudo que havia de notavel, e os pontos de vista mais salientes da freguezia... Queira v. exc.ª vêr. (*Tira do peito uma porção de photographias em formato grande embrulhadas n'uma folha de papel, e entrega-lh'as*).

AMELIA (*tomando-as e desembrulhando-as*) — Muito obrigado, snr. padre José.

MARGARIDA — Isto é...?

AMELIA — A nossa terra, Margarida: os sitios por onde corremos, e brincámos na infancia. Vejamos. (*Todos se agrupam em derredor da jardineira, observando as estampas*).

D. CARLOS — Excellentes photographias!

MARGARIDA — O' snr. padre José, tem a bondade, dá-nos essas *lentes* de augmento, que ahi estão ao pé dos albuns.

PADRE JOSÉ — Pois não. (*Vai buscal-as e entrega-lh'as*).

MARGARIDA (*servindo-se d'uma e dando outra á irmã*) — Assim deve ser mais esplendido!

AMELIA (*observando com a lente*) — E' de enlouquecer! Parece que ando a divagar pelos campos, aos vinte annos.

MARGARIDA — Vejamos outra.

AMELIA (*tomando nova photographia*) — Ah!... (*Muito commovida*). A nossa casa, Margarida!... A casa aonde nascemos!... (*Indicando*). As janellas do meu quarto!... O meu jardimsinho!... (*Larga a estampa, e esconde o rosto entre as mãos chorando*).

PADRE JOSÉ — Não lhe disse eu, que talvez a incommodasse?

AMELIA (*depois de curto silencio*) — Deixe-me! Fazem-me bem estas lagrimas!

SCENA X

Os mesmos, o Conde e D. João

(*Os outros personagens continuam a observar as photographias*).

D. João (*baixo para o conde*)—Acredite, meu pai, que me é necessario muito amor filial, muito respeito, muita religião, para lhe satisfazer a vontade! Por mais que meu pai medite, verá que semelhante nódoa só se póde lavar com sangue.

Conde—O sangue, maior nódoa põe, filho! Conto com esse amor, com esse respeito, com essa religião! Sabes o affecto que te consagro!... Sabes quanto sou meticuloso em pontos de honra: deixa-me, pois, obrar como entender, e... se errar...

D. João—Seria a primeira vez!

Conde—Tenho a consciencia d'isso! Se errar... toma tu o expediente que melhor julgares.

Padre José (*aproximando-se*)—Snr. visconde, esqueceu-me dar-lhe os dous documentos de que v. exc.ª me incumbiu, tirados dos livros dos assentos da freguezia de Alifães. (*Dá-lhe duas meias folhas de papel*).

D. João—São as certidões?

Padre José—Sim, snr. visconde.

D. João (*tomando-as e passando-as para o pai*)—Meu pai, comprehende?

Conde—Comprehendo: dá-m'as; são necessarias provavelmente. (*Guarda-as no peito*).

Padre José (*abaixando mais a voz*)—Eu peço perdão... Creio que exorbitei alguma cousa das ordens de v. exc.ª; mas a minha intenção... (*Commovido*). Pela primeira vez commetti uma acção

menos digna; porém, o interesse que tenho por tudo quanto seja concernente á paz e quietação de sua excellentissima familia...

D. João (*vendo-o calar-se*)—Mas o que é, a final?

Padre José — Receioso de que, n'estas perplexidades em que observo andar tudo envolvido, alguem se lembrasse de ir examinar os livros parochiaes d'aquella terra... (*Cala-se*).

D. João — Acabe! O que fez?

Padre José — Com a liberdade, que me dá o meu estado, e n'aquella igreja... (*choroso*) que eu pastoreei quatorze annos!... E todos me conheceram!... Abraçaram-me!... Boa gente aquella!... Que saudades!...

D. João (*impaciente*) — Mas o que fez?

Padre José — Fiquei só com o snr. Christovão de Sousa, para examinar os livros; depois, como ninguem me via, tirei as duas folhas que continham os dous assentos, que por copia ahi estão, e...

D. João — E...?

Padre José — E guardei-as; isto é, dei-as ao procurador, que lá as tem com a outra papelada da casa.

D. João (*espantado*) — Vossê rasgou as folhas dos livros da parochia? Mas sabe em que se metteu?... Isso é um crime!

Conde (*voltando-lhe as costas*) — Serviços d'esses, são pouco aceitaveis. (*Dirige-se para o fundo com o filho, e passeiam conversando baixo*).

Padre José (*comsigo*) — Não, que se alguem se lembrasse de tirar certidões... adeus dote! Nada, foi melhor assim.

Amelia (*que tem continuado a observar, com os mais, as photographias, tomando outra*) — Ah! o cemiterio da freguezia!...

MARGARIDA — Que pittoresco! Que formosa alameda!

AMELIA — E' triste esta vista!... Aqui repousa meu pai.

MARGARIDA (*passando o cartão a Adelaide*) — Vejamos outra. (*Pega em outro*). Ah! um magnifico tumulo!

AMELIA (*depois de vêr*) — O do pai!... (*Esconde o rosto entre as mãos*).

MARGARIDA (*sempre observando com a lente*) — E' respeitavel! E lê-se perfeitamente o epitaphio.... (*Lendo commovida e com certo respeito*).— «Aqui jaz D. Antonio Soeiro d'Albuquerque Andrade e Corvellos, vigesimo segundo senhor de Rosandal, e decimo nôno morgado de Alifães. Nasceu a...» (*Parando*). E' lugubre lêr isto.

AMELIA (*beijando o desenho mesmo nas mãos da irmã*) — E'... mas respeitavel! (*Comsigo*). Se elle me haverá perdoado, o meu pobre pai!...

MARGARIDA (*depois de silencio, e passada mais a commoção*) — Está aqui um mausoleu mais pequeno, mas tão junto... De quem será? (*Harmonia em surdina, até ao fim do acto. Observa com a lente, e lê para si: as feições transtornam-se-lhe á proporção que lê; fica tremula, e com um olhar de espanto indescriptivel*). Que significa isto?!...

D. CARLOS — O que é?

MARGARIDA (*sempre tremula e lendo pausadamente*) — « Aqui jaz Margarida d'Alifães, filha de D. Antonio Soeiro, ultimo morgado d'Alifães, nascida a 19 de maio de 1849, e fallecida a 24 de novembro de 1850.» (*Encara todos, no maior pasmo*).

AMELIA (*que á proporção que ella leu, foi-se levantando n'um grande estado de excitação nervosa, deixando-se cahir no sophá*) — Meu Deus!... meu Deus!

D. João (*que desceu com o pai, baixo para elle*) — Foi mais cedo do que suppunhamos! (*Curva a cabeça, como que acabrunhado por um sentimento de vergonha*).

Conde (*baixo*) — Coragem!... era inevitavel a revelação.

Margarida (*sempre espantada, e tornando a lêr*) — «Aqui jaz Margarida d'Alifães, filha de D. Antonio Soeiro, ultimo morgado de Alifães...» (*Descendo ao centro*). Mas que significa isto?!... Quem é esta criança que jaz aqui?!... (*Silencio*). Não me respondem!?... Minha irmã... São estes os grandes mysterios de familia, que me rodeiam ha vinte annos? Oh! mas eu quero sabel-os! (*Com a estampa na mão*). Quem é esta criança?

Amelia (*balbuciante*) — É... minha irmã...

Margarida — Sua irmã?!... nossa... Mas eu?... eu, *Margarida d'Alifães?* Quem sou então?!...

Amelia (*em lagrimas*) — Pois ha vinte annos ainda t'o não disse o coração?!...

Margarida (*com um lampejo de amor filial*) — Sua filha!! (*Vai para correr para ella, mas suspende-se, mudando para o tom duvidoso*). Sua filha!?... e meu pai? quem é meu pai?! (*Depois de curto silencio, dirigindo-se a D. João, e tomando-lhe as mãos*). Quem é meu pai, senhor?!

D. João (*comsigo*) — Que vergonha, Deus meu! (*Retira-lhe as mãos bruscamente, e volta-lhe um pouco as costas*).

Margarida (*em tom quasi colerico*) — Mas digam-me quem é meu pai, senhores!!!

Romão (*annunciando*) — O snr. Alfredo de Sandúval. (*Retira-se*).

Margarida e Amelia — Ah!!!... (*Mais forte a orchestra, durante o silencio dos personagens: pianissimo logo que começa a declamação. — Movi-*

mento geral grupos distinctos. — Amelia ergue-se, como que impellida por uma pilha galvanica, e fica de pé, hirta e com os punhos cerrados: Margarida suspensa, e olhando espantada para o recemchegado; o conde empurra D. João para o extremo da scena, e vem ao centro: D. Carlos e Adelaide conservam-se no segundo plano, extremamente surprehendidos: o padre José sobe a elles).

SCENA XI

Os mesmos, e Alfredo de Sandúval

ALFREDO (*com o seu uniforme de addido de embaixada, condecorado, etc., — chega ao meio da scena, comprimenta todos respeitosamente, e parece admirado d'aquella commoção geral: depois de silencio, voltando-se para o conde*) — Snr. conde...

CONDE (*interrompendo-o, mas com muita nobreza e consideração*) — Não o convido, senhor, a explicar o fim da sua visita, porque o nosso estada de perturbação é perfeitamente refractario a negocios sérios, e que pedem complicadissimas explicações. Acaba de se desvendar n'esta casa um dos segredos mais delicados, que uma familia honrada póde abrigar no seu seio. Disseram-me a que v. exc.ª vinha: rogar-lhe-hei o favor de examinar estes dous documentas... (*Dá-lhe os papeis que o padre José lhe entregou*). São duas certidões; uma de obito, outra de baptismo. Em sua casa as verá com attenção, e deliberará o que lhe cumpre fazer. Peço-lhe que se retire, e que ámanhã, ás oito horas da noite, se digne voltar aqui, a fim de conferenciarmos... *em familia*.

ALFREDO (*com muito respeito*) — Obedecerei,

snr. conde; mas não podia v. exc.ª dignar-se darme alguma explicação?...

CONDE — E' impossivel! De todas as cabeças que vê aqui, será a minha, talvez, a unica no seu estado normal: ainda assim, sinto-me incommodado. Mas, para que v. exc.ª não veja n'isto uma evasiva, uma... qualquer cousa offensiva para o nosso caracter e decoro, dir-lhe-hei unicamente: — O snr. Alfredo de Sandúval vinha, creio eu, procurar uma noiva; acha... uma victima, e... uma filha.

ALFREDO — Uma filha?!...

CONDE (*com muita dignidade*) — Margarida!... tome a benção de seu pai.

MARGARIDA (*depois de espanto, e grande hesitação, dirige-se vagarosamente para elle, curva-se e beija-lhe a mão com respeito*).

ALFREDO (*na maior surpreza, e como consultando o conde*) — Minha filha!!!...

CONDE — Amanhã ás oito horas. (*Aponta-lhe gravemente para a porta*).

ALFREDO (*curva-se respeitosamente, e sahe, recuando, com os olhos pregados em Margarida*).

SCENA XII

Os mesmos, menos Alfredo

MARGARIDA (*depois de silencio*) — Comprehendo tudo, em fim! (*Para D. João*). Era justificadissimo o seu odio, senhor! Sou a nódoa, a mancha negra na honra d'esta nobre familia! Pois bem!... Extinga-se a mancha! desappareça a nódoa! (*Para o padre José*). Disse-me que tinha em seu poder todas as ordens para eu professar, não é assim?

PADRE JOSÉ (*entregando-lhe os papeis*) — Eil-as, minha senhora.

MARGARIDA (*tomando-os, com muita dignidade, e solemnemente*) — Snr. conde de Albenzil, ámanhã fornecer-me-ha os meios de eu partir para França, a gozar d'estas licenças, que me admittem n'um convento de freiras professas.

AMELIA (*com um grito e cahindo no sophá*) — Ai!!... Depois de vinte annos achas-me, tua mãi, e queres fugir-me, filha?! (*Com os braços estendidos para ella*). Minha adorada filha!!...

MARGARIDA (*depois de pequena hesitação, profundamente commovida*) — Oh! não! não posso! Lavem no meu sangue a sua deshonra, se querem!... Mas um convento... Oh! não posso, não, que tenho mãi!!... (*Rasga os papeis; lança-se nos braços de Amelia, e cobre-a de beijos. Fortissimo na orchestra. Quadro e pano*).

FIM DO SEGUNDO ACTO

10

ACTO III

Sala do docel no palacio dos condes d'Albenzil, pesada e grandiosa. — Portas aos lados com reposteiros brazonados: ao fundo grande porta envidraçada, que abre para um terraço, que se suppõe ter escadas aos lados, descendo para o pateo ajardinado: as copas das arvores, que apenas se vêem, indicam grande altura do terraço ao pateo. — Mobilia ricamente estofada de drogaria avelludada, com pregos dourados. Ao lado um estrado, com pouca elevação, tendo o docel e duas poltronas com brazões d'armas. — Fogões ao fundo nos lados da porta: espelhos, retratos de ascendentes em grandes quadros a oleo, mesas, cadeiras, sophás, e um antigo e grande piano de cauda. Serpentinas, candelabros, etc. — *N. B.* A balaustrada do terraço está em concerto, e ha no centro uma grande rotura, vendo-se os balaustres arrumados aos lados. Os extremos superiores de um guindaste, e um bailéo de pedreiro, indicam obras por concluir n'aquella parte do edificio. — Ao levantar do pano a scena está escura: o fundo illuminado por um esplendido luar.

SCENA I

Romão, pedreiros, e trabalhadores

ROMÃO (*no terraço, rodeado pelos operarios, a quem acaba de distribuir dinheiro*) — Pois meus rapazes, é preciso acabar com isto, e quanto an-

tes. O snr. visconde já me estranhou demorar-se tanto a obra; e olhem que tem razão; ha dezenove dias!... Além de estar feio assim este lado do palacio, é um grando perigo. (*Designando a rotura na balaustrada*). Se alguem não repara!... uma altura de quarenta metros, e de mais a mais com as pedras da cascata por debaixo!... Vão com Deus; mas é necessario que isto fique prompto depois de ámanhã. (*Os operarios fazem signaes affirmativos e sahem*).

ROMÃO (*só, descendo a scena, e tomando o unico castiçal, que está com luz sobre um dos fogões*) — Sucia de mandriões!... Já no outro dia a snr.ª viscondessa, com as suas costumadas distracções, ia cahindo d'alli abaixo. Que desgraça! quarenta metros d'altura!... (*Accendendo as vélas dos candelabros, e das serpentinas*). Mas... quem esperarão elles hoje? Deve ser visita de muita ceremonia para assim mandarem abrir esta sala, e illuminal-a. Em fim, vêremos o que surde.

SCENA II

Romão, e Antunes

ANTUNES (*parecendo subir as escadas do terraço*) — Ora boas noites, snr. Romão. Que *nobidade* é esta? O pateo aberto, esta sala illuminada...

ROMÃO (*continuando a accender as vélas*) — Eu não sei o que é, snr. commendador. Supponho que esperam alguem de muita ceremonia. Mas... como entrou v. exc.ª sem o annunciarem?

ANTUNES (*inquieto*) — O guarda portão queria tocar a sineta; eu é que lhe pedi que se *quedasse*,

porque não quero fallar com os senhores; desejo até que me não *bejam*...

ROMÃO (*admirado*) — Então...

ANTUNES — Preciso fallar já e já mas é ao padre!... Elle está cá; não é *berdade?*

ROMÃO — Está, sim senhor.

ANTUNES — Se *tibesse* a bondade de lhe dizer que necessito muito... e muito...

ROMÃO — Pois não; immediatamente, snr. commendador. (*Sahe, tendo illuminado completamente a sala*).

SCENA III

Antunes, depois o Padre José

ANTUNES (*comsigo*) — *Quaes* commendador, nem *quaes* carapuça! Se é elle com effeito, estou arranjado!... Aquelle diabo *bai-me* logo *malsinar* á policia!... E' capaz d'isso, o *espantalho!* (*Passeando agitado*). Ora!... ora!... quem tal diria, que no fim de *binte* annos!... *Elle* sempre acontecem cousas n'este mundo!... E eu que me *afiambrava* para casar com a pequena!... E o negocio cada *bêz* me crescia mais!... Isto só por praga, na *berdade!* Os diabos *lebem* se... Se é elle, não tenho senão duas cousas a fazer: — ou safar-me outra *bêz* para o Brazil, ou... *tornar a matar* aquelle patife!

PADRE JOSÉ (*entrando*) — Oh! por cá, snr. commendador Antunes! Estou ás suas ordens. Mas que mysteriosa entrada foi esta? O que me quer?

ANTUNES — *Home*... eu *benho* procural-o porque... porque, como o outro que diz, estou sobre brazas, desde *honte!*

PADRE JOSÉ — Já deve estar assado! O que tem o amigo?

ANTUNES—Não *chalasse!*... não *chalasse bossê*, padre José, que a cousa é d'arripiar os cabellos!

PADRE — *Ui*, homem! credo!

ANTUNES (*com os olhos espantados*) — *Elle*... está *bibo!*

PADRE JOSÉ — Elle!... quem?...

ANTUNES — O diabo do delegado!

PADRE JOSÉ — Ah! sim, bem sei; vi-o hontem.

ANTUNES — Então?... diz-me isso assim tão fresco!?

PADRE JOSÉ — Pois que quer que lhe faça? que o vá eu matar?

ANTUNES — O' padre! *bossê* hoje está *lebado* da breca! Pois não entende... não lhe diz lá o bestunto, come eu hei-de estar?!

PADRE JOSÉ — Com medo, naturalmente?

ANTUNES — Podéra! Se elle sabe quem eu sou!...

PADRE JOSÉ — Não é provavel; depois de vinte annos!... Quem o reconheceu até hoje?

ANTUNES — E' differente! A *biscondessa*, no tempo em que *estaba* com o pai, e eu tambem, pouco *lidaba* com... com a familia.

PADRE JOSÉ — Com os criados, vamos.

ANTUNES — Pois... com os criados, seja. Não me *embergonho* d'isso. Fui para o Brazil com o dinheiro do morgado, e carta de recommendação do parente d'elle; mas suei muita agua para, honradamente, chegar a ter o que hoje tenho! E *bai* aquelle diabo, apparece, e... Diz *bossê* que *talbez* me não reconheça!... *Ágora!* Pois tão pouco lhe *fallaba* eu em Alifães, por *bia* do meu tio, que *estaba* na cadêa! Aposto que aquelle diabo, assim que me enxergar...

PADRE JOSÉ — Pois bem: mas que tenho eu com isso?

ANTUNES — Nada: mas é que... Olhe, eu *ber-*

dadeiramente ainda não tinha querido acreditar no que estes olhos *biram,* e por isso *bim* perguntar-lhe se... se na realidade é elle?

PADRE JOSÉ — E' elle, sim; é elle todo inteiro. Mas o senhor, já o encontrou?

ANTUNES — A cousa foi assim: Eu *estaba* parado na rua do Ouro a *pasmar* para uns *bonecros de philographia,* que ha alli na *bidraça* d'um alfaiate, senão quando pára á minha beira um sujeito, tambem para *ber* aquillo. Encaro com elle, elle encara commigo... Com mil diabos! senti um calefrio no lombo, que me chegou aos miolos! Supponho que elle percebeu, porque me fitou outra *bez,* e... (póde ser que fosse imaginação minha) ia jurar que me entre-conheceu! Mediu-me de alto a baixo, e fez-me uma cara como de a quem diz: «*Eu conheço este bicho de algures!*» — Já se *bê,* eu safei-me; metti-me n'um carro que *passaba* e só parei... no *Campo Grande!*

PADRE JOSÉ — Faço idéa do susto!

ANTUNES — *Ágora* faz! o que eu senti, não se conta!... De fórma que... O' padre José! *bossê* não me desampare! Conte que não hei-de ser ingrato!...

PADRE JOSÉ — Mas senhor! quantas vezes lhe hei-de perguntar o que quer que lhe eu faça?

ANTUNES — Ouça lá: — franqueza! Nada de... de *basofias!* Eu sou... *home* honrado, sim; mas alguma cousa *tapadote.*

PADRE JOSÉ (*como negando*) — Oh!...

ANTUNES — Sou, sim; deixemo-nos cá de tolices! Nunca fui atilado senão para o negocio: de resto... sou uma *porta, home!* Depois que *bi* aquelle excommungado, creio que ainda fiquei peor! Sinto os miolos parece que a arder!... Não como nada desde *honte!* Não faço senão beber agua!...

agua, e mais agua! Em fim, parece-me que d'aqui a ensandecer não vai muito! Não sei o que hei-de fazer, e por isso... eu quero que *bossê* me aconselhe, ó padre!

PADRE JOSÉ — Pois lá vai conselho: — Encha-se de animo; vá ter com o homem...

ANTUNES (*espantado*) — Ora essa! Para que? para o *matar outra bez?* Não póde ser! Isto aqui não é a *probincia!*

PADRE JOSÉ — Qual matar, nem meio matar! Ouça: — O senhor vai ter com elle; conta-lhe francamente a sua vida, a sua posição actual, a sua casa bancaria, e... em fim, pede-lhe que o não perca, e offerece-lhe, como indemnisação, algumas centenas de mil reis... Elle é pobre, a final...

ANTUNES — Pois... *está direito*. Mas, se não aceitar, chega á janella, e... *apita!*

PADRE JOSÉ — Silencio! creio que vem ahi o conde.

ANTUNES — Oh! diabo! não queria que me *bissem...!*

SCENA IV

Os mesmos, o Conde, D. João, D. Carlos, e Christovão

CONDE (*contrariado vendo os dous*) — Uma visita!... (*Para o padre*). Quem é este senhor?

ANTUNES (*meio atrapalhado*) — Ás ordens de *Bossa* exc.ª...

D. CARLOS (*mettendo-se de permeio*) — O snr. commendador Antunes, com quem travei relações nos banhos, este anno, e que é minha visita. Se meu pai permittisse que lh'o apresentasse...

CONDE (*comprimentando-o ligeiramente*) — Te-

nho muito prazer... Mas... parece-me que já o vi; creio até que lhe fallei... não me recordo aonde.

ANTUNES (*comsigo sobresaltado*) — Oh! diabo!...

D. CARLOS (*baixo para o padre*) — Veja se o impõe!... Creio que não estamos hoje muito para situações... comicas.

CONDE (*com os olhos fixos em Antunes, como querendo recordar-se*) — V. exc.ª esteve em Africa?

ANTUNES — Não senhor, snr. conde.

PADRE JOSÉ (*comsigo*) — Mas devia lá estar.

CONDE — É raro acontecer-me isto! Prezo-me de ter memoria feliz; e realmente não me recordo... V. exc.ª conhece-me tambem?

ANTUNES (*cada vez peor pelo olhar perscrutador do conde*) — Não, meu senhor... isto é... ha muitos annos, *talbez*... (*Com a atrapalhação, deixa apparecer as maneiras grutescas do seu passado*).

PADRE JOSÉ (*comsigo*) — Que *tapado* animal! Lá se me vai desmascarar.

CONDE (*que o reconhece*) — Ha vinte annos, entrando eu n'uma casa do Minho, pertencente a parentes meus, recebeu-me ao portal, um homem, que tirando o barrete disse-me...

ANTUNES (*atrapalhadissimo, levando machinalmente a mão á cabeça, e fazendo submissamente o gesto, a ponto de quasi tirar o chinó*) — Não era eu, snr. conde!

CONDE (*fitando-o mais*) — Esse homem era o caseiro de meu primo morgado de Alifães, e... (*a meia voz*) o seu satellite nas proezas de valentão.

ANTUNES (*acabrunhado*) — Snr. conde!... por quem é!...

CONDE (*gravemente para o filho*) — Carlos, quando travar as suas relações, veja se consegue extremar os homens de bem, dos... que o não são.

D. CARLOS (*admirado*) — Meu pai!...

CONDE (*para Antunes*) — E... (*Com ironia*). *Vossa excellencia*... aconselho-o a que procure melhor as casas que deve frequentar.

ANTUNES (*titubeante*) — Snr. conde!... sou hoje um banqueiro... um commendador!...

CONDE — Não duvido, mas nem por isso levantou de si o estigma de assassino assalariado.

CARLOS — Que diz, snr. conde!?

CONDE — A verdade! Não mente nunca esta reminiscencia que agradeço a Deus. (*Falla baixo com os filhos*).

ANTUNES (*para o padre, aterrado*) — Maldita memoria de *bélho!* E' já o segundo que me conhece! Nada! *bou* fazer as malas, e safo-me ámanhã no paquete!

PADRE JOSÉ — E' o que tem melhor para fazer. (*Sente-se dentro a sineta do portal, que annuncia duas visitas*).

CONDE — Será elle... já?... Mas duas pessoas!

D. JOÃO (*com ironia*) — Talvez que se faça acompanhar por alguma testemunha.

CONDE — Não lh'o admitto.

SCENA V

Os mesmos e Romão

ROMÃO — Snr. conde: dous individuos, que, pelos modos, são officiaes de justiça, pedem para fallar a v. exc.ª

CONDE (*admiradissimo*) — Officiaes de justiça em minha casa?!

ANTUNES — Ai, Jesus! O' snr. conde!.. pelo amor de Deus lhe peço...

CONDE — Deixe-me, senhor! (*Para o escudeiro*). Que pretendem?

ROMÃO — Não disseram: pedem para fallar a v. exc.ª em particular.

CONDE — Em particular? Nada tenho com a justiça, nem a authoriso a particulares commigo. — Mande entrar.

ROMÃO — (*inclina-se e sahe*).

ANTUNES (*tremulo*) — *Bossa* exc.ª permitte que me retire?

CONDE — E creio que o avisará a consciencia de que... para nunca mais aqui voltar.

ANTUNES (*curvando-se respeitosamente, e baixo para o padre*) — A justiça...! será commigo?... Se *bossê* me *fizesse* o *fabor* de me dar *escapúla* por outro lado?...

PADRE JOSÉ (*indicando-lhe uma sahida lateral*) — Vá por aqui, que no fim da galeria ha uma porta para a travessa.

ANTUNES — Deus lh'o pague! Irra, que sustos! Não tem que *bêr!*... safo-me outra *bêz* para o Brazil! (*Sahe apressadamente*).

SCENA VI

Os mesmos e dous officiaes de justiça

CONDE — Que pretendem em minha casa, senhores?...

1.º OFFICIAL (*respeitosamente*) — Peço perdão, snr. conde, de incommodar a v. exc.ª a estas horas, e na sua morada; porém, para assim proceder, tivemos ordem; e creio que reconhecerá n'isto o maior respeito para com o nome de v. exc.ª

CONDE — Explique-se.

1.º OFFICIAL — Pessoa de sua casa, snr. conde, commetteu um delicto grave, e foram passadas ordens de captura.

CONDE (*espantado*) — Pessoa de minha casa!?...

1.º OFFICIAL — Sim, snr. conde. Houve denuncia de que n'uma das igrejas parochiaes do Minho foram rasgadas e subtrahidas folhas dos livros dos assentos, e o criminoso está aqui presente. (*Designando o padre José*).

PADRE JOSÉ — Eu?!... (*Baixo para Christovão*). Que infamia é esta, senhor?!...

CHRISTOVÃO — Nem uma syllaba, snr. padre José!

CONDE — Effectivamente, creio que... ¿Mas em que lei se basearam para virem a estas horas, na minha casa?!...

1.º OFFICIAL — Em nenhuma, snr. conde: mas, reflectindo, verá v. exc.ª grande prova de respeito. A ordem está aqui: na rua, em pleno dia, a prisão de um sacerdote, capellão da casa de v. exc.ª, tinha, creio eu, o que quer que fosse de escandalo e de vergonhoso para a respeitavel casa do snr. conde d'Albenzil: foi isto que os meus superiores ordenaram que dissesse a v. exc.ª

CONDE — Acho razoavel, e até para agradecer a attenção.

PADRE JOSÉ — Mas, senhores...! a lei... o domicilio do cidadão...

CONDE — Resigne-se; reprovei-lhe a acção, que foi indecorosa.

PADRE JOSÉ — Então... ordena-me?...

CONDE — Que acompanhe esses senhores, para evitar escandalos maiores. Influenciarei depois o que puder n'esse deploravel negocio.

D. JOÃO — Só faltava isto! De fórma que, apparecendo a questão nos tribunaes, exibir-se-hão esses documentos, e...

CHRISTOVÃO (*a meia voz*) — Nada ha que re-

cear, snr. visconde: as folhas dos livros... queimei-as hoje no fogão.

D. JOÃO (*para o official*) — Mas... como poderam formar o *corpo de delicto,* se dizem que essas folhas desappareceram?

1.º OFFICIAL — Depois da denuncia telegraphou-se para a terra aonde foi commettido o crime, e devem já vir em caminho os livros.

PADRE JOSÉ — Isto é d'uma infamia, snr. Christovão!...

CHRISTOVÃO — Nem uma syll....

PADRE JOSÉ — Pois meus senhores, saibam que este homem... denunciante... espião, malvado! — foi quem segurou nos livros, e ajudou a... (*com fingido pejo*) a cousa...

2.º OFFICIAL (*avançando*) — Eu tenho tambem ordem de levar *retido* o snr. Christovão de Sousa para averiguações policiaes.

CHRISTOVÃO — A mim?!

2.º OFFICIAL (*mostrando-lhe um papel*) — Queira vêr.

CHRISTOVÃO — Isto é uma terra de mouros! Pois eu, que pratiquei a benemerita acção de denunciar um crime...

PADRE JOSÉ — No qual foi conniventissimo, snrs. officiaes!

CONDE — Basta, senhores! Saiam! Verêmos depois o que se faz. (*Baixo para o padre*). Nem uma palavra sobre o passado!... Conte que o salvarei.

PADRE JOSÉ (*comsigo*) — Isso sei eu! Não, que se eu fallar...! valho com certeza mais do que os documentos.

1.º OFFICIAL — Queiram ter a bondade, meus senhores... Temos lá em baixo um *trem* ás nossas ordens. (*Comprimentando*). Snr. conde...

Padre José (*choroso*) — *Por bem fazer, mal haver!*

Christovão — Que direi eu, snr. padre José!?...

Padre José (*parando e imitando-o*) — Nem uma syllaba, snr. Christovão de Sousa! (*Sahem com os dous officiaes*).

SCENA VII

O Conde, D. João e D. Carlos

Conde — E vêr-me-hei forçado a interessar-me por elles; se fallam, principalmente o padre... Deixemos, porém, este episodio... grutesco, a final; vamos ao que mais interessa, e é de urgencia. (*Toca uma campainha, e vê o relogio*). São quasi oito horas, esse homem não tarda.

D. João — Que supplicio me vai preparar, meu pai!

Conde — Cuidas talvez que a frieza que mostro n'este assumpto, é caracteristica do socego d'alma? Pensas que não padeço? Mas... a reflexão é-nos lenitivo ao mal, acredita, João!

Romão (*entrando*) — Que manda v. exc.ª?

Conde — Diga ás senhoras que lhes peço o favor de vir aqui.

Romão (*que as vê*) — Ss. exc.as ahi vem, snr. conde.

Conde — Bem. Olhe que a ninguem recebo; absolutamente ninguem, exceptuando o snr. Alfredo de Sandúval, que não deve tardar. Faça-o subir para esta sala.

Romão — (*inclina-se e sahe*).

SCENA VIII

Os mesmos, Margarida e Amelia

CONDE (*depois de curto silencio*) — Aqui estamos reunidos, meus filhos, e vou communicar-lhes o meu plano. Não sei se por presentimento, se por vêl-o estampado na physionomia d'esse homem, se pelos precedentes, creio do intimo que a ambição é o seu unico movel.

AMELIA — Póde crêl-o, snr. conde.

CONDE — Partindo d'esse principio, vejo a unica maneira de conciliarmos esta deploravel situação, n'uma quantia importante... isto é... na *compra* do silencio e da expatriação immediata e para sempre d'esse homem... nefasto.

D. JOÃO — Desculpe, meu pai; mas muito me repugna o alvitre. E a consciencia, senhor?! E a certeza de que existe no mundo impune o infame que nos deshonra, depois de victimar aquella que é minha esposa, e que... (*agarrando-a*) que amo! que amo cada vez mais, porque a compaixão do que soffrerá na alma, reaccendeu-me o amor... a adoração!

AMELIA (*commovida*) — Oh! que não consinta Deus que eu te pague com a vida a santidade d'essas palavras, João! Mas... sou cobarde! Se eu podesse...! se tivesse coragem para me matar!...

MARGARIDA (*commovida*) — E sua filha, ingrata!?

D. CARLOS — Mas, meu pai, queira ouvir-me. Eu, rapaz, que a ninguem faço falta; eu, que devo tomar... que tomo como tambem muito minha a affronta, *que vive*, tenho arreigada a convicção de que me cumpre, a mim! — cerrar n'um sepulchro...

o sigillo do nosso decoro. Deixe-me, portanto, meu pai, o honroso dever de...

CONDE — De matar um homem; não é assim? Que fizeram, meus filhos, da religião em que foram educados por sua santa mãi? Matar um homem!... Em defensa da patria, sim! (*Apontando para os retratos da sala*). Eil-os, que muitos mataram, talvez! eil-os, que muitos morreram, é certo! Mas, por vingança particular!...por... (*Outra idéa*). A ninguem fazes falta, dizes!? ingrato! e teu pai, que tanto te ama?! e teu irmão, que te estremece?! e estas senhoras, que nos são tambem irmãs e filhas?!...

MARGARIDA (*tomando a mão a D. Carlos*) — E' ingrato!

D. CARLOS (*commovido*) — Mas... não vejo outro meio...

CONDE —Ouçam, meus filhos. Se eu visse, com a morte d'esse homem, o meio terminantissimo de occultar a vergonha, não seria mister que meus filhos expozessem a vida e o credito n'um duello, como todos, sempre de duvidoso resultado. Apesar de velho, este braço é forte e esta alma é corajosa, graças a Deus!... Quem por gosto, vocação, enthusiasmo arrisca, como eu, a vida nas profundezas do mar; quem está acostumado a dominar a colera dos elementos, e a selvatiqueza dos homens mercenarios, não recuaria diante de um florete apontado ao peito, ou de uma pistola mirando-lhe o coração. Era eu, portanto, que sahiria ao campo da honra, para lavar a honra, se de tal colhessemos os resultados, que tanto desejamos. Demais, cego pela mocidade, pelo amor, pela abnegação de uma boa alma, tu, João, propozeste-me abertamente o teu casamento com essa desditosa senhora; eu, homem sensato, de reflexão, de profundo conselho; eu pai; abracei com toda a facilidade a idéa, que

tambem já era minha. A solidariedade, portanto, do facto mais me toca a mim, do que a meus filhos. Mas... ponhamos de parte o remorso do homicidio, ou a desventura da minha morte, que lhes iria, creio, despedaçar o coração! Não seria um combate, embora leal, motivo para a ávida curiosidade do mundo cevar-se gostosa? O escandalo!... deshonra acompanhada pelos alvarás do ridiculo, e da perpetuidade! Duello!... ¿e se nenhum morresse? lá vinha o burlesco enlamear-nos mais o nome! Se algum succumbisse, que responderiamos aos *porques* da sociedade? Não, senhores! deixem-me pôr em pratica o meu plano, e estou certo de que, pelo menos, as apparencias se salvarão... com a ajuda de Deus. (*A sineta da porta annuncia uma visita*).

D. João (*machinalmente caminhando para o fundo*) — E' elle!

Conde (*solemnemente*) — Meus filhos! em nome d'esta pleiade de nobres avós, que nos ouvem lá do céo litigar aqui a nossa e a sua honra! em nome da santa que lhes foi mãi e exemplo na virtude, em nome do amor filial, do respeito de fidalgos a seu pai, ordeno-lhes a resignação, a prudencia, o silencio!

D. João e D. Carlos (*submissamente*) — Obedecerei, meu pai.

Conde (*para Amelia*) — O decoro, minha filha, inhibe-a de assistir a esta conferencia.

Amelia — Não hei-de ouvir, snr. conde?!... Não hei-de lançar-lhe em rosto...

Conde (*com delicadeza*) — Não: esposa de meu filho, minha filha é! Ordeno-lhe que saia d'aqui.

Amelia — Creio que tambem me cumpre obedecer; mas não me prohibirá, estou certa, que oc-

culta alli possa ouvir... o que tanto me interessa, e que vai, talvez, decidir da minha vida!

CONDE — Concedo-lh'o; mas... a sua presença ser-nos-hia vergonha e supplicio. (*Para Margarida*). Em quanto á menina...

ROMÃO (*annunciando*) — O snr. Alfredo de Sandúval.

CONDE — Faça-o entrar.

ROMÃO (*inclina-se e sahe*).

MARGARIDA — Eu...?

CONDE — Fique: embora o seu estado lhe exija o maior recato, a elevadissima intelligencia que possue, lhe terá segredado... Necessito que assista a esta conferencia.

MARGARIDA — Ficarei, snr. conde.

AMELIA (*beijando a filha*) — Oxalá que nos sejas anjo da guarda em tanta desventura, e tão perigosa situação. (*Sahe*).

CONDE — Meus filhos!... o dito, dito! (*Apontando-lhe para os retratos*) Vêem-nos seus avós! observa-os seu pai!

SCENA IX

Os mesmos, e Alfredo de Sandúval

ALFREDO (*entrando, comprimenta-os em silencio*).

CONDE — Sentemo-nos. (*Depois de silencio, e de todos se assentarem*). Creio que nunca familia honrada, e de gloriosas tradições, se achou na delicadissima situação em que nos encontramos aqui. Seria talvez da opinião de muita gente que... só com sangue poderia obliterar-se a nodoa, que a todos nos mancha...

D. JOÃO — Peço licença, snr. conde, para fa-

zer uma observação prévia. O snr. Alfredo de Sanduval creio que me fará a justiça de acreditar, que pertenço a essa *muita gente* de que o snr. conde falla.

ALFREDO — Oh! sem duvida.

CONDE — E' evidente que só a franqueza nos poderá convir, e perguntarei ao snr. Alfredo de Sandúval se, debaixo da sua palavra de honra, nos assegura, que está disposto a servir-se d'ella... da franqueza propria entre cavalheiros.

ALFREDO — Além do profundo respeito que devo a v. exc.ª, snr. conde, não posso responder senão com franqueza a quaesquer perguntas, que se digne dirigir-me, porque é essa uma das feições mais pronunciadas do meu caracter.

CONDE — Muito bem. Recapitulemos pois, em breves palavras, scenas e factos de ha vinte annos. O snr. Alfredo de Sandúval, (n'essa época Alfredo de Sousa, se bem me lembro), amava uma senhora de nobre estirpe, favorecida pelos bens da fortuna, e...

ALFREDO — Perdão, snr. conde. (*Depois de pausa*). Nos arcabuzes do exc.mo pai d'essa senhora, e nos remorsos mais pungitivos que alma de homem tenha talvez experimentado, achei eu ha vinte annos o immediato castigo do meu *ignobil e infamissimo* procedimento! (*Pausa*). Classificando por esta fórma o meu crime, que o foi! — póde v. exc.ª continuar com igual franqueza.

CONDE — A classificação é na verdade... aspera bastante, mas creio que justa! Tornava-se inverosimil a... *resurreição* de v. exc.ª, por tanto era incontestavel que a deshonra se havia sepultado nas trevas de um tumulo. A maternidade, desenvolvida havia quatro mezes, foi cautelosamente occultada a todas as vistas, e quando esta menina

viu a luz do dia, por um d'estes acasos inexplicaveis, falleceu a filha natural do morgado d'Alifães, com dezoito mezes d'idade. Não nos estava na indole repulsar a filha de um crime, innocentissimo anjo, que nada tinha que vêr com os desvarios de seus paes; mas era-nos igualmente impossivel fazel-a passar por fructo de um casamento effectuado... *havia cinco mezes*. Eu embarquei; meu filho viajou tambem, até que, depois de se demorar algum tempo no Porto, voltou a nossa casa, e a todos apresentou aquella criança como filha do fallecido morgado. Eis o que se passou, que v. exc.ª ignorava, e que lhe narrei singelamente a fim de terminar com uma pergunta, motora principal do meu convite para esta conferencia.

ALFREDO — Antes de me dirigir essa pergunta, permittir-me-ha que eu faça uma declaração como complemento aos dous castigos, que ha pouco mencionei, do meu crime?

CONDE — Queira fazel-a.

ALFREDO — Para um homem ambicioso, que passou toda a sua vida a sonhar com a riqueza, a perscrutar os meios de alcançal-a, já v. exc.ª vê que foi tambem uma das grandes punições esse consorcio... de abnegação e desprendimento dos preconceitos... justamente desprezados, aliás, á vista da supposta morte do criminoso. Foi-me essa união grande castigo, com certeza, pois que, se não se tivesse realisado, seria eu hoje, naturalmente, esposo d'essa senhora, e usufruaria por tanto a riqueza que ambicionava, e que me foi... (desculpando-se-me o termo, permittido pela franqueza exigida) que me foi... usurpada.

D. JOÃO (*erguendo-se*) — Usurpada?!

ALFREDO — Certamente: mesmo partindo do principio que o ex.mo snr. morgado d'Alifães pre-

ferisse reparar a honra por meio de nova tentativa d'assassinato, o facto consummadissimo foi que s. exc.ª morreu, e eu não. Por tanto é claro que essa senhora, por dever, por direito, seria hoje minha esposa.

D. JOÃO (*tremulo de raiva e sem o encarar*) — E sabe se ella preferiria a deshonra a unir-se com um homem cujo caracter... (*moderando-se a um olhar severo do pai*) lhe não era ultimamente muito sympathico?

ALFREDO — Creio bem que o dever e a honra de sua familia obrigal-a-hiam a desprezar esse *não sympathico*, e dar um *pai legal* a sua filha.

D. JOÃO (*estorcendo-se, e com alguma explosão para o conde*) — Ah! meu pai!... meu pai!... e não poder eu...!

ALFREDO (*comprehendendo-lhe a idéa*) — Previno v. exc.ª de que, perfeitamente inerme, doentissimo, e de uma crassa ignorancia no jogo das armas, qualquer provocação, ou instigação a duello, será nova tentativa de assassinato contra mim.

CONDE — Vejo nas suas theorias motivo mais justificativo para a minha pergunta, que passo a fazer-lhe, depois de convicto que v. exc.ª, considerando-nos victimas do seu procedimento, apresenta-se-nos igualmente victima da nossa precipitação.

ALFREDO — Com toda a certeza, senhor conde: vv. exc.ªs são victimas... *moraes*, deixem-me assim dizer, da minha culpa, leviandade... ou crime...

D. JOÃO — Não creio que seja admittida a synonymia, depois da sua propria e, ainda assim, *benevola* classificação.

ALFREDO — Do meu crime, é justo. (*Continuando para o conde*). Eu fui, e sou, victima material de

vv. exc.^{as}, pois me acho pobre, podendo e devendo estar rico.

CONDE — Bem: satisfeitissimo com a explicação, pedir-lhe-hei que muito á puridade nos responda: — Qual foi o seu fim procurando-nos?

ALFREDO — Satisfazer uma necessidade do coração: a natureza... o instincto, direi — impellindo-me para aquella senhora, ateiou-me n'alma sentimentos, que eu julguei de amante; vejo, com o maior alvoroço, que mais nobres me sahiram e extasio-me com a suprema ventura do amor paternal.

CONDE — Como pensa v. exc.^{a} expandir essa ternura, sem divulgar a heshonra da familia, que foi até hoje a unica e verdadeira de sua filha?

ALFREDO — Não pensei ainda, senhor conde; e creio que o alvitre mais propriamente partiria de v. exc.^{a}, do que de mim.

CONDE — D'accordo; mas, sem uma combinação, sem reciprocidade de opiniões...

ALFREDO — Que tendam, talvez, a *interesses reciprocos...?*

CONDE (*depois de um lançar de olhos para os filhos*) — Sem duvida; em que entrem tambem interesses reciprocos... Conserva em seu poder os documentos, que hontem lhe entreguei para examinar?

ALFREDO — Sim, senhor conde; e peço perdão de os não haver ainda restituido; mas só por esquecimento... (*Procurando-os no bolso do peito, tira-os, e deixa cahir no chão um rewolver pequeno*).

CONDE (*carregando o sobr'olho*) — Ah!...

ALFREDO (*apanhando-o precipitadamente*) — Oh! isto é d'um ridiculo!... Desculpem vv. exc.^{as}, mas o costume de...

D. JOÃO (*que se ergue de um pulo, não se podendo conter*) — Para quem acaba de pretextar a

inhabilidade physica, evitando assim qualquer desforço natural de cavalheiros, (o que em linguagem corrente quer dizer, — a mais ignobil cobardia), é com effeito grande ridiculo o porte de uma arma d'essas.

CONDE (*erguendo-se impetuosamente*) — O visconde esquece-se que falla diante de seu pai!... Espero não necessitar repetir-lhe... *as minhas ordens!*

D. JOÃO (*curvando a cabeça, cahindo no sophá, e com um rugido de fera*) — Ah!... e não posso morder-lhe o coração!!

ALFREDO (*que tambem se levantou*) — Creio que o snr. conde d'Albenzil, a quem sobre maneira considero e respeito, me permittirá retirar-me, repetindo-se insultos, a que estou resolvidissimo não corresponder.

CONDE — A sua apresentação armado em minha casa poderia tambem a mim proprio dar-me azo a qualquer desagradabilidade, que lhe dirigisse; porém, mais forte de espirito, continuarei marchando direito ao meu fim.

ALFREDO — Cumpre-me explicar a v. exc.ª a apparição ridicula d'esta arma. (*Mostrando-lh'a*). Como vê, existe aqui uma especie de gancho, não usado nos paizes da Europa, mas frequente, geral até na America. Serve esta innovação para trazer constantemente o rewolver, ou o punhal, suspenso na cava do collete. Quasi que ninguem sahe á rua no Mexico sem se premunir d'esta arma. Pelo costume de muitos annos, eu proprio... Permitta v. exc.ª que me desempeça d'este objecto, que tal dissabor a ridiculo me acarretou. (*Colloca o rewolver sobre um movel distante, e volta á scena*).

CONDE — Satisfeito plenamente com a sua ex-

plicação, atarei o fio quebrado. (*Toma os documentos, que elle lhe dá, convida-o por um gesto a sentar-se novamente, e examina-os*).

D. João (*baixo para o irmão*) — Ah!.., Carlos!... Carlos!... que não sei como não morro com esta forçada e cobarde resignação!

D. Carlos (*baixo*)—Nem palavra, que manda o *domador!* A' sahida d'aqui, pelo menos... quebro-lhe o rewolver na cara.

Conde (*guardando os papeis*) — Bem: continuemos. Tenciona fazer válidos os seus direitos de pai, a respeito d'aquella menina?

Alfredo — Se a lei m'o facultar... Procurei esposa, achei uma filha: o amor filial, mais do que qualquer outro, me será de certo suave lenitivo na minha prematura velhice, e na minha casual isolação. Os carinhos de esposa, absolutamente terraqueos, não se podem comparar com a ternura toda abnegação, toda celestial d'uma filha!

Conde — Quer dizer, que, embora me affirmasse ha pouco que nada havia pensado sobre o assumpto, concebeu desde hontem o desejo, a esperança de levar sua filha?

Alfredo — Era instinctivamente natural, snr. conde, essa esperança e esse desejo.

Conde — Mas... levando-a d'aqui, como se justificaria a separação de nossa casa? Qual era a sua idéa? Voltar ao Mexico, ou residir em Portugal?

Alfredo — Voltar ao Mexico e breve, porque a minha licença está quasi terminada.

Conde — Muito bem. (*Para Margarida*). Ouviu, menina, tudo que se disse aqui; resta-nos saber a sua opinião sobre... o desejo justissimo d'este senhor. A idade emancipou-a por lei, a sua in-

telligencia ha muitos annos já que suppria o codigo. Queira dizer-nos se corresponde aos desejos de... de seu pai.

MARGARIDA (*com o mais subtil fingimento*) — Confesso que, conhecendo-o apenas desde hontem, não tendo ainda trocado uma palavra, e protestando-se aqui franqueza desde o começo d'esta conferencia, julgo do meu dever declarar que não é a piedade filial que me obrigará a satisfazer os desejos paternaes, mas sim, o socego, a paz, a quietação d'esta familia, a quem tanto devo, e aonde me fica um pedaço da alma! Comtudo, se d'isso depende, como claramente vejo, a ignorancia de factos deshonrosos para os que me foram paes, e irmãos, estou prompta a sacrificar-me... (desculpe meu pai, o termo) em holocausto da honra dos condes d'Albenzil. Partirei, pois, com meu pai, logo que me seja ordenado, embora o coração se me estale e definhe pelas saudades da patria, e dos amigos!

ALFREDO — Agradeço commovido ao céo, que me fez encontrar semelhante anjo de abnegação e de amor!

D. CARLOS (*baixo para ella*) — Que disse, minha prima?!... Quer abandonar-nos?!...

MARGARIDA (*baixo*) — Silencio! Deixe-me chegar aos meus fins!... Já calculou que estou pobre? Serei sua mulher, não é assim?

D. CARLOS — Mas... se vai com elle!...

MARGARIDA — Silencio!

CONDE — Realmente é para commover tal desprendimento; muito mais tendo v. exc.ª confessado a sua... pobreza, como disse, e estando esta senhora acostumada a todas as commodidades, e gozos do luxo inherente a uma casa rica...

MARGARIDA — E' tambem essa uma das razões,

que me prescrevem imperiosamente a obrigação de acompanhar meu pai. O meu orgulho, que o tenho, — e grande! — não será offendido com a continuação do usufructo d'essas commodidades e gozos de que o snr. conde fallou, e que actualmente seriam... uma esmola.

CONDE — Como?

MARGARIDA (*lançando-lhe um olhar de intelligencia rapido*) — Pouco entendo em questões de dinheiro; mas, o que a minha racionalidade me diz é que, em quanto filha, embora bastarda, do snr. morgado de Alifães, tinha direito ao deposito importante, ao dote, (tão ambicionado foi!) que s. exc.ª destinou para sua filha; desde que appareceu a verdade, desde que por ligação a esta familia, *que tudo herdou,* tenho apenas minha mãi, é claro que esse dinheiro não me pertence, mas sim, á casa herdada. Estou, por tanto, pobre, e...

ALFREDO — Mas não creio...

MARGARIDA (*atalhando rapidamente*) — E não sou mulher que receba esmolas... seja de quem fôr! Nem de minha propria mãi!

ALFREDO (*depois de curto silencio*) — Escuso, creio eu, dizer que não é o sordido interesse pessoal, que me faz entrar n'esta questão... toda forense, a final; mas, o desgosto de, por minha causa, trazer a pobreza a quem tão digna é da opulencia, obriga-me a fazer uma reflexão a... a minha filha, e a v. exc.ª, snr. conde. Os quarenta contos depositados... Creio que são quarenta contos de reis, não?

CONDE — Quarenta e dous e quinhentos, por se haverem amontoado os juros do primitivo capital, em que nunca se mexeu.

ALFREDO — Esse dinheiro, averbado em nome de Margarida de Alifães, *viva para todos*... Mor-

ALBUM THEATRAL

(COMEDIAS)

Duas lições n'uma só.
Um anjinho da pelle do diabo.
A boceta de Pandora.
Em quanto ladra o Tobias.
O ditoso fado.
O que fazem as rosas.

THEATRO DE LUIZ DE ARAUJO

Um marido em suores frios.
A carestia dos alimentos.
Grandes afflicções d'um esposo.
As touradas de José Diogo.
O grande chocolate de Mathias Lopes.
A baroneza dos dentes.
O passeio publico á noite.
A carreira do snr. Carreira.
O doutor João da Cruz.

F. XAVIER DA SILVA

O carnaval no convento.

R. CORDEIRO

Um cura d'almas.
A chave d'ouro.

R. DE LIMA

Vingança de mulher.

A. ALBANO

O mestre de dança, traducção.

COKE JUNIOR

Amores de 50 annos.

C. CASTELLO BRANCO

Agostinho de Ceuta.
Espinhos e flôres.
Justiça.
Marquez de Torres-Novas.
Poesia ou dinheiro?
Purgatorio e paraiso.
Morgado de Fafe em Lisboa.
Morgado de Fafe amoroso.
Abençoadas lagrimas.
Ultimo acto.
O condemnado.
Theatro comico.

DIAS GUIMARÃES

O poder do ouro.
André, o fabricante.

MENDES LEAL

Pedro.
Os homens de marmore.
Os homens d'ouro.
Herança do chanceller.
A pobreza envergonhada.
Alva estrella.

PINHEIRO CHAGAS

A morgadinha de Val-Flôr.
A Judia.

MENDES LEAL (ANTONIO)

Abel e Caim.
Uma victima.
Dôr e amor.

BRAZ MARTINS

Bons fructos de ruim arvore.
Gabriel e Lusbel ou o thaumaturgo.

CASTRO SOROMENHO

Nobreza do artista.
Amores de um deputado.
Maldita exposição!
Triste fado!
Por causa d'um clarinete.
A má lingua do mestre Nicóla.
Maleficio na familia.
Os estroinas.
A mala do senhor Bexiga.
Os sargentos da revolta.
Casamento da Grã-Duqueza.
Resonar sem dormir.
Um casamento á pistola.
Atribulações d'um estudante.

JOÃO DE DEUS

(THEATRO DE SALA, DE MÉRY)

Amemos o nosso proximo.
Ser apresentado.
Ensaio de casamento.
A viuva inconsolavel.

E. BIESTER

Os diffamadores.

RANGEL DE LIMA

Visão redemptora.

MOUTINHO DE SOUSA

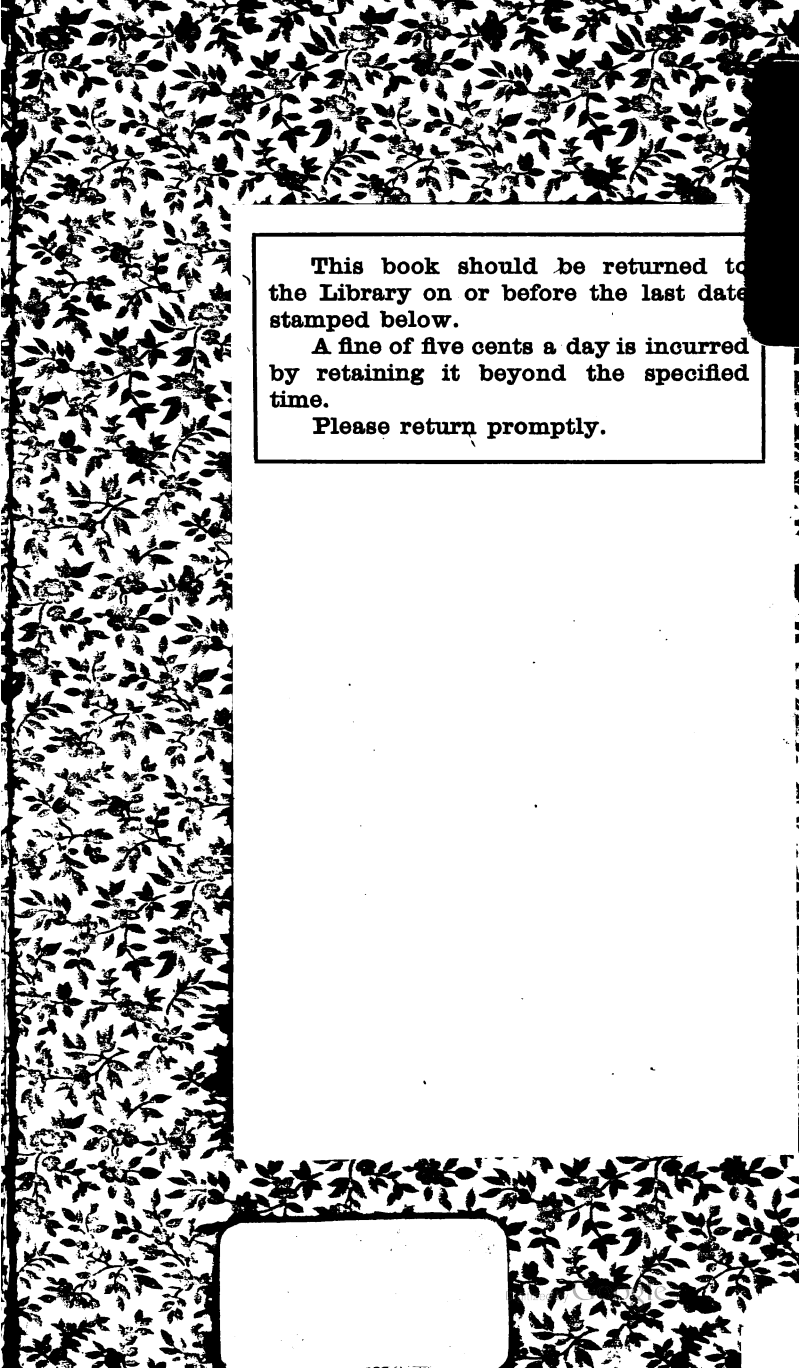
Amor e honra.

ALMEIDA BRAGA

O fructo da obediencia.
Desgraça e ventura.

ALBERTO ESTANISLAU

A condemnada.

ARCHIVO THEATRAL

7 VOL.

O SINO DAS DUAS HORAS